

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES**  
**CURSO DE BIBLIOTECONOMIA**

**SANIELLY IANAR ALVES DE LIMA**

**CLARICE LISPECTOR POR ENTRELINHAS:  
UM OLHAR SOBRE SUAS FONTES BIOGRÁFICAS**

Maceió

2020

SANIELLY IANAR ALVES DE LIMA

**CLARICE LISPECTOR POR ENTRELINHAS:  
UM OLHAR SOBRE SUAS FONTES BIOGRÁFICAS**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Biblioteconomia, da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) como requisito parcial para a obtenção do título acadêmico de Bacharelado em Biblioteconomia.

Orientadora: Profa. Dra. Roberia de Lourdes de Vasconcelos Andrade.

Maceió

2020

**Catálogo na fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca Central**  
**Divisão de Tratamento Técnico**

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

- L732c Lima, Sanielly Ianar Alves de.  
Clarice Lispector por entrelinhas : um olhar sobre suas fontes biográficas /  
Sanielly Ianar Alves de Lima. – 2021.  
107 f.
- Orientadora: Roberia de Lourdes de Vasconcelos Andrade.  
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Biblioteconomia) –  
Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas,  
Comunicação e Artes. Maceió, 2020.
- Bibliografia: f. 95-99.  
Apêndices: f. 101-107.
1. Lispector, Clarice, 1920-1977. 2. Fontes de informação. 3. Biografia. 4.  
Análise de conteúdo (Comunicação). I. Título.

CDU: 025.5

SANIELLY IANAR ALVES DE LIMA

**CLARICE LISPECTOR POR ENTRELINHAS:  
UM OLHAR SOBRE SUAS FONTES BIOGRÁFICAS**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Biblioteconomia, da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) como requisito parcial para a obtenção do título acadêmico de Bacharelado em Biblioteconomia.

Aprovado em: **05 / 06 / 2020.**

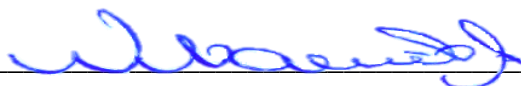
**Banca Examinadora**



Profª. Dra. Roberia de Lourdes de Vasconcelos Andrade – UFAL (Orientadora)

Profª. Dra. Francisca Rosaline Leite Mota – UFAL (Examinadora Interna)

Prof. Dr. Marcos Aparecido Rodrigues do Prado – UFAL (Examinador Interno)



Profª. Dra. Nelma Camelo de Araújo (Coordenadora do Curso de Biblioteconomia – UFAL)

*Para:  
“Minha família e Amigos,  
gente querida da minh’ alma”*

## AGRADECIMENTOS

Ao Deus da minha vida, a quem amo acima de tudo. A Ele, a minha eterna gratidão por sua bondade e misericórdia todos os dias da minha vida.

À minha família, pelo amor, cuidado, carinho e apoio cotidianamente e de modo incondicional.

À minha amiga Maria de Fátima, pela leitura e revisão cuidadosa de meu texto. Maria, ao longo de mais de dez anos a sua amizade e a das meninas, (Juliana e Izabella), têm sido preciosa. Vocês são o que o curso de Letras me deu de mais precioso.

À Universidade Federal de Alagoas, que me proporcionou pela segunda vez cursar uma nova graduação, sendo sempre um lugar de voz, discussão, interação e conhecimento.

À Biblioteconomia, que de modo inesperado me encontrou e por ela, hoje, existe o fascínio e o desejo de ser bibliotecária.

Aos meus colegas de turma, que tive o privilégio de conhecer e conviver durante todo esse tempo, em especial às minhas queridas parceiras e amigas: Laís Regina e Laís Santos. A vocês, meninas, meu agradecimento pelo companheirismo e amizade que construímos juntas. À Laysa Lorena, pela grata ajuda na elaboração dos questionários realizados neste trabalho.

A todos os meus professores, pelo conhecimento transmitido e o convívio amigo e diário. Vocês foram a minha fonte de informação e continuam provocando o desejo de permanecer aprendendo.

À professora Roberia de Lourdes de Vasconcelos Andrade, pela orientação cuidadosa e o diálogo permanente. Roberia, querida, tê-la como orientadora foi um presente e um prazer, de fundamental importância para a realização desta pesquisa. O modo atencioso como conduziu a orientação ao meu trabalho foi indescritível.

Aos queridos professores e amigos Marcos Prado e Francisca Rosaline Mota, que de forma carinhosa realizaram, cuidadosamente, a leitura deste trabalho. A vocês, Marcos e Rosa, agradeço a amizade sincera e o ensinamento constante.

À professora Maria de Lourdes de Lima, pelas referências teóricas que me foram dadas ainda no processo inicial de construção deste trabalho, e que de maneira determinante direcionaram o andamento de minha escrita.

Ao professor e amigo, Roberto Sarmiento Lima, de quando cursei Letras entre os anos de 2008 a 2012. Roberto, obrigada por suas orientações acerca das biografias sobre Clarice; o seu olhar literário me fez perceber o quanto a vida de Clarice está presente em sua obra. As

aulas de Teoria da Literatura me fizeram enxergar o texto literário de maneira diferente, e o conhecimento adquirido permanece até hoje.

À professora Susana Souto Silva, pelos esclarecimentos feitos no processo de busca e das biografias sobre Clarice Lispector.

Ao professor Ricardo Iannace, pelo diálogo agradável e esclarecedor que tivemos a respeito da literatura de Clarice Lispector e a intrínseca relação com a pintura.

À Nádia Battella Gotlib e a Benjamim Moser, autores das duas biografias analisadas, minha sincera gratidão por contribuírem com este trabalho por meio dos questionários e me mostrarem um novo olhar sobre Clarice.

À extraordinária Clarice Lispector. Ela foi e é uma fonte de inspiração e informação inesgotável para aqueles que, como eu, deleitam-se sobre a sua vida e sua literatura. Ao ler Clarice, percebo que a tessitura literária é uma engrenagem em movimento: é preciso ter o domínio porque num momento é mistério, num outro, descoberta.

O meu amor e a minha gratidão a todos.

*“Em mim a criação se processa numa mistura de palavra, ideia. É claro que tenho o ato deliberador, mas precedido por uma coisa qualquer que não é de modo algum deliberado.”*

Clarice Lispector à Olga Borelli, *Esboço para um possível retrato*, 1981, p.77.

*“Para ela, a palavra era um objeto a ser tateado no escuro. Nunca inventava uma história, para depois ‘transcrevê-la’. Não - suas histórias, os ‘enredos’ de seus contos ou romances brotavam desse mergulho onde as palavras, segundo Carlos Drummond de Andrade, se encontram em estado de dicionário, à espera de quem venha desvendar-lhes o segredo.”*

Olga Borelli, *Esboço para um possível retrato*, 1981, p. 77.



## RESUMO

Este trabalho propôs-se fazer um estudo acerca das fontes biográficas a respeito da escritora Clarice Lispector considerada, pela crítica literária, como uma das principais referências da literatura brasileira do século XX. Por reconhecer que a vida e a obra de Clarice Lispector transcendem a tessitura do texto literário, decidiu-se, sob uma análise de conteúdo, examinar duas biografias produzidas sobre Clarice Lispector das sete que foram encontradas durante a elaboração deste estudo. As fontes de informação, como sendo um dos estudos da Biblioteconomia, possibilitam o fornecimento de respostas específicas. As biografias, enquanto fontes de informação secundárias, constituem-se uma espécie de filtro de dados ordenados entre si sobre uma determinada pessoa. Assim sendo, ao compreender a figura de Clarice Lispector como fonte informacional, a pesquisa averiguou e categorizou os conteúdos informacionais que se encontram registrados nessas biografias. Para, além disso, verificou-se o quantitativo das obras biográficas para então selecionar as que seriam analisadas, por critérios estabelecidos; determinaram-se as categorias de análise; pontuou-se de quais outras fontes de informação foram originadas as biografias sobre a autora; e apontou-se, se nelas há traços que dialogam com a produção literária da autora. Deste modo, pelo estabelecimento categórico e analítico dessas obras, delimitou-se o diálogo permanente entre a fonte biográfica e o texto literário da escritora, sobretudo pelo conteúdo biográfico. Logo, as fontes biográficas analisadas sobre a autora foram de suma importância, pois revelaram ao leitor dados cruciais sobre Clarice Lispector. Diante disso, foi possível traçar uma linha dialógica e tênue entre a biografia e a literatura. Assim, compreendeu-se que as biografias a respeito de Clarice Lispector reúnem um conjunto de informações sobre os aspectos sociais, estéticos e literários em que a autora está inserida e, por isso, a presente discussão torna-se relevante.

**Palavras-chave:** Fontes de Informação. Biografia. Análise de Conteúdo. Clarice Lispector.

## ABSTRACT

This work proposed to make a study about the biographical sources about the writer Clarice Lispector considered, by the literary critic, as one of the main references of the Brazilian literature of the 20th century. Recognizing that Clarice Lispector's life and work transcend the fabric of the literary text, it was decided, under a content analysis, to examine two biographies produced on Clarice Lispector of the seven that were found during the preparation of this study. The sources of information, as one of the studies of Librarianship, make it possible to provide specific answers. Biographies, as secondary sources of information, constitute a kind of filter of data ordered among themselves about a certain person. Therefore, when understanding the figure of Clarice Lispector as an informational source, the research investigated and categorized the informational contents that are registered in these biographies. In addition, the number of biographical works was verified and then selected those to be analyzed, according to established criteria; the analysis categories were determined; it was pointed out from which other sources of information the biographies about the author originated; and it was pointed out, if there are traits in them that dialogue with the author's literary production. In this way, due to the categorical and analytical establishment of these works, the permanent dialogue between the biographical source and the writer's literary text was delimited, above all by the biographical content. Therefore, the biographical sources analyzed about the author were extremely important, as they revealed crucial data about Clarice Lispector to the reader. Given this, it was possible to draw a dialogical and tenuous line between biography and literature. Thus, it was understood that the biographies about Clarice Lispector bring together a set of information about the social, aesthetic and literary aspects in which the author is inserted and, therefore, this discussion becomes relevant.

**Keywords:** Information sources. Biography. Content analysis. Clarice Lispector.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Distribuição das categorias aplicadas nas biografias.....	79
Quadro 2 – Apresentação das datas referentes ao nascimento de Clarice.....	80
Quadro 3 – As línguas faladas por Clarice e o processo de fala e aprendizagem .....	80
Quadro 4 – O traço literário em detrimento dos caminhos percorridos por Clarice .....	81
Quadro 5 – O traço sociológico em detrimento dos caminhos percorridos por Clarice.....	82
Quadro 6 – As diferentes profissões de Clarice Lispector .....	85
Quadro 7 – Os diferentes nomes utilizados por Clarice .....	86
Quadro 8 – A produção literária clariceana sob o aspecto da linearidade.....	87
Quadro 9 – A construção da fonte biográfica de Nádia Battella Gotlib (2013) .....	88
Quadro 10 – A construção da fonte biográfica de Benjamim Moser (2017) .....	89

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>2</b>	<b>O OLHAR DA TEORIA SOBRE AS FONTES DE INFORMAÇÃO</b> .....	16
2.1	Conceitos e Tipologias .....	16
2.2	As fontes informacionais no processo de produção biográfica clariceana.....	19
2.3	Fonte de informação biográfica: Realidade ou Ficção? Ciência ou Arte?.....	21
<b>3</b>	<b>SOBRE O VIÉS BIOGRÁFICO: NOVAS DESCOBERTAS ACERCA DA LITERATURA DE CLARICE LISPECTOR</b> .....	28
3.1	Clarice Lispector: a inesgotável fonte de informação .....	28
3.2	A literatura de Clarice: biografia e ficção .....	31
<b>4</b>	<b>METODOLOGIA</b> .....	35
4.1	Tipo de pesquisa .....	35
4.2	Universo e Amostra.....	36
4.3	Instrumento de coleta e análise de dados .....	37
<b>5</b>	<b>CLARICE LISPECTOR: VIDA E OBRA SOB A PERSPECTIVA DAS FONTES BIOGRÁFICAS</b> .....	40
5.1	A visão crítica-literária na biografia de Nádya Battella Gotlib.....	40
5.2	Sobre Clarice, o conteúdo sociológico na produção biográfica de Benjamim Moser .	54
<b>6</b>	<b>AS PROXIMIDADES E DISTÂNCIAS ENTRE “CLARICE: UMA VIDA QUE SE CONTA” E “CLARICE, UMA BIOGRAFIA”</b> .....	77
<b>7</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	92
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	96
	<b>APÊNDICES</b> .....	101

## 1 INTRODUÇÃO

“A informação pode ser um conhecimento inscrito sob a forma escrita, oral ou audiovisual. Ela comporta um elemento de sentido e é transmitida a um ser consciente por meio de uma mensagem inscrita.” (LE COADIC, 1996, p.5).

Clarice Lispector é de fato uma referência na literatura brasileira. Escritora modernista, sua vida e obra não ficaram no esquecimento e as fontes biográficas ao seu respeito revelam isso.

As biografias escritas por alguns autores, nos últimos anos, são fontes esclarecedoras para a compreensão da escritora ucraniana. Mais ainda, elas ampliam a visão sobre Clarice Lispector que vão desde os dados sobre a vida e alcançam o seu fazer literário; confirmando a noção de que a biografia, como fonte de informação, propicia ao leitor o acesso ao conhecimento sobre um determinado assunto.

O universo das fontes de informação parece ser bem peculiar para se compreender a relevância da biografia no processo de divulgação da informação. As fontes biográficas sobre Clarice formulam os diversos perfis dessa autora que se aventura pela própria linguagem.

Logo, o olhar biográfico revela várias “Clarices”, especialmente porque para cada perfil ela se mostra de forma distinta e isso não é mera impressão. Essa revelação se dá por meio das inúmeras fontes que compõem suas biografias e da intrínseca relação entre sua vida e obra.

Dessa forma, as biografias ocupam um espaço privilegiado no cenário das fontes de informação, porque ao mesmo tempo, registram, esclarecem, detalham, relatam, revelam e informam; Por conseguinte, isso denota o seu papel que consiste em disseminar informação para a sociedade. Para, além disso, as biografias sobre Clarice refletem o seu próprio processo de escrita literária e essa reflexão se faz pela apropriação dos fatos narrados mediante a construção de sua literatura.

Portanto, a problemática dessa pesquisa perpassa sobre a seguinte indagação: Os conteúdos informacionais biográficos sobre Clarice Lispector são produtos de interferência do processo de escrita dos biógrafos?

Diante disso, a pesquisa que aqui se inicia justifica-se, antes de tudo, por ser um gosto pessoal enveredar sobre a vida e obra de Clarice Lispector, por ter sido objeto de estudo do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), quando fiz Letras-Literatura Brasileira, pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL), entre os anos de 2008 a 2012, e, sobretudo, por

ressaltar a relevância do estudo das fontes de informação no âmbito da Biblioteconomia acentuando-se o caráter interdisciplinar e disseminador da área.

Nesse sentido, o **objetivo geral** consiste em: Investigar os conteúdos informacionais contidos nas biografias produzidas acerca de Clarice Lispector.

Para atingir a finalidade deste trabalho traçaram-se os seguintes objetivos específicos:

- a) Averiguar e categorizar os conteúdos informacionais que se encontram registrados nessas biografias;
- b) Verificar o quantitativo das obras biográficas existentes no âmbito nacional e internacional;
- c) Pontuar de quais fontes de informação originou-se as biografias sobre Clarice Lispector;
- d) Apontar se há traços que dialogam com a produção literária de Clarice Lispector.

Diante disso, o presente estudo estabelece dois pressupostos: o primeiro é de que o número de obras biográficas sobre Clarice Lispector seja pequeno, visto que não há tantas referências de biografias a seu respeito. Uma evidência dessa pequena quantidade é que para estabelecer esta análise foram encontradas apenas (sete) produções biográficas, das quais foram selecionadas apenas duas. O segundo pressuposto é de que grande parte das fontes biográficas sobre Clarice nasceu sob o olhar da crítica literária.

É importante ressaltar que o contexto geográfico das produções biográficas sobre Clarice aponta para a existência de obras nacionais e internacionais (originais e traduções). A escolha das biografias, para este trabalho, se dá, nesse sentido, mediante a busca de uma produção biográfica que seja o registro pioneiro da vida e da obra de Clarice Lispector no Brasil, e outra que, evidencie a repercussão da obra clariceana a nível mundial.

A relevância desta pesquisa, para a formação acadêmica, reside no fato de trazer à tona reflexões teóricas sobre as fontes de informação biográficas, demonstrando que estas não são fontes de aspecto apenas cronológico, e sim instrumentos que intervêm na construção de outras fontes como a Literatura. Em se tratando das biografias sobre Clarice, elas traçam uma linha dialógica e tênue entre fonte biográfica e literária.

Além disso, a pesquisa oportuniza observações quanto à atuação profissional do bibliotecário mediante o processo de busca e a seleção de fontes de informação que atenda às necessidades de seus usuários. O bibliotecário, neste sentido, é agente disseminador e mediador da informação e, para, além disso, aquele que organiza e orienta o processo de busca pela informação. No tocante à construção das produções biográficas, por exemplo, o

trabalho propõe pensar de quais formas se deu a procura de informações dos biógrafos para suas produções biográficas e de que modo o bibliotecário contribuiu para que esta procura fosse satisfatória.

Dessa maneira, buscou-se examinar as fontes biográficas de Clarice Lispector, mediante uma análise de conteúdo, como produtos de interferência tanto no processo de escrita literária da autora quanto no exercício construtivo das próprias biografias, e quão determinante elas são para a compreensão informacional, contextual, social, estético e literário em que Clarice está inserida.

A biografia, enquanto fonte informacional, pode apontar outros dados que estão além da cronologia de fatos narrados. Em relação à Clarice, esse desdobramento permite observar seus diversos perfis e expor informações que se relacionam intrinsecamente à escrita literária da autora.

Quanto ao seu aspecto social, a pesquisa revela o valor histórico, cultural, estético, literário e, sobretudo, informacional que colaboram para a construção do conhecimento da própria sociedade a partir do momento que apresenta ao leitor dados determinantes sobre Clarice.

Uma vez traçados os objetivos, é preciso delimitar a estrutura da pesquisa que está dividida em sete seções. A primeira dedica-se a uma apresentação introdutória sobre o estudo, contextualizando a figura de Clarice Lispector em meio ao universo das fontes de informação e, principalmente, expondo a relevância de sua arte literária como instrumento de inspiração para a produção de obras biográficas.

Ainda na primeira seção, justifica-se a escolha do tema e o quanto ele é significativo para os estudos de fontes de informação na área da Biblioteconomia e o quão concomitante é com a literatura. Por fim, apresentam-se seus objetivos e descreve a parte estrutural da pesquisa.

Na segunda seção, faz-se um levantamento teórico sobre as fontes de informação e suas tipologias apresentando diversos conceitos à luz da Biblioteconomia. Além disso, aponta as outras fontes de informação que compõem a produção biográfica clariceana correlacionando esses apontamentos com as reflexões teóricas.

Ainda na seção dois, o estudo preocupa-se em analisar a biografia sob duas linhas: como fonte de informação e como gênero biográfico e o quanto o seu conteúdo pode ser relevante para a construção do conhecimento humano. Nessa perspectiva, a biografia é vista enquanto fonte e gênero e expõe-se o apontamento da linha tênue entre ficção e realidade; narrativa e história que circunscrevem a trajetória da biografia ao longo do tempo.

A terceira seção dedica-se a um levantamento de dados que torna mais pertinente a construção da pesquisa, tais como: a importância de se estudar Clarice Lispector sob o olhar das fontes biográficas. Esta seção discorre, ainda, sobre a relação particular entre o biográfico e o ficcional dentro da literatura clariceana propondo o íntimo laço entre biografia e literatura.

A quarta seção apresenta a construção metodológica da pesquisa a partir de uma análise de conteúdo e da aplicação de categorias. Propõe-se, por fim, estabelecer uma correlação entre os conteúdos informacionais contidos nas obras biográficas sobre Clarice Lispector e o seu fazer literário.

Quanto às categorias, essas se constituem dos seguintes critérios: o conteúdo das fontes biográficas sobre Clarice Lispector (acontecimentos pessoais, fontes de informação das biografias, divergências entre as obras); a cronologia dessas publicações; a autoria e os perfis dos autores.

As categorias de análise compreendem o instrumento de coleta de dados juntamente com a elaboração dos questionários (que foram enviados aos autores das duas biografias analisadas) e se constituem de suma importância para a análise final da pesquisa. Logo, como critérios de escolha compreendem o aspecto literário, o sociológico e o psicológico.

Sobre a escolha das duas biografias, esta, foi baseada em (três) critérios determinados: o literário, o sociológico e o psicológico. O literário direciona a escolha da biografia escrita por Nádya Battella Gotlib: *“Clarice: uma vida que se conta”* (2013), já o sociológico, direciona o estudo de *“Clarice, uma biografia”* (2017), de Benjamim Moser. O terceiro critério, o psicológico, circunscreve a análise das duas biografias, isto é, é o ponto de encontro entre ambas as obras.

Na quinta seção, é realizada a análise das biografias selecionadas. A primeira análise é da biografia *“Clarice: uma vida que se conta”* (2013), produzida pela escritora Nádya Battella Gotlib; a segunda é de uma produção escrita pelo americano Benjamim Moser, intitulada originalmente de *“Why this world: a biography of Clarice Lispector”*, que significa *“Por que este mundo: uma biografia de Clarice Lispector”*, cuja tradução feita por José Geraldo Couto, recebe o título de *“Clarice, uma biografia”*. A justificativa para a escolha dessas duas biografias será descrita na metodologia.

A partir da análise de conteúdo das fontes biográficas, na sexta seção faz-se um apontamento das proximidades e distâncias entre as duas fontes biográficas analisadas e, para tanto, expõe-se, por meio de quadros explicativos, a aplicação das categorias formuladas para este estudo.



Nessa fase da pesquisa, investiga-se o que é exposto simultaneamente nas duas biografias e o que é particular de cada uma, no intuito de reafirmar, por intermédio da categorização dos conteúdos, as possíveis relações entre a fonte biográfica e o texto literário.

Por fim, após a análise das produções biográficas a respeito de Clarice Lispector, são feitas, na sétima seção, as considerações finais pontuando-se a relevância do estudo sobre os conteúdos informacionais das obras biográficas de Clarice Lispector e, para, além disso, são assinaladas as reflexões derradeiras sobre a biografia enquanto fonte de informação, a qual consiste numa das vertentes de estudo da Biblioteconomia e da Ciência da Informação.

## 2 O OLHAR DA TEORIA SOBRE AS FONTES DE INFORMAÇÃO

“A biografia é um gênero híbrido. Algumas podem ser promovidas à literatura. É algo que exige grande tarimba jornalística no que se refere à apuração. Saber perguntar, tomar nota, organizar as informações. Seria bom que exigisse prática literária também, para não virar narrativa jornalística seca. Mas o que importa na biografia é a informação.” (CASTRO, 2003, *apud* VIANNA; MARQUES JÚNIOR, 2008, p. 44).

À luz da teoria, os conceitos de fontes de Informação são múltiplos e as tipologias variam de acordo com a sua composição e finalidade. Áreas de estudos da Biblioteconomia, as fontes de informação, mediante a apresentação conceitual e tipológica, permitem expor as “diversas” fontes que estão reunidas nas biografias sobre Clarice Lispector.

Entre algumas dessas fontes encontram-se: fotografias; entrevistas; notas de referências e citações de obras da autora. Segundo Baggio, Costa e Blattmann (2016, p. 33), “[...] as fontes de informação aparecem como uma ferramenta que auxilia na busca e recuperação de informações para usuários inseridos em diferentes contextos.”

Dessa forma, deve-se considerar que as fontes como instrumentos de busca da informação podem estar em qualquer contexto e se apresentar em formatos diferentes. Logo, nesta seção apresenta-se a fonte biográfica estabelecendo um questionamento quanto à sua natureza real e ficcional.

Para tanto, traça-se um parâmetro comparativo do caráter histórico e ficcional da biografia identificando-se nesse processo o percurso projetado por essa fonte que carrega sobre si relevante papel de oferecer ao leitor a informação detalhada, quer esteja à procura de um dado histórico ou literário.

### 2.1 Conceitos e Tipologias

Por certo, as fontes de informação são múltiplas, principalmente com o surgimento da tecnologia e, sobretudo com a internet, elas têm se diversificado nos mais variados formatos. Logo, satisfazer a necessidade dos usuários não tem sido uma tarefa simples justamente pela grande quantidade de informação que circula na sociedade e pela rapidez com que ela é propagada.

De acordo com Baggio, Costa e Blattmann (2016, p. 32), “[...] a informação pontual é o elemento pelo qual o usuário inicia sua busca nas diversas fontes existentes.”. Esse aspecto é pertinente, uma vez que a informação torna-se objeto central de busca e requer um sistema

complexo para que ela seja alcançada. Isto posto, a disponibilização da informação em contextos e formatos diversos faz das fontes informacionais um instrumento determinante, que orienta o usuário no seu processo de busca.

No entanto, deve-se pontuar que essa grande gama de informação não surgiu recentemente. Isso porque desde a invenção da imprensa feita por Gutenberg, no século XV, ocorreu o que se chamou de “explosão informacional”, momento em que o acesso à informação se abria para alguns grupos sociais.

O que não se pode comparar à atualidade tendo em vista que a informação parece caminhar cada vez mais por um viés “democrático”, devido à dissociação da informação enquanto fator isolado, particular, para um novo pensamento de informação popularizada que busca atingir a sociedade de maneira igualitária. Para Oliveira e Ferreira (2009, p. 70), as fontes “[...] são documentos, pessoas ou instituições que fornecem informações pertinentes a determinadas áreas.”

Essa popularização informacional permitiu o surgimento de novas fontes de informação em excesso e exigiu que se determinassem categorias de classificação das fontes considerando-se suas características.

Dessa forma, a partir do que assinalam Araújo e Fachin (2015), as fontes de informação são classificadas de acordo com suas tipologias em: Fontes Primárias; Fontes Secundárias e Fontes Terciárias, às quais Grogan (1970) denomina “documentos” e explica que:

[...] os documentos primários contêm, principalmente, novas informações ou novas interpretações de idéias e/ou fatos acontecidos; [...] documentos secundários contêm informações sobre documentos primários se são arranjados segundo um plano definitivo; são, na verdade, os organizadores dos documentos primários e guiam o leitor para eles; [...] documentos terciários têm como função principal ajudar o leitor na pesquisa de fontes primárias e secundárias, sendo que, na maioria, não trazem nenhum conhecimento ou assunto como um todo, isto é, são sinalizadores de localização ou indicadores sobre os documentos primários ou secundários, além de informação factual. (GROGAN, 1970, p. 14-15).

Nesse sentido, essa delimitação categórica estabelecida entre as fontes de informação confirma a noção de que elas são distintas, por essa razão, carregam características e finalidades diferentes e se definem como: primárias, secundárias e terciárias. A categorização permite que o agrupamento dessas fontes, a partir de suas tipologias, possibilite uma combinação entre as fontes, isto é, uma inter-relação.

O diálogo entre fontes informacionais é frequente em produções biográficas, que em sua maioria se formam por meio de outras fontes de informação. Conforme afirma Cunha

(2001, p. 45), a biografia é um “[...] tipo de documento ou fonte de informação que relata a vida e a atividade de alguém.”. Nessa perspectiva, a biografia fortalece o diálogo com outras fontes porque se apropria delas para formar sua própria composição.

As fontes de informação, por sua pluralidade, podem representar diversos aspectos, desde os sociais (conteúdos), os físicos (que correspondem ao ambiente em que se pode encontrá-las) até os organizacionais (ligados ao processo de tomada de decisão).

Essa amplitude ressalta o quão complexo é o ambiente das fontes de informação, principalmente porque não se limitam apenas à fonte em si, mas consideram-se tudo que está em volta. Deste modo, ao fornecerem respostas específicas, as fontes de informação representam:

[...] todos os materiais ou produtos, originais ou elaborados, que trazem notícias ou testemunhos, através dos quais se acessa o conhecimento, qualquer que seja este. “[...] tudo aquilo que forneça uma notícia, uma informação ou um dado.” Neste conceito, continua a mesma autora, [...] se encontram todos aqueles elementos que, submetidos à interpretação, podem transmitir conhecimento, tais como um hieróglifo, uma cerâmica, um quadro, uma partitura musical, uma fotografia, um discurso, uma tese doutoral e outros. (CARRIZO SAINERO, 1994, *apud* MORIGI; BONOTTO, 2004, p. 144).

As fontes, nesse sentido, são vistas como instrumentos que potencializam o conhecimento em quaisquer esferas, isto é, são “[...] veículos potenciais que podem possuir uma determinada informação para um determinado sujeito para satisfazer uma determinada necessidade.” (GOMES; DUMONT, 2015, p. 135).

Isso reafirma a concepção de que elas têm uma finalidade definida e, por esse motivo, sua categorização depreende satisfazer a necessidade dos usuários de forma precisa. Dessa maneira, as tipologias das fontes não são delineadas ao acaso, tem-se um sentido nisso, pois perpassa pelo intuito de tornar real a busca do usuário pela informação que ele deseja.

Ao se inserir na categoria de fonte de informação secundária, isto é, aquela que contém informações sobre as fontes primárias, a biografia sustenta a concepção de que uma fonte não é formada isoladamente, ainda que sejam as primárias. Para ser uma fonte, é preciso reunir fatos, compor ideias, estabelecer reflexões e essas ações necessitam de pesquisa, de busca por outras fontes, como dados estatísticos, fotografias, depoimentos, entre outros.

Na biografia, essa reunião de fontes é peculiar, porque além de acrescentar maior significado à sua produção, proporciona também o entendimento mais relevante das fontes originárias (primárias) que lhe serviram de base para a sua composição.

Nisso, é estabelecida a seguinte percepção: de que as fontes secundárias, como a biografia, dependem de outras fontes para existir como uma natureza que se correlaciona com outras naturezas, às quais possuem características distintas, mas que se complementam e propiciam o sentido mais amplo de si e das fontes que foram usadas.

Dessa maneira, vale assinalar que a composição da biografia, como fonte de informação, vai além do processo de escrita de dados sobre alguém. É necessária a investigação simultânea, a busca incessante por fontes precisas, que assegurem maior exatidão.

No subcapítulo seguinte, serão expostas algumas dessas tipologias de fontes de informação que integram a fonte biográfica conferindo-lhe, um significado plural no tocante ao seu conteúdo.

## **2.2 As fontes informacionais no processo de produção biográfica clariceana**

Para se produzir uma biografia, é preciso muito mais do que pontuar os principais fatos vividos por quem está sendo biografado. Faz-se necessário uma busca aprofundada de informações que certifiquem com clareza o texto biográfico.

De acordo com Campello e Caldeira (2008, p. 44), a biografia, na qualidade de gênero histórico-literário, é entendida “[...] como um tipo de obra dedicado à vida de uma pessoa especial, difere da simples informação biográfica sobre um indivíduo, em termos de conteúdo, finalidade e estilo”. Isso fortalece a noção de que a biografia necessita de elementos que complementem sua construção.

Nessa perspectiva, as biografias sobre Clarice Lispector têm essa arquitetura de forma visível, uma vez que a presença de outras tipologias de fontes informacionais está presente ao longo dos textos e possibilitam construir reflexões. Assim, suas fontes biográficas organizam-se mediante a algumas tipologias como: Fotografias; Entrevistas; Notas de referências; e as Citações.

Todavia, é preciso salientar que essas tipologias de fontes informacionais não estão presentes em todas as biografias da autora e não são as únicas. O intuito, na realidade, é a afirmação de que a biografia, como qualquer fonte de informação, não é um elemento isolado, mas necessita de outras fontes para sua composição.

As fotografias, por exemplo, são de suma importância, porque contextualizam a narrativa e principalmente dialogam com o que está sendo escrito. Segundo Nobre e Gico (2011), a fotografia é:

[...] um signo com uma linguagem específica e peculiar, relaciona-se com a cultura do seu produtor, sendo parte dela e representando-a. Ela carrega códigos que auxiliam na identificação do referente. São códigos visuais que permitem o conhecimento de nós mesmos, assim como a cultura que ela retrata. É nesse processo de criação e autoconhecimento que as referências culturais são construídas e construtoras daquilo que é produzido. (NOBRE; GICO, 2011, p. 110-111).

A fotografia, na produção biográfica, consiste numa das formas de representação que, mediante suas características particulares, promove a assimilação mais detalhada daquele que está sendo biografado. A figura de Clarice Lispector, bem como toda sua trajetória retratada nas biografias, parece estar fortalecida por meio das fotografias, expressando um toque de realidade, de existencialismo, além de proporcionar entendimento cronológico dos fatos narrados.

As entrevistas como instrumentos de coleta de dados também são fontes de informação fundamentais para composição da biografia. Isso porque a entrevista, conforme pontua Lakatos (2010, p. 178-179), “[...] é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional.”

As biografias sobre Clarice que se apropriam dessa fonte parecem se valer de um importante instrumento de pesquisa, uma vez que, a partir dos depoimentos dados em entrevistas por pessoas que conviveram de perto com a autora, é possível construir diversos perfis de sua figura.

Quanto às notas de referências, estas são recursos representativos, pois não só situam o leitor sobre o que está sendo dito, como também oferecem novas fontes que contribuem para a construção do texto biográfico. Em algumas biografias sobre Clarice, as notas são esses elementos norteadores que provocam desdobramentos, novas informações, novas fontes, que possuem caráter explicativo sobre o que já foi escrito.

Logo, essas fontes diversas que compõem algumas das biografias sobre Clarice possibilitam ao biógrafo o encontro mais profundo com informações que estão para além daquelas expostas nas narrativas biográficas.

As citações, por sua vez, segundo Vanz e Caregnato (2003, p. 297), “[...] é um tipo de *‘metabolismo humanístico’* onde é preciso digerir tudo o que já foi produzido, amadurecer o conhecimento adquirido, para então se produzir novos textos”. Por conseguinte, as citações configuram-se como um instrumento de busca que corrobora para sustentar uma determinada informação.

Em algumas das obras biográficas sobre Clarice Lispector, nota-se a presença recorrente das citações de obras da própria Clarice funcionando não apenas como um elemento sustentador das informações apresentadas, mas também como sinalizador da proximidade existente entre a narrativa biográfica e a literária, produzida pela própria autora.

Para Silveira e Bazi (2010, p. 2), as citações representam “[...] vínculos semânticos que se estabelecem com as ideias, pensamentos, conceitos, metodologias, resultados, etc.”. E de fato são, uma vez que carregam em si conteúdos que juntos dialogam sobre a figura do biografado e sustenta a escrita do biógrafo. Ainda segundo os autores, as citações expressam “[...] o grau de contribuição e relevância de trabalhos existentes com os que estão sendo desenvolvidos.”

Diante disso, toda essa diversidade das fontes de informação que compõem a produção biográfica de Clarice Lispector consolida a tese de que a biografia, enquanto fonte, não é elaborada de maneira separada. Ao contrário disso, ela é fruto de uma pesquisa minuciosa de documentos distintos que colaboram para a sua formação. E as origens distintas das fontes que cedem esses documentos determinam a riqueza de conteúdo que integram as biografias da autora.

Essa pluralidade das fontes de informação inserida em algumas obras biográficas sobre Clarice provoca o dilema que paira a respeito da “Biografia”. Como é possível classificá-la, se no decorrer de seu percurso caminha para o entrave entre a História e a Literatura? Como determinar se sua composição é feita de traços reais ou ficcionais? Essas são algumas das indagações que permeiam a biografia, quer seja fonte, quer seja gênero textual, as quais serão discutidas no subcapítulo a seguir.

### **2.3 Fonte de informação biográfica: Realidade ou Ficção? Ciência ou Arte?**

O dilema dicotômico da biografia é percebido até mesmo em sua origem enquanto vocábulo. Derivada de dois termos gregos: *bios* (vida) e *graphein* (escrever), a biografia sinaliza segundo Vianna e Marques Júnior (2008, p. 43), “[...] a ideia de narrativa, descrição, registro ou história de vida de uma pessoa.”

Estabelecer uma categoria classificatória para a biografia não é um exercício fácil, principalmente quando se considera seu aspecto antigo (quanto à sua existência). Logo, a dificuldade em estabelecer uma definição para a biografia é justificada pelas distintas características apontadas por Borges (2011): “gênero composto”, “híbrido”, “controverso”, “problemático”, “confuso”, “duvidoso”.

O que se pode determinar é que, dependendo de sua finalidade, a biografia pode ser identificada ora como realidade ora como ficção e, nesse contexto, predetermina-se o conflito entre Ciência e Arte. “Mais discutida do que as origens da heteronomia no poeta português é a temática do biografismo, um gênero literário e historiográfico no qual o hibridismo origina paixões, censuras e tensões.” (SILVA, 2009, p. 152).

No viés da Ciência, a biografia é vista como fonte histórica, ou seja, pertencente à História. Em contrapartida, se vista pelo viés da Arte, a biografia apresenta-se como gênero textual narrativo e, portanto, inserida no campo da Literatura, ou seja, ficção. Para Dosse (2009):

[...] a biografia se tornou com o passar do tempo, um discurso de autenticidade, remetendo à intenção de verdade por parte do biógrafo. Entretanto, permaneceu a tensão entre essa ânsia de verdade e uma narração que deve passar pela ficção e que situa a biografia num ponto médio entre ficção e realidade histórica. (DOSSE, 2009, p. 12).

Assim, supõe-se que essa fonte insere-se numa linha tênue entre o real e o ficcional sustenta a ideia de que a biografia em sua natureza não é homogênea, isto é, ela é formada a partir da mistura dessas duas vertentes que, embora distintas, dialogam entre si e conferem à biografia um valor, quer seja histórico/científico, quer seja artístico/literário. Ainda de acordo com Dosse (2009):

O gênero biográfico ressalta a diferença entre identidade propriamente literária e identidade científica. Por sua posição intermediária, suscita a mescla e o hibridismo, ilustrando tensões vivas a convivência sempre existente entre literatura e ciências humanas. (DOSSE, 2009, p. 68).

Segundo Borges *et al.* (2011, p. 214): “A própria vida do biografado fornecerá pistas para outras fontes, como sua produção no campo da arte, da indústria, da política, da ciência etc.”. Portanto, a hibridização presente na biografia, não é voluntária, ela é condicionada por vezes pela relação entre biógrafo e biografado. Logo, mediante a caracterização desse valor, estabelece-se que:

A busca pela informação biográfica pode referir-se a uma simples questão sobre datas, formação, filiação, etc. a respeito de uma pessoa, ou ainda, a fatos mais complexos sobre sua atuação e/ou influência em determinado setor de atividade, por exemplo. [...] a biografia pode servir como recurso para obtenção de informações as mais diversas possíveis, sobre um período histórico. (VIANNA; MARQUES JÚNIOR, 2008, p. 43).



Dessa forma, a biografia possibilita a ampliação da busca pelo que se procura, uma vez que não se limita apenas a dados pessoais de quem está sendo biografado, mas também pode auxiliar no encontro de informações que estão para além do aspecto pessoal desse indivíduo.

As fontes biográficas, segundo Martin Vega (1994) *apud* Vianna e Marques Júnior (2008, p. 44) são “[...] documentos [...] que fornecem dados fundamentais (do tipo quem é, onde nasceu, o que fez, onde se formou, onde vive sobre a vida de pessoas pertencentes ao passado, ou vivas no presente [...]).”

Sobretudo, a biografia, quando fonte de informação, pode ser vista de acordo com Vianna e Marques Júnior (2008, p. 43), como “[...] recurso para obtenção de informações as mais diversas possíveis sobre um período histórico, uma nação, uma instituição”. Nesse sentido, a biografia propicia ao biógrafo a construção de um texto que advém de fontes diversas, como uma coletânea.

A biografia, talvez por sua origem, ou seu trajeto percorrido ao longo da história e por seu aspecto híbrido e controverso assegura a representação de gênero intrigante. No entanto, ao se observar que desde a sua origem até os dias atuais a biografia tem se reinventado e revela que, mais do que misterioso, trata-se de um gênero inspirador.

Sua pluralidade é notável ao se considerar que diversos tipos de textos podem ser vistos como biografias, tal qual pontua Borges *et al.* (2011, p. 204), “[...] desde um verbete em dicionários de figuras políticas, literárias, até relatos em filmes, documentários, programas de televisão, etc.”

Por seu caráter antagônico, a biografia, durante muito tempo, opôs-se à História por diversas razões, mas a principal delas é que a biografia ora foi vista como ciência, ora como literatura. E esse é um sério motivo para trazê-la à tona e levantar reflexões a seu respeito. A História, por sua vez, apropriou-se da biografia para contar fatos do seu próprio caminho e, nesse caso, sempre se apresentou como ciência.

[...] a biografia provoca um polêmico questionamento à absoluta distinção entre um gênero verdadeiramente literário e uma dimensão puramente científica, suscitando a mescla, o hibridismo, e expressa, assim, tanto as tensões como as convivências existentes entre literatura e Ciências Humanas. (AVELAR, 2010, p. 161).

Desse modo, a biografia foi reconhecida, conforme afirma Del Priore (2009, p. 7), “[...] como uma das primeiras formas de história.”. Essa afirmação estabelece de fato o clássico papel da biografia que consiste em narrar fatos e acontecimentos sobre a vida de uma pessoa; e, portanto, também é história.

A biografia, conforme descreve Del Priore (2009, p. 7), “[...] mudou ao longo dos tempos” e de sua relação com a História e seus momentos. O Renascimento Cultural ocorrido no século XIV evocou a exaltação ao indivíduo e deixou para trás o teocentrismo que imperou durante a Idade Média. Del Priore (2009) ainda pontua que o homem tornou-se o centro. Essa visão antropocêntrica foi determinante para o desenvolvimento da biografia.

As bases que sustentavam o Movimento Renascentista, candidatando o indivíduo como centro do mundo, acresceram a quantidade de produções biográficas. O individualismo, que também foi foco nos séculos posteriores, concretizou a formalização do conceito de biografia tal qual assinala Del Priore (2009, p. 8), como “[...] palavra que dicionarizada em 1721, designava um gênero que tinha por objeto a vida dos indivíduos.”

No século XIX, a biografia confabulou para a construção do ideal de “nação” no intuito de imortalizar heróis, reis, personalidades de grande relevância para a história da humanidade. Entretanto, esse olhar para os grandes nomes da história social limitou a produção biográfica e esse fator culminou para o surgimento de uma “nova” concepção acerca da biografia.

A reconstrução do gênero parte, agora, da ideia de contar a história não mais dos grandes nomes, mas sim a história de uma época por meio de uma pessoa que faça parte desse contexto, que de algum modo tenha contribuído para este momento. Então:

A biografia não era mais a de um indivíduo isolado, mas, a história de uma época vista através de um indivíduo ou de um grupo de indivíduos. Ele ou eles não eram mais apresentados como heróis, na encruzilhada de fatos, mas como uma espécie de receptáculo de correntes de pensamento e de movimentos que a narrativa de suas vidas torna mais palpáveis, deixando mais tangível a significação histórica geral de uma vida individual. (DEL PRIORE, 2009, p. 9).

Nesse contexto, a biografia abandona a prática da “hagiografia”, que conforme Del Priore (2009) concentra-se na revelação de vidas exemplares como as dos santos e passa a dar relevância àqueles que não são tão célebres, ou seja, abrem-se nos textos biográficos os espaços para o indivíduo comum em detrimento ao grandioso.

Desta maneira, a biografia deixa para trás o caráter tradicional, superficial, anedótico e cronológico descrito por Jacques Le Goff (1990) e sucede agora como uma nova maneira de contar uma história, isto é, não mais pelo olhar direcionado a uma só pessoa, mas por meio dessa mesma pessoa, visando enxergar a história de tantas outras maneiras.

De acordo com (LE GOFF, 1989, *apud* BORGES *et al.*, 2011, p. 209): “A biografia é um complemento indispensável da análise das estruturas sociais e dos comportamentos

coletivos”. Essa colocação sustenta a tese de que no indivíduo reside a chance de compreensão das questões sociais e das relações coletivas.

Logo, a biografia de um indivíduo reflete a vida de outros, conforme afirma Del Priore (2009, p. 10): “[...] uma biografia pode conter várias outras. Enfim, uma vida pode contar outras tantas.”. Todavia, para se revelar dessa forma, a biografia então desfaz a separação que há entre indivíduo e sociedade, e, nesse ponto, considera o contexto social como sendo um elemento capaz de interferir em sua produção. Nesse sentido:

O indivíduo não existe só. Ele só existe “numa rede de relações sociais diversificadas”. Na vida de um indivíduo, convergem fatos e forças sociais, assim como o indivíduo, suas ideias, representações e imaginário convergem para o contexto social ao qual pertence. (DEL PRIORE, 2009, p. 10).

Essa intrínseca relação com o contexto social permitiu que novos conceitos e novas formas de ver a biografia como um gênero dialógico surgisse anos mais tarde, conforme discorre Silva (2009):

[...] a construção de uma biografia exige o diálogo com as diferentes formas de controle simbólico do tempo e da individualização nas sociedades humanas, na busca de traduzir uma experiência de duração e estruturas imaginativas que relacionam uma vida e suas relações com a cultura na qual se insere uma “vida póstuma” na qual mortos e vivos dialogam a partir das heranças dos primeiros e das carências dos segundos. (SILVA, 2009, p. 153).

Mesmo em meio ao seu aspecto “confuso”, debruçar-se sobre esse gênero parece ser bastante atrativo e relevante, uma vez que a biografia perde o seu elitismo, porém ganha em popularidade ao abrir espaços para o homem comum como seu objeto de estudo e, além disso, amplia os seus horizontes; o individual, que ainda é muito presente para o coletivo que ganha seus espaços.

A biografia cede lugar para a coletividade pelo olhar de uma só pessoa como uma espécie de espelho e esse fato lhe propõe elaborar novas formas de se contar não apenas as histórias dos grandes homens, mas também considera significativa a possibilidade de narrar a história dos homens habituais e enaltecer ainda mais o estudo desse gênero que é de suma importância para a construção de um povo, de uma sociedade.

Essa perspectiva de enxergar por intermédio do individual, o coletivo permitiu o processo de queda e ascensão do gênero biográfico justificado pela capacidade de retratar a totalidade social por meio de uma trajetória de vida pessoal. A essas duas fases que dividem o caminho da biografia colocam-se a Ciência e a Literatura como elementos opostos que

delimitaram ao longo da história os fracassos e as conquistas da biografia. À vista disso, Motta (2000) afirma que:

[...] o gênero biográfico foi duplamente desqualificado. Em termos científicos, foi associado à imprecisão e à subjetividade. Situada na fronteira entre a literatura e a história, a biografia se caracterizaria pela “promiscuidade dos vulgarizadores de baixa categoria, dos escreventes de historietas voltada para um grande público ávido por intimidades e desatento à consistência científica. (MOTTA, 2000, p. 3).

De acordo com o referido autor, essa oposição entre Ciência e Literatura provoca rompimentos no percurso da biografia, sobretudo pelo enaltecimento do indivíduo em detrimento do coletivo em que é possível construir “[...] uma via de acesso ao conhecimento social.” (MOTTA, 2000, p. 3).

As biografias e as autobiografias consolidam as distâncias científico-literárias. Ambas permitiram a construção da narrativa contando histórias de pessoas sociais. Ainda segundo Motta (2000, p. 5), a biografia “[...] vinculou-se a certo exercício apologético dos heróis nacionais, sendo considerado por isso mesmo um dos pilares do complexo processo de construção das nações.”

Outra razão determinante para o distanciamento literário e científico da biografia está, conforme pontua Motta (2000, p. 5), “[...] com a adoção de métodos documentais mais rigorosos, [...] ao mesmo tempo comprometido com a liberdade ficcional e descomprometido com o rigor de investigação e a verdade histórica.”

Mas, ainda que os distanciamentos sejam comprovados, não se podem anular os diálogos existentes entre a biografia, a literatura e as ciências. Esse contato é fundamental para justificar as ações humanas e as mudanças no tempo e no espaço. Em relação à literatura, por exemplo, a aproximação acontece na possibilidade de formação de vários “eus” construídos pelo escritor. Logo, a literatura:

[...] trabalha com a multiplicidade de pessoas que cada um é, interessa-se por qualquer homem (o chamado homem comum) e não apenas pelo “grande personagem”, trabalha de várias formas o papel do imaginário ou do vivido. Assim, a distância entre História e ficção literária é por vezes sutil. (BORGES *et al.*, 2011, p. 214).

Portanto, o que se cabe pontuar é que a relação dialética entre Biografia e Literatura não pode ser excluída, pois permite o exercício da leitura de um indivíduo que ora é real porque se insere num determinado contexto social, ora é ficcional à medida que se insere numa estrutura narrativa composta de elementos de caráter literário e, quando unidas, as

estruturas anunciam informações sobre a pessoa (que está sendo biografada), a época e o contexto social.

### **3 SOBRE O VIÉS BIOGRÁFICO: NOVAS DESCOBERTAS ACERCA DA LITERATURA DE CLARICE LISPECTOR**

“A criação artística é um mistério que me escapa, felizmente. Eu tenho medo antes, durante e depois do ato criador: acho-o grande demais para mim. E cada livro meu é tão hesitante e assustador como um primeiro livro.” (BORELLI, 1981, p. 76).

Seja como leitura literária, seja como pesquisa biográfica, Clarice é uma imagem inspiradora em qualquer forma. Sua vasta literatura justifica essa afirmativa ao narrar histórias do cotidiano por meio de personagens comuns, mas que ao mesmo tempo consegue romper com a trajetória linear das narrativas construindo uma escrita singular e intimista.

As biografias produzidas ao seu respeito também carregam a singularidade e o intimismo de seu fazer literário porque se apropriam destas características para sua própria composição, embora isso não seja um ponto comum entre todas as biografias.

Nos capítulos que se seguem, serão expostas algumas considerações sobre a figura de Clarice Lispector enquanto fonte de informação incessante que, sob o olhar da crítica literária, é vista como uma aventureira cujos caminhos são por regiões desconhecidas, mas que faz esse percurso conscientemente.

Logo, o que mais chama a atenção é a maneira como sua escrita literária coopera para a construção das biografias a seu respeito, ou seja, sua própria história também se torna arte e fonte pelo olhar do biógrafo. Talvez pelo próprio desejo de Clarice, sua literatura prova que também é biografia, já que preenche boa parte de seu espaço e se torna elemento do próprio percurso criativo do biógrafo.

#### **3.1 Clarice Lispector: a inesgotável fonte de informação**

De fato Clarice Lispector é uma dessas fontes inesgotáveis, onde as informações parecem nascer ora de um livro por ela escrito, ora de obras que falam a seu respeito. Sua escrita, de caráter reservado, tem, ao longo dos anos, encantado de forma profunda aos amantes da literatura. E essa reserva que percorre toda a sua obra literária é apenas um dos componentes que forma a tessitura de seu texto.

Nascida em Tchetchélnik, em 1920, na Ucrânia, Clarice chega ao Brasil com um ano e três meses de idade, em Maceió (AL), onde permanece pouco tempo e vive a infância e parte da juventude no Recife (PE). Inicia sua carreira como escritora ainda muito jovem produzindo contos, que serão publicados posteriormente.

Forma-se em Direito no Rio de Janeiro. Ainda na cidade carioca, inicia a carreira como jornalista publicando crônicas nos jornais. Em 1943, lança seu primeiro romance: *Perto do Coração Selvagem*, inserindo-se definitivamente no meio literário brasileiro.

Essas informações demonstram a “fonte” que é Clarice Lispector; ela de certo vai muito além de um novo rosto feminino no cenário literário; sua forma de escrever “tão diferente” impressionou a crítica literária e deslumbrou muitos leitores. O crítico literário brasileiro, Antonio Candido (2001), descreve Clarice da seguinte maneira:

Ela se aventura: não segue os caminhos batidos. Em que se aventura? Num novo ritmo de ficção, numa pesquisa de linguagem para transmitir sua pessoal interpretação do mundo, por meio de um vocabulário, imagens e torneios que as amoldem ‘às necessidades de uma expressão sutil e tensa’, de tal maneira que a língua adquira o mesmo caráter dramático que o entrecho. (CANDIDO, 2001, p. 74-78).

Clarice é fonte afluyente, quer no conto ou no romance, sua narrativa é feita e refeita a seu modo, desordenando regras da linguagem e enaltecendo um estilo único, particular. É mística e espontânea, não desrespeita a estrutura do seu texto, antes, porém, o reveste de uma linguagem plural que perpassa a superfície textual e passeia pelo íntimo das suas personagens, construindo reflexões acerca do comportamento humano.

O também crítico Sérgio Milliet sublinha a escrita de Clarice Lispector como sendo sóbria e penetrante e acresce ainda que, em Clarice: “A linguagem envereda por inesperados atalhos, atinge o poético, usa soluções inéditas, sem cair no hermetismo ou nos modismos modernistas.” (MILLIET, 1945, *apud* SÁ, 1979, p. 24).

A riqueza da fonte clariceana é notada na pluralidade de seus escritos. Por meio de personagens e cenários corriqueiros, Clarice investiga o interior humano, com consciência de tudo que faz, expõe os desejos, as angústias, os medos humanos, sejam por meio de bichos, sejam por meio de objetos ou de espaços.

Essa investigação acontece de maneiras distintas e em diferentes aspectos. Transgressora em seu modo de ser, a “fonte” Clarice utiliza a linguagem para explorar a sua própria realidade. A partir de suas personagens, reafirma seu caráter inovador que desnuda a “coisa” humana desmistificando conceitos preestabelecidos. Diante disso, o crítico Candido (1985) assinala que:

[...] por outras palavras, Clarice mostrava que a realidade social ou pessoal (que fornece o tema), e o instrumento verbal (que institui a linguagem) se justificam antes de mais nada pelo fato de produzirem uma realidade própria, com sua inteligibilidade específica. Não se trata mais de ver o texto como algo que se esgota

ao conduzir a este ou àquele aspecto do mundo e do ser; mas de lhe pedir que crie para nós o mundo, ou um mundo que existe e atua na medida em que é discurso literário. (CANDIDO, 1985, p. 250).

Clarice também é fonte incomum e isso é notável desde sua origem até a chegada ao Brasil. A perda de sua mãe ainda na infância estabelecendo a quebra das tradições judaicas da qual era seguidora; a escolha pela carreira de direito sem pretensões nenhuma de exercer a profissão; todas essas razões já são motivos mais que suficientes para considerá-la conteúdo surpreendente.

Ao lançar seu primeiro romance *Perto do coração selvagem*, em 1943, em plena juventude, impacta a crítica literária com sua escrita de caráter estranho e inovador e por fim o fato de ter se casado com um diplomata, no qual o seu papel era o de acompanhá-lo a inúmeras viagens, tudo já demonstra que sua existência de certo nunca foi pacata; Clarice esteve sempre à beira do imprevisível.

A “fonte” Clarice Lispector se multiplica em conteúdo e forma, as biografias a seu respeito são uma demonstração dessa diversidade de informações. Há a respeito de Clarice muito mais do que dados pessoais, há o que se pode entender de “reencontro” com o próprio fazer literário da escritora, uma vez que é nítida a presença de traços de sua escritura nos textos produzidos por biógrafos que viram em sua figura aspectos que a tornam singular.

A Clarice “escritora”, que produz contos e romances, está lá nas biografias, em suas pequenas frases, por intermédios de suas fotografias; ela é uma fonte que se refaz por meio de tantas outras.

Sua postura ficcional dividida entre a conformidade e a angústia interior está presente no seu comportamento como mãe, esposa, mulher, cidadã. Clarice revela-se e expõe seus conflitos a partir de suas personagens. Nesse sentido, é possível compreender que sua criação literária é uma forma de escrever sobre si mesmo. Diante disso, Moisés (1989) pontua que:

[...] a ficção de Clarice Lispector é a do homem dividido, em estado de permanente angústia diante da impenetrabilidade do próprio mundo interior, mas ao mesmo tempo fascinado pelos objetos e o mundo físico ao seu redor, cuja plenitude de coisa, realidade compacta e inerme, rigorosamente centrada sobre sua essência, aparece como símbolo daquilo que o homem procura para si mesmo, sabendo-se incapaz de atingi-lo: algo semelhante a essa plenitude, a essa densidade advinda da auto-suficiência, condição que até o mais ínfimo objeto, na escala natural, revela preencher, mas só ao ser humano é vedada. (MOISÉS, 1989, p. 153).

Para tanto, Clarice se desdobra nas personagens que cria para falar de seu próprio eu, tal qual faz nas cartas que envia, nas entrevistas que concede e nas fotografias registradas. Essas e tantas outras fontes são mais uma maneira da Clarice “real e ficcional” se fundir e



todas essas informações estão contidas em suas biografias conforme pontuam Lima e Moraes (1999):

E é nessa constante busca pelo outro que está o ponto crucial da autoria na obra de Lispector e na qual se pode vislumbrar até que ponto ela se torna mestre ou refém de sua escritura [...], pois é através da descrição dos sentimentos, pensamentos e até mesmo ações de suas personagens que a escritora demonstra as idiossincrasias que revestem o seu eu. É no outro que ela se afirma e se reconhece enquanto Ser. (LIMA; MORAES, 1999, p. 195).

A partir da compreensão dos autores, entende-se que a fusão entre ficção e realidade na literatura clariceana é fruto de uma intencionalidade desejada, especialmente no que tange à subjetividade, cuja percepção se dá tanto em sua narrativa quanto nas biografias.

É pelo caráter subjetivo presente no gênero biográfico e literário que Clarice tece sua arte e sua própria história. Ou seja, não é obra do acaso, mas sim de uma racionalidade precisa e aguçada pela própria Clarice que é sustentada pelos biógrafos, os quais compreendem que para se falar sobre a autora é preciso traçar uma linha tênue entre o ficcional e o real, como se ambos fossem um só.

### **3.2 A Literatura de Clarice: Biografia e Ficção**

De fato a literatura de Clarice Lispector é instigante e paradoxal. Estudiosos de sua obra não chegam a uma opinião comum sobre a sua criação literária. Para a filósofa francesa Hélène Cixous, a literatura de Clarice é filosofia; para o romancista brasileiro Otto Lara Resende é bruxaria, para o poeta Arthur Rimbaud, feitiçaria e até telepatia como definiu a escritora canadense, Claire Varin. Essas possibilidades de definição indicam o quanto à literatura de Clarice Lispector é intrigante e plural. Para Castello (2011):

Sua literatura tem, em consequência, a forma de uma roda que, em uma translação enlouquecida, e com um grande oco em seu centro, fulmina e mata - pobre ser dormente - o leitor. Mas é esse oco, esse rasto sem fundo que as galáxias repetem no firmamento, a melhor definição que dispomos do humano. (CASTELLO, 2011, p. 13).

Entretanto, é possível estabelecer uma opinião coerente: a vida de Clarice é vista pelo olhar de suas personagens numa espécie de cruzamento entre o real e o imaginário. Castello (2011, p. 12), por exemplo, afirma que os “Os romances de Clarice Lispector são muito avaros em matéria de conteúdos”.

Mas essa avareza não proíbe a realização de uma literatura reflexiva. É isso que propõe Clarice: uma reflexão do outro, do social, e de si mesma. “Escrita que navega sem rumo, como um cometa desgovernado a literatura de Clarice Lispector é, antes de tudo, uma escrita da ignorância e do fracasso.” (CASTELLO, 2011, p. 13).

Essa escrita, à deriva, é vista em “*A hora da Estrela*” (1977). A personagem Macabéa, diante de suas misérias, permite à própria Clarice a apropriação de sua figura para contar sua trajetória nordestina. Como pontua Zinani (2017, p. 23), “A atuação de Clarice na área das letras transitou entre ficção e não ficção.”. Isso justifica os percursos de Clarice e Macabéa, que ora são reais, ora ficcionais.

A literatura de Clarice é, a um só tempo, biografia e ficção, porque mediante o seu ofício, Clarice Lispector se mostra biógrafa e escritora, tal qual assinala Borges, *et al.*, 2011, p. 218) “[...] as melhores biografias são aquelas em que o autor não só não se esconde, mas constrói a narração de certa forma acompanhando seu percurso de pesquisa.”

Clarice também faz essa construção narrativa de biógrafa e ficcionista em “*Perto do coração selvagem*” (1943), seu primeiro romance, em que a personagem Joana, diante da morte de sua mãe e de seu pai, faz da solidão sua companheira. A escritora dar à Joana seu próprio destino solitário (a menina que ainda muito cedo perde sua mãe e mais tarde seu pai e vive amparada por suas irmãs). Logo, Castello (2011) assinala que em *Perto do coração selvagem* (1943):

Clarice nos faz ver que o esforço para narrar uma vida não é um luxo, ou uma vaidade, mas a única maneira de realmente existir. Talvez o Mal que atormenta, mas também seduz Joana não passe dessas descobertas: de que, sem a distorção das palavras, ninguém consegue realmente viver. De que, deslocados de nós mesmos, só as palavras - como embaixadores distantes - chegam a nos representar. Por trás delas, contudo, uma vida selvagem continua a arder. (CASTELLO, 2011, p. 16).

Silva (2009, p.153) aponta que o processo de construção biográfica “[...] exige o diálogo com as diferentes formas de controle simbólico do tempo e da individualização nas sociedades humanas [...]”. Isso reitera o biografismo na literatura de Clarice Lispector visto na contextualização social de suas narrativas e na criação de suas personagens, o diálogo entre a autora e sua criação literária parecem percorrer o mesmo caminho.

De acordo com Del Priore (2009, p.11), a biografia consiste numa “[...] narrativa de acontecimentos encadeados e uma intriga codificada por fatos reais, interpretados.”. Logo, esse encadeamento é percebido na literatura de Clarice Lispector quando se cruzam a vida real da autora e a imaginária. Deste modo:

A narrativa biográfica supõe uma modalidade de escrita da História profundamente imbricada nas subjetividades, nos afetos, nos modos de ver, perceber e sentir o outro. Talvez este seja o grande desafio do trabalho biográfico: ao falar do seu personagem, o biógrafo, de certa forma, fala de si mesmo, projeta algo de suas emoções, de seus próprios valores e necessidades. (BORGES, 2009. p. 232).

Esse entrecruzamento entre realidade e ficção existente na literatura de Clarice Lispector acontece pelo aspecto subjetivo que entremeia esses dois pontos. Born (2001, p. 245) salienta o valor da subjetividade quando diz que: “A biografia trata da interpretação subjetiva da trajetória da própria vida de uma pessoa.” Essa afirmação sustenta o laço de intersecção entre a vida e a obra de Clarice que, por meio de suas personagens, discorre sobre fatos e trajetórias de sua própria história.

Em *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres* (1969), a personagem Loreley (Lóri) percorre o deslocamento da cidade de Campos para o Rio de Janeiro como o fez a própria Clarice ao sair de Recife para o mesmo Rio de Janeiro. “Milagres não. Mas as coincidências. Vivia de coincidências, vivia de linhas que incidiam e se cruzavam e, no cruzamento, formavam um leve e instantâneo ponto, tão leve instantâneo que era mais feito de segredo.” Castello (2011, p.163). Por consequência, o biográfico e o ficcional são construídos paralelamente por Clarice quando:

[...] usando informações qualitativas, como consequência de os próprios indivíduos relatarem suas histórias. Portanto, as biografias são interpretações subjetivas de experiências individuais. Ao passo que as informações estruturais da trajetória de vida, ou da situação dos acontecimentos, das fases, e de sua duração podem ser coletadas em pesquisa quantitativa. (BORN, 2001, p. 245).

Conforme reitera Tadié (1970) *apud* Schmidt (2003, p. 60), “[...]. Em todos os gêneros literários, para além de todas as escolas, e mesmo nas reações as mais anti-românticas na aparência, a subjetividade se afirma como em nenhuma outra época.”. Portanto, é pelo aspecto subjetivo que se estabelece o vínculo de aproximação entre a literatura e a biografia de Clarice Lispector.

Como pontua Romani (2016), o texto biográfico é:

[...] carregado de uma narratividade que torna o estilo da escrita muito mais literário do que, por exemplo, um trabalho de história quantitativa. A biografia tem, antes de tudo, a preocupação em contar uma história. Esta história contada demanda a presença de um narrador. O estilo literário e a linguagem adotada na narrativa aguçam as interações existentes entre história e arte, entre história e literatura, e colocam o historiador em uma delicada situação da necessidade do domínio da arte de contar. O historiador torna-se um literato. (ROMANI, 2016, p. 14).

E a subjetividade perene existente na obra de Clarice Lispector admite a aproximação com a biografia, cujo subjetivo também é notável pelo olhar do biógrafo. Encerra-se então a ideia de que é inalcançável o diálogo entre realidade e ficção. Tal qual descreve Solano (2010), a subjetividade ocorre na biografia quando:

[...] diante da variedade e formas de compor uma biografia, o escritor deve inventar sua própria forma de dizer sobre o outro. Sem se esquecer, é claro, que, ao falar sobre outra pessoa, está fazendo referência direta a si mesmo: sujeitos esmiuçados em cacos, como parte integrante de um vitral, que dá ao sol distintas passagens e aos observadores, colocados diante dele inúmeras cores, imagens e interpretações. (SOLANO, 2010, p. 9)

Em Clarice, isso se justifica por meio da criação de suas personagens e do contexto social em que elas são inseridas. As personagens são na realidade “Clarice” de várias maneiras e o contexto traduz os mesmos espaços percorridos por Clarice como um processo mimético, isto é, representativo de si mesma. Clarice impõe, por fim, o que afirma Barthes<sup>1</sup>, ao dizer que a escrita se faz quando o centro do processo da palavra se dá atingindo-se a si próprio.

Tratando-se das biografias sobre Clarice Lispector, é pela subjetividade de cada biógrafo que se depreende a figura da escritora, mediante o escape da rotina biográfica em apresentar fatos de vida apenas.

Do mesmo modo Clarice faz em suas narrativas, foge pelas ações e os espaços narrativos, por meio de suas personagens, que ela mesma constrói e que são: femininas (a maioria delas), donas de casa, mães, mas carregam em si a trajetória de vida da própria Clarice.

Dessa forma, a literatura de Clarice Lispector é biografia e ficção, porque se faz do percurso real da autora para tecer o percurso de suas personagens em uníssono. Numa demonstração de que o diálogo entre literatura e biografia é possível e o qual, Clarice faz esse exercício com propriedade ao usar como elemento mediador a subjetividade.

---

<sup>1</sup> Clarisse Fukelman, no capítulo de apresentação do livro *A hora da estrela* (23ª edição), cita o pensamento reflexivo do escritor Roland Barthes para justificar a forma como Clarice constrói a tessitura do texto literário.

## 4 METODOLOGIA

“A análise de conteúdo oscila entre os dois pólos do rigor da objetividade e da fecundidade da subjetividade. Absorve e cauciona o investigador por esta atração pelo escondido, o latente, o não aparente, o potencial de inédito (do não dito), retido por qualquer mensagem.” (BARDIN, 2011, p. 15).

A relevância da análise de conteúdo reside no que Bardin (2011) pontua como os dois polos (objetividade e subjetividade) e principalmente por proporcionar ao leitor uma compreensão detalhada do texto, um olhar por entrelinhas daquilo que está sendo dito.

É por esse significado que esta pesquisa é contornada, pois busca pela leitura biográfica o entendimento da própria Clarice, nos pequenos espaços de entrelinhas, propondo um diálogo entre essas fontes e a sua criação literária.

Ao longo deste capítulo, será exposto o conceito de análise de conteúdo e o que aponta a teoria sobre este tipo de análise. Antes disso, porém, serão descritos o tipo de pesquisa, o campo amostral da elaboração do estudo e por fim é feita uma breve apresentação das biografias selecionadas para análise (instrumentos de coleta de dados) construindo-se um panorama sucinto sobre o conteúdo de cada uma delas.

### 4.1 Tipo de pesquisa

A partir de uma tipologia descritiva, a pesquisa faz uma abordagem analítica e qualitativa das fontes biográficas sobre Clarice Lispector. Para tanto, determinou-se o parâmetro de inter-relação entre três conceitos: fontes de informação, biografia e literatura propondo determinar em quais pontos dialogam entre si.

A descrição como elemento constituinte desta pesquisa denota aspectos particulares e explícitos do objeto descrito. Para Triviños (1987, p. 112), “[...] os estudos descritivos podem ser criticados porque pode existir uma descrição exata dos fenômenos e dos fatos. Estes fogem da possibilidade de verificação através da observação.”. Portanto, a descrição oferece uma visão que pode não ser exata, mas por sua subjetividade permite a percepção crítica da figura descrita.

Em contrapartida, a pesquisa qualitativa, de acordo com Godoy (1995, p. 58), “[...] não procura enumerar e/ou medir os eventos estudados, nem emprega instrumental estatístico na análise dos dados.”. Logo, seu intuito consiste em ampliar o espaço de interpretação das

informações obtidas, não se resumindo apenas à quantificação de dados em se tratando de pesquisa quantitativa. Ainda segundo Godoy (1995), a pesquisa qualitativa:

Parte de questões ou focos de interesses amplos, que vão se definindo à medida que o estudo se desenvolve. Envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo. (GODOY, 1995, p. 58).

Quanto às biografias sobre Clarice Lispector, que serão analisadas a seguir, esta pesquisa busca estabelecer a categorização do conteúdo biográfico traçando um paralelo entre ambos os textos, não no intuito da comparação, mas de pontuar como a vida e a obra de Clarice são descritas em cada uma das biografias, e de que forma essa categorização ordena a tessitura biográfica e literária clariceana.

Por conseguinte, ao se fazer análise de conteúdo das biografias sobre Clarice Lispector, é possível perceber o quão próximas estão vida e obra da escritora e como se inter-relacionam a biografia e o texto literário.

## 4.2 Universo e Amostra

O universo desta pesquisa compreende as produções biográficas sobre Clarice Lispector. Mediante um campo amostral de sete<sup>2</sup> biografias encontradas, foram selecionadas para a realização da análise duas dessas obras: “*Clarice: uma vida que se conta*” (2013), escrita por Nádya Battella Gotlib e “*Clarice, uma biografia*” (2017), do biógrafo americano Benjamim Moser, com tradução de José Geraldo Couto. A seleção ocorre tendo em vista o objetivo de delinear o processo categórico de maneira mais precisa e não apenas superficialmente se fosse considerada todas as demais biografias.

A escolha das duas biografias acontece a partir de (três) critérios delimitados: o caráter estético e literário construído por Nádya Battella Gotlib ao unir vida e obra da autora; o estudo sociológico do Brasil e do mundo por meio da figura de Clarice, delineado por Benjamim Moser; e o aspecto psicológico como elemento comum entre as duas biografias que provoca o ponto de encontro entre as duas biografias.

---

<sup>2</sup> Foram encontradas durante a elaboração desta pesquisa sete obras biográficas acerca de Clarice Lispector. Entretanto, este número pode não ser definitivo, tendo em vista de que outras obras podem não terem sido registradas como biografia.

Além disso, pela percepção de que nessas biografias a inter-relação entre a fonte biográfica e o texto literário é recorrente (a de Nádia Battella Gotlib principalmente), e por perceber que o traço sociológico construído por Benjamim Moser também contribui para a compreensão da figura de Clarice Lispector e que o traço psicológico age como ponto médio entre as duas biografias é que elas foram escolhidas. O critério psicológico, aliás, põe à prova nuances particulares da escrita Clarice e dos próprios biógrafos às quais podem interferir no processo de escrita de ambos.

### **4.3 Instrumentos de coleta e análise de dados**

Para construir este estudo, foi utilizado como instrumento de análise a análise de conteúdo, que, segundo Bardin (2011, p. 49-50), “[...] trabalha a fala, quer dizer, a prática da língua realizada por emissores identificáveis. [...] a análise de conteúdo procura conhecer aquilo que está por trás das palavras sobre as quais se debruça.”

Logo, a pertinência da análise de conteúdo para a pesquisa reside no intuito de categorizar as informações inseridas nas entrelinhas das biografias sobre Clarice Lispector. Trata-se, pois, de um estudo voltado para o que está explícito e implícito, porque ambas as informações são relevantes. De acordo com Bardin (2011):

A análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações. Não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos; ou com maior rigor, será um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações. (BARDIN, 2011, p. 37).

Para Caregnato e Mutti (2006, p. 684), a análise de conteúdo “[...] espera compreender o pensamento do sujeito através do conteúdo expresso no texto, numa concepção transparente da linguagem.”. Portanto, o que se pretende com a análise de conteúdo é uma contemplação do dito e do não dito, que por meio da linguagem pode estar visível ou oculto, mas está no texto e é pelo seu conteúdo que se pode perceber.

Partindo desse pressuposto, a análise baseia-se no processo de “Categorização”, que, segundo Bardin (2011, p. 147), “[...] é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e, em seguida, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com os critérios previamente definidos.”

Dessa forma, a categorização surge como o fator resultante da análise cujas informações sustentam o propósito deste estudo que é o de correlacionar o texto biográfico e o

literário de Clarice Lispector. As categorias, produtos da categorização, determinam as classes desse conteúdo, como uma espécie de ordenação pré-estabelecida por parâmetros já estabelecidos. Logo, para Franco (2008):

A categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação seguida de um agrupamento baseado em analogias, a partir de critérios definidos. [...] Em verdade, a criação de categorias é o ponto de partida da análise de conteúdo. (FRANCO, 2008, p. 59).

A categorização, conforme afirma Bardin (2011, p. 148-149), “[...] tem como primeiro objetivo (da mesma maneira que a análise documental) fornecer, por condensação, uma representação simplificada dos dados brutos”. A partir das leituras feitas sobre as biografias de Clarice Lispector, o estudo analisou o processo de construção biográfica da autora categorizando-se as informações obtidas por meio do procedimento de Categorização da análise de conteúdo.

Para a composição das categorias estabeleceu-se os seguintes critérios: o conteúdo das fontes biográficas sobre Clarice Lispector (acontecimentos pessoais, fontes de informação das biografias, divergências entre as obras); a cronologia dessas publicações; a autoria e os perfis dos autores.

Esses critérios, por sua vez, determinam a elaboração das seguintes categorias:

- ✓ Datas de nascimento;
- ✓ Nomes clariceanos;
- ✓ Vivências geográficas,
- ✓ Línguas faladas;
- ✓ Experiências profissionais;
- ✓ Produções literárias;
- ✓ Fontes consultadas.

Essas sete categorias ratificam os critérios estabelecidos e sustentam a base da análise das duas biografias escolhidas que serão analisadas no capítulo a seguir. É importante ressaltar que as mesmas categorias foram aplicadas nas duas biografias selecionadas para análise, porém a ordem de aplicação foi diferente devida ao caráter literário atribuído a primeira biografia e o caráter sociológico atribuído a segunda.

Ainda para a coleta de dados, construiu-se dois questionários *online* com onze perguntas abertas direcionadas aos autores das biografias analisadas. O envio foi via *e-mail*,



durante o mês de maio do corrente ano. Os questionários podem ser consultados na íntegra nos Apêndices A e B. A construção desses instrumentos possibilitou entender como se deu o processo de busca de informação dos autores para que as biografias fossem elaboradas.

No processo de elaboração dos questionários foram criadas quatro seções sinalizadas por categorias de perguntas. A primeira seção “Questionário sobre a fonte biográfica” faz uma apresentação do questionário e traz o termo de consentimento livre e esclarecido, cuja finalidade é obter a permissão dos biógrafos para inserção e publicação das respostas neste trabalho e em pesquisas futuras.

A segunda seção intitulada “Sobre Clarice Lispector” apresenta três perguntas sobre a escritora. A terceira seção “Sobre a “fonte” biografia” traz também três perguntas sobre a biografia, enquanto fonte de informação. A quarta e última seção “Sobre a biografia analisada” (nesta seção coloca-se o título de cada uma das biografias) envolve as perguntas sobre a obra em si. Esta parte é composta por quatro perguntas. Além das categorias de perguntas, em ambos os questionários foi aplicada a análise de conteúdo.

O questionário, segundo Lakatos (2003, p. 201-202), “[...] é um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador.”. Esse mecanismo possibilita de acordo com o autor: a economia do tempo, o alcance de grande número de dados, a grande quantidade de pessoas, a obtenção de respostas rápidas e precisas além de propiciar maior liberdade durante as respostas.

Dessa forma, a categorização e o questionário contribuem para compreensão do conteúdo informacional biográfico analisado nas duas biografias, porque indicam semelhanças e diferenças entre elas e as percepções e o modo particulares de como se deu o processo de escrita dos biógrafos.

## 5 CLARICE LISPECTOR: VIDA E OBRA SOB A PERSPECTIVA DAS FONTES BIOGRÁFICAS

“Classificar elementos em categorias impõe a investigação do que cada um deles tem em comum com outros. O que vai permitir o seu agrupamento é a parte comum existente entre eles.” (BARDIN, 2011, p. 148).

Neste capítulo, faz-se uma análise minuciosa do conteúdo das fontes biográficas sobre Clarice Lispector. Para tanto, utiliza-se duas biografias sobre Clarice: “*Clarice: uma vida que se conta*” (2013), de Nádia Battella Gotlib e “*Clarice, uma biografia*” (2017), escrita pelo biógrafo americano, Benjamim Moser; que tem como título original “*Why this world: a biography of Clarice Lispector*”, que traduzido é “*Por que este mundo: uma biografia de Clarice Lispector*”. A tradução em português foi escrita por José Geraldo Couto.

Nádia Battella Gotlib e Benjamim Moser produzem textos distintos, porém em determinados instantes cruzam-se e o que aponta esse cruzamento é o próprio conteúdo de cada biografia. Quando categorizados, os conteúdos delimitam as distâncias e as proximidades que em ambos os textos aparecem.

### 5.1 A visão crítica-literária na biografia de Nádia Battella Gotlib

Nádia Battella Gotlib é uma estudiosa da literatura brasileira, especialmente da figura de Clarice Lispector e debruça seu olhar crítico sobre a vida e a obra dessa escritora que inovou na forma de construir o texto literário.

Ao longo de sua carreira, escreveu muitas obras sobre Clarice e um desses escritos é a biografia “*Clarice: uma vida que se conta*” (2013), texto que corresponde à sua Tese de docência e que será objeto de análise desta pesquisa. A biógrafa desenvolve uma obra pioneira fundamentada em anos de estudo, investigação e apreço pessoal por Clarice.

Em “*Clarice: uma vida que se conta*” (2013), editada pela primeira vez em 1995, Nádia Battella Gotlib esboça o elo entre a vida e a obra de Clarice numa biografia que aproxima o texto biográfico e o literário numa espécie de completude.

Um sincronismo que para Gotlib (2013) será de suma importância, pois lhe permitirá construir a narrativa biográfica a partir da apropriação da obra literária de Clarice. A biografia representa o convívio de Nádia Battella Gotlib com o universo clariceano, fundamental para traçar um paralelo entre a vida e a obra dessa escritora, propondo o rompimento entre biografia e literatura.

Logo, para realizar a análise da fonte “*Clarice: uma vida que se conta*” (2013), foram aplicadas as sete categorias estabelecidas, em que a partir delas é possível determinar conexões entre a vida e a obra de Clarice.

#### a) Datas de nascimento

Nádia Battella Gotlib cria sua biografia fundamentada pelas categorias mencionadas na abertura deste capítulo. A primeira delas corresponde às datas de nascimento de Clarice, em que Gotlib (2013) aponta registros diferentes sobre essa informação. “A certidão original escrita em ucraniano - reconhecida, aliás, como russo por seus tradutores no Brasil [...]. Nesse documento consta a data de nascimento: 10 de dezembro de 1920.” (GOTLIB, 2013, p. 32).

A primeira versão que registra tratar-se da tradução do russo (não do ucraniano), traz o lugar de seu nascimento: Tchetchélnik, distrito de Olopolko, na Ucrânia, contém a data de nascimento de Clarice: 10 de dezembro de 1920, mas declara como data da certidão original a de 14 de novembro de 1920. (GOTLIB, 2013, p. 36).

Num outro momento, a autora cita uma segunda tradução em que o lugar e a data de nascimento de Clarice divergem da primeira: “[...] o lugar de nascimento é Zernenerck, distrito de Olopolis. A data de nascimento que aí aparece é 10 de outubro de 1920.” (GOTLIB, 2013, p. 36).

As datas pontuadas por Gotlib (2013) ainda, que divergentes, são de suma importância para se compreender o trajeto literário percorrido por Clarice que é caracterizado por certa incoerência fadada à fuga do cotidiano das personagens e que recai num instante epifânico de descoberta interior. Gotlib (2013) relata ainda que a própria Clarice, nas últimas décadas de vida, adota diferentes datas de seu nascimento “[...] Clarice registra as de 1921, 1926, 1927...”. (GOTLIB, 2013, p. 37).

Finalmente, além dos dados que se repetem, dos que se acrescentam e dos que variam através dos tempos, há os que são, simplesmente, omitidos, algumas vezes involuntariamente. Já nos anos de 1970, quando indagada a respeito de sua data de nascimento faz questão de não precisar número. Em entrevista, afirma, categórica: *Nasci na Ucrânia. Quando?...não, não quero dizer.* (GOTLIB, 2013, p. 39).

De acordo com os dados apresentados por Gotlib (2013), a própria Clarice apropria-se de sua história para ratificá-la ou desmenti-la, para contar a história que ela mesma cria para si, tal qual faz com sua literatura em que suas personagens em algum momento da narrativa tomam as rédeas do texto e criam seu destino final.

Por isto, o conteúdo informacional que registra o nascimento de Clarice ainda que diferente, coopera para compreender a maneira como Clarice escreve seu texto literário. Além disso, essa categoria estabelece o diálogo com a próxima que corresponde aos nomes de Clarice.

## **b) Nomes clariceanos**

A segunda categoria denota os dados sobre a identidade de Clarice: a origem de seu nome, ou melhor, dizendo de seus nomes, porque são vários. O primeiro deles é *Haia* em russo que significa “Clara”:

No documento original russo e na versão traduzida para o francês registram-se os nomes das cinco pessoas da família Lispector, com suas respectivas idades: *Pinkhouss* (Pedro), com 37 anos de idade; *Mânia* (Marieta), com 31; *Léia* (Elisa), com 9; *Tania*, com 6; *Haia* (Clara, daí Clarice), com um ano de idade. (GOTLIB, 2013, p. 33).

Haia. Segundo consta na certidão de nascimento original expedida em Tchetchélnik, na Ucrânia, e no passaporte coletivo da família expedido em Bucareste, na Romênia, a menina chama-se Haia, que em hebraico quer dizer “Vida”, e que devido a semelhanças fonéticas com Clara, suscitou a versão em português do nome da menina: Clarice. (GOTLIB, 2013, p. 37).

Além desses, tem-se o nome que Clarice adquire após o casamento com o diplomata Maury Gurgel Valente: “E na carteira de identidade expedida pelo Ministério das Relações Exteriores, em março de 1943, surge outra Clarice: ‘senhora D. Clarice Lispector Gurgel Valente.’” (GOTLIB, 2013, p. 38). Ao ser Clarice Gurgel Valente, era apenas a esposa do cônsul Maury Gurgel Valente, integrante do governo brasileiro. Ao ser Clarice Lispector, era apenas ela mesma.

Mas não será apenas esse um nome de casada. Adota assinaturas variadas: Clarice Lispector Gurgel Valente, Clarice Gurgel Valente, Clarice G. Valente, Clarice Lispector. Após a separação conjugal, em 1959 abrindo e fechando o ciclo de tantos nomes assinados, o que acaba por predominar é o último nome, que foi o primeiro, ou da origem, e que é o seu “nome literário”: Clarice Lispector. (GOTLIB, 2013, p. 38).

As diferentes informações sobre os nomes que Gotlib (2013) apresenta acerca de Clarice Lispector pressupõem as diversas personalidades que ela (Clarice) tem tal qual são suas diferentes personagens (a maioria delas femininas), e que se parecem muito com ela.

Essas diferentes personalidades são perceptíveis nos pseudônimos que Clarice utiliza durante sua carreira de jornalista. O primeiro deles é Tereza Quadros, usado para assinar a coluna feminina “*Entre Mulheres*”.

E Clarice assina sua matéria jornalística com o pseudônimo de Tereza Quadros, inventado pelo Braga, segundo José Silveira. Por que o pseudônimo? Talvez por causa do próprio caráter da matéria. Não era mais a escritora que escrevia os textos, mas “alguém” que, imbuído do espírito jornalístico, se encarregava de tarefas diversificadas [...]. (GOTLIB, 2013, p. 341).

O segundo pseudônimo usado por Clarice é Helen Palmer, que assina a coluna “*Correio Feminino – Feira de utilidades*”, no jornal Correio da Manhã. Palmer usa uma linguagem, segundo Gotlib (2013, p. 414), “[...] coloquial e simples, tão ao agrado das mulheres [...]”. Com essa linguagem a matéria seria viável para “[...] ser publicada em vários jornais e, “com conselhos de beleza, de elegância, de educação dos filhos, de culinária, de todos os assuntos, enfim, que interessam à mulher e ao lar.” (2013, p. 414).

O terceiro pseudônimo de Clarice é Ilka Soares, usado quando escreve para o Diário da Noite e assina a coluna “*Só para Mulheres*”. Ilka Soares é, na realidade, o nome de uma artista de cinema, uma manequim que, conforme Gotlib (2013, p. 416), sua fama “[...] deveria contribuir para uma renda maior no jornal.”. Há, portanto, entre Tereza, Helen e Ilka uma fusão de Clarice (a escritora e a jornalista), ainda que as três tenham características distintas, são representações de diferentes perfis de Clarice.

### c) Vivências geográficas

Essa talvez seja a categoria mais vasta sobre Clarice Lispector. Isso porque Clarice, além de estrangeira era viajante, na vida e na arte de escrever. A trajetória começa na Ucrânia: “O cenário rústico e expressões austeras, de adultos e crianças, são as marcas dos tempos de dificuldades por que passam os judeus nesse período de turbulência devido à guerra civil.” (GOTLIB, 2013, p. 18).

A fuga da guerra é o principal motivo da saída da família Lispector da Ucrânia. O destino: a América. “Clarice nasceu em viagem, quando a família já emigrava para a América. Nasceu em Tchetchélnik.” (GOTLIB, 2013, p. 44). O percurso da família Lispector segue rumo ao Brasil: “Chegaram ao Brasil e aportaram no Nordeste: em Maceió, capital de Alagoas. [...] Clarice tinha um ano e três meses de idade.” (GOTLIB, 2013, p. 46).

Segundo a biografia de Gotlib (2013), Maceió era uma cidade pequena e sem muitas possibilidades de trabalho. Por isso, a família decide ir para Recife, onde Clarice viverá parte de sua infância e adolescência: “Quando as cinco pessoas da família chegam ao Recife, vão morar num dos andares de um casarão situado na Praça Maciel Pinheiro, antiga Conde d’Eu, esquina da Rua Aragão com a travessa do Veras.”(GOTLIB, 2013, p. 53).

No trajeto do Recife, Clarice vive suas primeiras experiências com a leitura e a escrita. A família instala-se na maior colônia de judeus. Isso faz com que se sintam mais próximos de suas origens.

É nessa fase que Clarice tem o primeiro contato escolar e também sente a perda da mãe que falece de doença cuja identificação não é feita pela biógrafa. Após a morte de sua mãe, mais um novo destino é percorrido pela família Lispector: “Aos quatorze anos, após cursar o terceiro ano ginásial, a família muda-se para o Rio de Janeiro. Inicia-se, assim, a fase carioca da vida de Clarice.” (GOTLIB, 2013, p. 103).

A família, composta, agora de quatro pessoas - pai e três filhas -, se instala durante poucos meses perto do campo de São Cristóvão, onde havia muitas casas antigas. Depois foram morar no bairro da Tijuca, ocupando parte de uma casa na rua Mariz e Barros, n.341 mudando-se depois, para uma vila na rua que atualmente se chama Albert Sabin. (GOTLIB, 2013, p. 145).

A construção dessa categoria começa a mostrar que os caminhos percorridos por Clarice serão seus cenários em suas narrativas literárias. Suas personagens vêm de cada lugar por onde ela passou e isso não é mera coincidência, é o fio condutor de sua criação literária. Os caminhos de Clarice são os de Joana, Ana, Macabéa e tantas outras personagens; eles formam um só destino.

A viagem de Clarice não cessa no Rio de Janeiro. Em 1943, (ano de sua primeira publicação - *Perto do coração selvagem*), casa-se com Maury Gurgel Valente, cônsul da embaixada brasileira e elemento motivador das viagens internacionais de Clarice: “Por causa da atividade profissional do marido, Clarice viverá fora “uns dezesseis anos”: de 1944 a 1959.” (GOTLIB, 2013, p. 191).

E após o lançamento de seu primeiro romance, em 1944, vai para Belém do Pará, acompanhando o marido: “E lá, o casal permanece por seis meses, até julho.” (GOTLIB, 2013, p. 202). Terminada a estadia em Belém, inicia-se a “travessia” internacional de Clarice:

Maury Gurgel Valente partirá em missão diplomática para a Itália, designado para servir como vice-cônsul em Nápoles (Itália). Clarice partirá com o marido. O casal inicia assim período de quase dezesseis anos de vida no exterior: primeiro, na Europa, depois nos Estados Unidos. (GOTLIB, 2013, p. 215).

[...] no dia 30 de julho, passando não só pela África, mas também por Portugal e novamente pela África. Chega a Nápoles em final de agosto de 1944. E lá fica até abril de 1946. (GOTLIB, 2013, p. 215-217).

Nos dois anos que passa em Nápoles (Itália), vivencia o cenário da Segunda Guerra Mundial. Após a guerra, volta ao Brasil e, em seguida, retorna à Europa, não mais para Nápoles, agora, para Berna: “Mora na cidade suíça durante três anos, período em que o marido atua como secretário da representação do Brasil, em Berna.” (GOTLIB, 2013, p. 259). Tal período marca profunda ausência de escrita em Clarice: “Não tenho escrito porque tudo aqui está tão, tão chato que até escrever é um esforço.” (GOTLIB, 2013, p. 311).

Clarice retorna ao Brasil em 1949, ano de publicação de seu terceiro livro, “*A cidade sitiada*”. Permanece no Brasil (no Rio de Janeiro) até 1950, período que marcará uma nova mudança: da Suíça para a Inglaterra, que acontecerá em breve: “No final de 1950, Clarice vai para Torquay, na Inglaterra, onde passa seis meses.” (GOTLIB, 2013, p. 336).

Após a estadia na Inglaterra, Clarice muda-se para os Estados Unidos, em setembro de 1952: “Fica por lá quase sete anos, mas com rápidas vindas ao Brasil. Permanece em Washington e faz viagens pequenas para outras cidades, como Boston e Nova York.” (GOTLIB, 2013, p. 347).

Nesse período nasce seu segundo filho, Paulo, e escreve seu quarto romance, *A maçã no escuro*. Volta ao Rio de Janeiro em 1954, mas retorna imediatamente para Washington, nesse retorno terminará seu quarto livro.

Em 1959, separada do marido, volta ao Rio de Janeiro com os filhos e viverá aqui até o dia de sua morte, em 1977. Em 1963, Clarice viaja ao Texas para fazer uma conferência, na Universidade de Austin. “Mas faz a conferência, esta e outras, por causa de dinheiro.” (GOTLIB, 2013, p. 417).

No ano de 1975, participa de um congresso de bruxaria, na Colômbia: (A sua participação intitulada “*Literature and magic*”), foi prevista para uma terça-feira, 26 de agosto de 1975, em sessão que começava às 9 horas da manhã, conforme o programa do congresso.” (GOTLIB, 2013, p.535).

Retorna ao Brasil e em 1976 faz uma viagem ao Recife (seria a última vez que revisitaria o lugar que marcou a sua infância e adolescência). “Lá esteve na universidade. Visitou parentes: a tia Mina, inclusive. E os primos. Reviu os lugares da infância: Sentada na Praça Maciel Pinheiro, no bairro de Boa Vista [...]” (GOTLIB, 2013, p. 596).

Em 1977, volta à Europa com a amiga e escritora Olga Borelli: “Essa última foi bem diferente. Parte em 17 de junho para ficar um mês, mas fica apenas uma semana, tão angustiada estava.” (GOTLIB, 2013, p. 599). Em dezembro do mesmo ano percorre sua última viagem (a da morte):

Morreu às dez e meia do dia 9 de dezembro, numa sexta-feira. Conforme o costume judeu, não pôde ser enterrada no dia seguinte, que seria um sábado. E que seria também o dia do seu aniversário. Foi enterrada no domingo, dia 11 de dezembro, no Cemitério Comunal Israelita, no bairro do Caju. (GOTLIB, 2013, p. 601).

Pela amplitude dessa categoria percebe-se o quão intrínseca estão a vida e a obra de Clarice. Ao registrar em sua biografia os “caminhos percorridos por Clarice”, Nádya Battella Gotlib estabelece o encontro entre a autora e sua própria história. Mais que isso, essa categoria permite compreender o processo de escrita de Clarice ao longo de sua trajetória, porque cada lugar interferirá em seu texto literário, quer para o bem, quer para o mal.

#### **d) Línguas faladas**

A quarta categoria aplica-se às línguas faladas por Clarice Lispector, para tanto, apresenta-se sobre dois pontos distintos dessas línguas: as que marcam a sua vida e as que ela fala. As (três) línguas que marcam Clarice Lispector não são um mero elemento da vida da escritora, elas representam a identidade plural dessa autora que tem origem ucraniana e uma brasilidade alcançada por meio da mudança familiar.

A primeira delas é a língua portuguesa, a materna, uma vez que Clarice chega ao Brasil ainda muito pequena: “Foi nessa língua que começou a falar. E é essa língua que usará para ler e escrever.” (GOTLIB, 2013, p. 49).

A segunda é o russo, que remete ao começo de tudo: “Uma outra língua, o russo, é a língua dos pais. Eles não devem ter-lhe ensinado o russo, pois a criança não falava russo, nem havia livros em casa em russo.”(GOTLIB, 2013, p.49).

A terceira e última língua de Clarice é a mais intrigante: “[...] não é a língua do seu país nem a dos pais. É a sua própria língua, que é presa.” (GOTLIB, 2013, p.49). Por que é a mais intrigante das línguas? Porque é em torno dela que gira o aspecto estrangeiro de Clarice que ela mesma desmentirá mais tarde ao explicar que é defeito de dicção. As que falam são outras, especialmente nos anos em que morou fora: “[...] o francês, o inglês e o espanhol.” (GOTLIB, 2013, p. 50).



As diversas línguas de Clarice justificam o caráter viajante da escritora que andou o mundo ao lado de seu marido, representante da embaixada brasileira e a arte por meio da escrita. Sobretudo, há de se ressaltar a influência do hebraico em sua literatura ao apresentar uma voz de súplica, que luta e resiste em meio às adversidades que enfrenta, como a personagem Macabéa, personagem principal de *A hora da estrela* (1977), também nordestina como Clarice.

#### e) Experiências profissionais

Em sua trajetória, Clarice Lispector exerceu diversas profissões e todas elas de alguma forma interligam-se à sua criação literária: “[...] jornalista e repórter, em 1943. Colaboradora da Agência JB, em 1968. Prendas do lar, em 1973. E mais: funcionária pública.” (GOTLIB, 2013, p. 37).

É o seu universo profissional plural que permite Clarice manter-se como escritora, quer seja no início, quando ainda é uma figura desconhecida na literatura brasileira, quer no fim, quando está separada do marido e precisa manter-se. Além dessas, Clarice exerce outras profissões que não foram registradas, mas que muito colaboraram para seu crescimento intelectual e o reconhecimento de estudiosos da crítica literária.

Essas profissões, Clarice registra em muitas de suas obras: “[...] entrevistadora, colunista, cronista, contista, escritora, pintora, e, principalmente, não profissional. Simplesmente uma pessoa. Quem?” (GOTLIB, 2013, p. 37).

Clarice usa essas profissões não apenas como fonte de subsistência, mas também como artifício para ganhar popularidade. Enquanto trabalha como jornalista, aproveita as oportunidades para publicar seus contos e crônicas.

Passa, então, a trabalhar novamente como jornalista, para garantir a subsistência: continua publicando na revista *Senhor*; ainda em 1959 mantém coluna em mais um jornal carioca, o *Correio da Manhã*, logo no ano seguinte, em 1960, acumula mais outra coluna no *Diário da Noite*. (GOTLIB, 2013, p. 388).

Por meio dessa categoria, percebe-se que a carreira de escritora de Clarice está atrelada as muitas outras que realizou e principalmente que a partir delas pôde divulgar a sua obra.

As múltiplas profissões de Clarice lhe possibilitam a construção de uma escrita que caminha tanto pelo meio literário quanto pelo jornalístico demonstrando sua pluralidade

artística. Aliás, a (não)linearidade é uma marca da escrita clariceana e advém da sua capacidade de criar textos em diferentes gêneros, como é o caso do livro *Água Viva* (1971), cujo enredo foge ao tradicional ao se caracterizar como romance, poesia, diário e ensaio ao mesmo tempo.

#### **f) Produções literárias**

A sexta categoria é o segundo eixo da biografia de Nádya Battella Gotlib, isso porque o primeiro é a trajetória de vida de Clarice. Ao se apropriar de trechos de obras literárias de Clarice e construir suas próprias análises, a biógrafa encurta as distâncias entre vida e obra, realidade e ficção.

A literatura de Clarice é como uma espécie de “espelho” e o que é refletido é a sua própria história contada por personagens que carregam características, gostos, experiências e frustrações dela mesma.

Em *A Mulher que matou os peixes* (1968), segundo livro infantil, Clarice constrói uma narrativa em que ela (narradora) conta a história de gatos para crianças e assume que quando criança ela mesma gostava de gatos: “Eu sempre gostei de bichos. Tive uma infância rodeada de gatos. Eu tinha uma gata que de vez em quando paria uma ninhada de gatos.” (LISPECTOR, 1968, p. 10).

No conto Amor, da coletânea *Laços de Família* (1960), a personagem Ana vê um cego mascarando chicletes e isso lhe causa um profundo estranhamento. Os chicletes representam as balas que Clarice ganhou de sua irmã ainda na infância. “O que havia mais que fizesse Ana se apurmar em desconfiança? Alguma coisa intranquila estava sucedendo. Então ela viu: o cego mascava chicletes... Um homem cego mascava chicletes.” (LISPECTOR, 2005, p. 21).

Em *Clarice: uma vida que se conta* (2013), esse diálogo permanente e fundamental entre o texto biográfico e o literário aponta o entrecruzamento entre ambos os gêneros. Ao retomar trechos de contos, crônicas e romances de Clarice, Gotlib cria o esteio ideal para comprovar que a vida e a obra de Clarice são uma só:

Eis o que a literatura de Clarice nos traz: em meio à banalidade do cotidiano, a ruptura do tempo histórico, mergulhando numa outra realidade que se eterniza e se repete no gosto doce e amargo das coisas de que somos feitos. Essa experiência - de passeio pelo jardim ou de leitura dessa Clarice - realça a inevitável convivência com a difícil e paradoxal realidade da condição humana. (GOTLIB, 2013, p. 70).

Os contos e crônicas de Clarice representam a tentativa inicial da escritora no cenário literário. Mas é no jornalístico que Clarice terá oportunidade de expor sua arte. Já os seus romances, marcarão o surgimento de uma escritora que revoluciona o texto literário ao criar uma narrativa que não se prende à linearidade habitual para contar histórias que muito se aproximam das de Clarice.

Publica seu primeiro texto *O Triunfo*, em 1940, no periódico Pan no Rio de Janeiro. “E os primeiros contos que publica têm o tom leve e descompromissado da crônica e surgem nos periódicos onde trabalha profissionalmente como jornalista [...]” (GOTLIB, 2013, p. 177). O Triunfo é um conto que aborda a temática do relacionamento conjugal.

Em 1943, escreve seu primeiro romance, *Perto do coração selvagem*, cuja personagem Joana realiza uma busca interior (outra temática de Clarice). O romance causa à crítica o estranhamento provocado pela narrativa inacabada sem a linearidade habitual dos romances.

Seu segundo livro, *O lustre*, publicado em 1946 quando Clarice já vivia na Europa com o marido, Maury Gurgel Valente, tem Virgínia como personagem principal do livro. Sua trajetória é alterada pela ida à cidade grande (trajeto que a própria Clarice faz). Além disso, traz como características as mesmas de *Perto do coração selvagem* (1943): a estrutura indefinida e o fluxo da consciência que provoca a apropriação do que é habitual.

[...] seja no tempo da infância, em contato direto com a terra, as árvores, o riacho, a mata e a clareira, seja no tempo da cidade, em que a vida se dilui entre encontros inócuos e alguns poucos e frustrantes jantares, Virgínia aparece sob o signo do seu estranhamento como mais uma personagem de exceção, no seu difícil processo de ser que se forma consciente e que se trata de uma mulher à procura de si, mas sem se encontrar. (GOTLIB, 2013, p. 255).

Embora esteja mais próximo da linearidade habitual dos romances da época, *O lustre* (1946) revela o caráter descritivo de Clarice. Ao apresentar com detalhes a personagem Virgínia, Clarice aproxima-se dela criando uma espécie de diálogo entre “criador e criatura”. Aliás, essa tentativa será constante nos próximos romances e contos da autora.

Em 1949, lança seu terceiro livro *A cidade sitiada*, que, segundo Clarice, foi o mais difícil de escrever. Tem como enredo a construção de uma cidade, e Lucrecia, a personagem principal como elemento metamorfósico que vai experimentando novas sensações a partir da figura dessa cidade.

Essa seria uma das causas de certo estranhamento que o livro pode causar, numa primeira leitura. Sua estrutura, basicamente alegórica, propicia o trabalho da decifração para a constatação das equivalências. Mas surge daí uma narrativa estranha, às vezes desfocada, descentrada, tal como a visão da personagem. (GOTLIB, 2013, p. 322).

É o estranhamento um dos registros mais recorrente da obra clariceana que Nádya Battella Gotlib aponta em sua biografia. Concomitantemente com seu quarto romance *A Maçã no Escuro* (1961), Clarice escreve diversos contos que juntos formarão sua primeira coletânea intitulado *Laços de família* (1960), e cuja publicação ocorre antes mesmo a romance. É importante ressaltar que esses contos já haviam sido publicados anteriormente num livro intitulado *Alguns contos*, que posteriormente ganharia o título de *Laços de família*.

Entre 1956 e 1962, período em que escreve e publica os dois livros, Clarice trabalha para a imprensa no intuito de ganhar dinheiro. Escreve contos e crônicas e trabalha para o *Correio da Manhã* e o *Diário da Noite*. Para colaborar com as duas revistas, utiliza os pseudônimos Helen Palmer e Ilka Soares.

Sobre *A maçã no escuro* (1961), constata-se que nasceu com muita dificuldade, sendo muitas vezes interrompido: “E foi o único romance que reescreveu muitas vezes, na procura desse obsessivo entender-se [...]” (GOTLIB, 2013, p. 418). Como *A cidade sitiada* (1949), *A maçã no escuro* (1961) apresenta uma narrativa mais linear e uma curiosidade: a personagem protagonista é masculina: Martim. O livro narra a fuga dessa personagem e a descoberta de si próprio.

Em 1964, são publicadas mais duas obras de Clarice Lispector. A segunda coletânea de contos *A legião estrangeira* e o romance *A paixão segundo G.H.* O volume de contos é uma reunião de textos longos e curtos dividido em duas partes. Os contos mais curtos por vezes aproximam-se da crônica dado à sua leveza, e os longos são obras-primas em qualidade: “A esses, misturam-se outros mais leves, que por vezes beiram o tom dos textos menores, que figuram como crônicas.” (GOTLIB, 2013, p. 430).

Mas é o romance que ganha destaque pela crítica, quer pela sua densidade, quer pela personagem de nome desconhecido e que é única na narrativa. *A paixão segundo G.H* (1964) é um romance que traz à tona uma temática particular de Clarice: a busca pela identidade de uma personagem (G.H), que cria para si um interlocutor imaginário que lhe serve de companhia. “Ele é o que ouve. E quem é ele? O amado que se foi? O analista? O leitor? De qualquer forma, pela palavra e pelo discurso de memória, reconstitui - ou inventa - o que lhe aconteceu.” (GOTLIB, 2013, p. 448).

Após o lançamento de *A paixão segundo G.H* (1964), a produção literária de Clarice Lispector se intensifica entre traduções, reedições e muitos prêmios alcançados. O processo árido que antecedeu ao romance alavancou a literatura de Clarice. Nem mesmo o acidente que sofre em seu apartamento, em 1966, lhe faz parar de criar:

Na madrugada do dia 14 de setembro, Clarice sofre um acidente: há um incêndio no seu apartamento. Adormecera fumando e, ao acordar, tenta apagar o fogo com as mãos. Tenta, também, salvar os papéis do escritório. E fica gravemente ferida, sobretudo na mão direita, a que usava para escrever. (GOTLIB, 2013, p. 457).

Após o acidente, Clarice ingressa na *Revista Manchete* em 1968. Produz matérias para a revista durante quase um ano e meio e reconhece a dificuldade de escrever o texto jornalístico, preferindo escrever seu próprio texto. Entre 1967 e 1973 escreve crônicas para o *Jornal do Brasil*. De acordo com Gotlib (2013), a produção simultânea de romances, contos e crônicas é um exercício comum feito por Clarice.

Em 1969, o quinto romance de Clarice é publicado: *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*. Um livro que traz como enredo a história amorosa de Ulisses e Lóri. Um dos aspectos desse romance é a referência feita aos nomes dos personagens.

Ulisses carrega o misticismo de *Ilíada* e *Odisséia*, de Homero, e Lóri surge como a figura da sereia. Traz ainda o cotidiano banal no espaço (a cidade do Rio de Janeiro) e na linguagem. O estereótipo criado pela banalidade textual do romance provoca o processo do (des)aprender.

No início da década de 1970, Clarice retoma a produção de contos que formarão a sua terceira coletânea, *Felicidade clandestina*, publicada um ano depois. Alguns dos contos segundo Nádia Battella Gotlib, são “[...] sob a forma de textos autobiográficos [...]”. (GOTLIB, 2013, p. 498).

Narram-se histórias de infância vividas por Clarice como o conto “Felicidade Clandestina”, que dá título ao livro. Essas narrativas, como as demais, denotam a aproximação da vida e a obra da autora, são textos que revisitam sua própria trajetória de vida.

Mas, é em 1973, quando se publica *Água viva*, a exposição da grande incógnita da escrita de Clarice Lispector: a indefinição do gênero. O livro, segundo a crítica, não possui um gênero definido e impõe uma busca incessante pela intelectualização do processo de escrita.

Trata-se de uma obra não convencional, cuja representação é da hibridez textual, uma vez que pode ser romance, crônica, diário, autobiografia, poesia. A heterogeneidade desse livro se deu até mesmo no nome, antes de se chamar *Água viva*, foi intitulado como *Atrás do pensamento: monólogo com a vida e Objeto gritante*.

Na verdade, essa colagem de registros variados amplia o leque das virtualidades intertextuais, possibilitando uma correspondência entre as várias artes - literatura, música, pintura, por exemplo -, em função de uma semelhante postura ou práxis

artística, que despreza anteriores princípios reguladores da obra. No caso da literatura, despreza-se o caráter de livro e de autor. (GOTLIB, 2013, p. 512).

*Água viva* (1973) traz como novo a fluidez da linguagem acentuada pelos fragmentos no texto. Isso justifica a heterogeneidade do livro quando Clarice se apropria de textos anteriores para compor o atual.

Em 1974, Clarice publica a terceira obra infantil *A vida íntima de Laura*, e mais uma vez inova em sua escrita ao afirmar que Laura é uma galinha. “E como toda história que trata de relações centra sua atenção inicial justamente naquilo que não é socializável, comunicável, narrável: a intimidade.” (GOTLIB, 2013, p. 517). A narrativa apresenta o tema familiar e o descompromisso com a rigidez literária existente em outras obras de Clarice.

Após a publicação de *Água viva* (1973), Clarice retorna à escrita densa presente nos dois volumes de contos: *A via crucis do corpo* e *Onde estivestes de noite*, ambos de 1974. O primeiro foi escrito por encomenda e que traz o erotismo e a magia como elementos característicos. Composto por contos curtos e utilizando uma linguagem, segundo Gotlib (2013, p. 521), “[...] mais enxuta e direta”. Ambas as coletâneas de contos abordam novas temáticas, como: a velhice, o sexo (sob a forma da violência e/ou do humor) e a magia.

Em 1976, publica uma série de entrevistas concedidas pela própria Clarice a Fatos & Fotos. Esse tipo de publicação ocorrerá até meados de 1977 (ano de se sua morte) e que publica também a novela *A hora da estrela*.

Sobre este livro, é uma obra humanizada que realiza um processo de purificação interior (a catarse) a partir da figura de Macabéa, personagem principal. Nordestina como Clarice, Macabéa retrata a brasilidade e o *habitat* miserável do nordeste ao migrar para a cidade grande. “Mas não é só a nordestina miserável e sim a nordestina que vem de Alagoas para a cidade grande, que é o Rio de Janeiro, em roteiro semelhante ao de Clarice.” (GOTLIB, 2013, p. 579). Além disso, carrega no nome o lado judeu de Clarice ao representar os povos macabeus.

O romance de características novelesca (a heroína, Macabéa e o vilão, Olímpico), conforme descreve Nádia Battella Gotlib, segue a linha de romance social vigente nos anos de 1930, mas, sobretudo, faz uma reflexão de cunho existencial. Macabéa é um “objeto” que sucumbe aos interesses individuais das pessoas que a cercam, mas mantém intacta a sua pureza.

E além de novela, o romance é ainda metalinguístico porque narra o processo de criação (do narrador: Rodrigo S.M e da autora: Clarice Lispector) e também social porque conta o percurso da vida de um nordestino numa cidade grande.

Após a sua morte, são publicadas as últimas obras: o romance *Um sopro de vida (Pulsações)*, elaborado ainda em 1974 por Clarice; o livro infantil *Quase de verdade*, publicado em 1978; a reunião de crônicas *Para não esquecer*; o volume de contos *A bela e a fera*; mais um volume de crônicas intitulado *A descoberta do mundo e Como nasceram as estrelas: doze lendas brasileiras*, obra infantil que Clarice escreveu ainda em 1977.

#### **g) Fontes consultadas**

Para construir sua biografia, Nádya Battella Gotlib se apropria de documentos diversificados. É o que revela a sétima e última categoria. Uma parte desses documentos é do *Arquivo Clarice Lispector* que está depositada no Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa. Antes, porém, esses documentos estavam sob responsabilidade do filho mais velho de Clarice, Pedro, e guardados no Instituto Moreira Salles (IMS).

Outros arquivos de pessoas próximas a Clarice também foram consultados. Dentre eles: O Arquivo Lúcio Cardoso, O Arquivo Manuel Bandeira e A Coleção Plínio Doyle. E os documentos registrados no inventário de Clarice Lispector, como as fotografias.

Além desses registros, a biógrafa utiliza documentos de outros arquivos, como o Acervo Literário Érico Veríssimo e o Arquivo Judaico de Pernambuco. Foram usados também os arquivos de jornais como o *Correio do Povo*, de Porto Alegre e o *Jornal da Tarde*, de São Paulo e os documentos de *acervos pessoais*, tais como o do marido, Paulo Gurgel Valente, o da irmã, Tania Kaufmann, e o da amiga, Olga Borelli.

Ainda fazem parte da composição da biografia entrevistas concedidas por Clarice Lispector, com destaque para a que foi dada ao Museu da Imagem e do Som (MIS), em 1976 e a que foi concedida a Júlio Lerner na TV Cultura, em 1977.

Os fragmentos de contos escritos por Clarice e as reportagens que ela mesma realizou quando trabalhou como jornalista também foram utilizados, do mesmo modo que os trabalhos realizados por escritores que dedicaram seu tempo à pesquisa de e sobre Clarice Lispector.

Os depoimentos de pessoas que de maneira direta ou indireta estavam ligadas à Clarice também constam como fontes de pesquisa para Nádya Battella Gotlib. Alguns deles são o de Affonso Romano Sant'Anna, concedido a própria biógrafa, em 1993 e o de Antonio Callado a Aparecida Maria Nunes e Nádya Battella Gotlib, em 1991. Além dos depoimentos datados, a biógrafa usa os depoimentos que não tinham data mencionada.

Arquivos particulares de amigos e familiares de Clarice foram consultados, como os das irmãs Tania Kaufmann e Elisa Lispector, e o do marido, Maury Gurgel Valente, e também os institucionais como o Arquivo do Ginásio Pernambucano no Recife, o Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, a Fundação Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro, a Fundação Casa de Rui Barbosa e o Instituto Moreira Salles.

Todas essas fontes utilizadas por Nádía Battella Gotlib sustentam a sua biografia no fio condutor entre a vida e a obra de Clarice Lispector estreitando o vínculo entre a biografia e a literatura.

As informações em si e por si intercaladas apontam para o cruzamento entre o biográfico e o literário certificando-se do que afirma a teoria sobre a biografia: de fato é um texto híbrido e isso provoca o olhar heterogêneo para o seu conteúdo. A biografia de Nádía Battella Gotlib, enquanto fonte de informação é uma espécie de recurso usado para obtenção de outras informações.

## **5.2 Sob Clarice, o conteúdo sociológico e biográfico de Benjamim Moser**

Com o título original *“Why this world: a biography of Clarice Lispector”*, que traduzido significa *“Por que este mundo: uma biografia de Clarice Lispector”*, a obra obteve tradução no Brasil feita por José Geraldo Couto, e sob a visão social de Moser (2017) pontua o percurso vivido por Clarice e o quanto isso ajuda a compreender a sua construção literária que muito se assemelha à sua trajetória de vida.

Em *“Clarice, uma biografia”* (2017), Benjamim Moser faz intercalações entre o aspecto sociológico e o literário que envolve a obra de Clarice Lispector. Essas intercalações não são por acaso, ao passo que é por meio delas que Moser (2017) interpõe o elo entre biografia e literatura. Seu texto em si é um estudo social e histórico que ocorre por intermédio da trajetória de Clarice mostrando ser o instrumento que circunscreve a tessitura literária da escritora.

De modo comum à biografia de Nádía Battella Gotlib, em *“Clarice, uma biografia”* foi aplicada as mesmas categorias anteriormente utilizadas. Principalmente pela relação intrínseca entre o universo biográfico e o literário de Clarice Lispector e pela (não)linearidade que conduz sua biografia tal qual a literatura de Clarice.

Não na mesma ordem, as categorias, na biografia de Benjamim Moser, evidenciam a utilização de uma linha mais sociológica do que literária. A história de Clarice é contada em meio à História do mundo: a Primeira Guerra Mundial, a Guerra Civil na Ucrânia, a



perseguição aos Judeus, o Holocausto, a fuga dos Judeus, a vinda da família Lispector para o Brasil e o enfrentamento com as disparidades sociais e regionais do país.

Esses são alguns dos pontos históricos que para a biografia de Moser (2017) servem não apenas como cenário para a narrativa, mas principalmente como elemento condutor da trajetória de vida de Clarice Lispector.

Em contrapartida, a linha literária surge de maneira sutil, mas não menos importante. Ela é sobreposta pela trajetória de Clarice, o comportamento de suas personagens e os aspectos sociais.

As categorias que serão descritas a seguir na biografia de Benjamim Moser apontam para o aspecto social como mecanismo determinante e inspirador para a literatura de Clarice Lispector. Em “*Clarice, uma biografia*” (2017) é um retrato sociológico do percurso de vida de Clarice Lispector que transcende a sua obra.

#### **a) Vivências geográficas**

A primeira categoria apresentada na biografia de Moser (2017) traz como conteúdo informacional os percursos de Clarice Lispector entrecruzados às situações sociais da época. Como um indício da falta de linearidade, o biógrafo inicia o texto com um dado já referente à fase adulta de Clarice: “Em 1946, a jovem escritora brasileira Clarice Lispector retornava do Rio de Janeiro para a Itália, onde seu marido servia como vice-cônsul em Nápoles.” (MOSER, 2017, p.13). Essa informação será retomada em outro trecho da biografia.

A (não)linearidade da narrativa biográfica de Benjamim Moser, aliás, além de constante, não é aleatória, ela tem o fundamento de estabelecer a interconexão entre fatos da infância, da juventude e da fase adulta de Clarice Lispector ajustando-os aos aspectos sociais e históricos que permeiam sua vida e obra.

Moser (2017), ainda nas primeiras linhas de sua obra, evidencia esta interconexão ao citar a viagem feita ao Rio de Janeiro quando Clarice já estava casada e vivia há anos em Nápoles, na Itália.

Ela viajara ao Brasil como mensageira diplomática, levando despachos para o ministro brasileiro das Relações Exteriores, mas, com as rotas habituais entre a Europa e a América do Sul ainda bloqueadas em função da guerra, sua viagem ao reencontro do marido seguia um itinerário nada convencional. (MOSER, 2017, p.13).

A biografia escrita por Benjamim Moser é predominantemente (não)linear, mas em determinados momentos apresenta-se com linearidade como acontece no capítulo dois quando descreve a cidade natal de Clarice: “Um cantinho do enorme império do tsar, Tchetchélnik, na província ucraniana ocidental da Podólia, era o típico lugar encardido onde, até a virada do século XIX para o XX, vivia a maior parte dos judeus do mundo.” (MOSER, 2017, p.25). Essa retomada constitui uma forma de manter alinhadas as fases da vida da escritora.

De modo constante, Moser (2017) relata fatos sociais que integram a vida de Clarice. No capítulo três, descreve o episódio dos *Pogroms* (período mais agudo da guerra civil na Ucrânia) e que foi determinante para a fuga de inúmeros judeus, inclusive a família Lispector.

O bando invade a cidade, espalha-se pelas ruas, grupos separados invadem as casa de judeus, matando sem distinção de idade e sexo todo mundo que encontram pela frente, com a diferença de que as mulheres são bestialmente estupradas antes de ser assassinadas, e os homens são obrigados a ceder tudo o que está na casa, antes de serem mortos. (MOSER, 2017, p.41)

Dos *Pogroms*, Moser (2017) relata a chegada ao Brasil que se deu na cidade de Maceió, capital de Alagoas, em 1922: “[...] a região era rural e pré-industrial, e havia um abismo extremo entre a maioria empobrecida e os grandes proprietários de terras.” (MOSER, 2017, p.63).

Essa divisão social acentuada no nordeste brasileiro é o resultado do atraso de um país que construiu sua riqueza à base da monocultura e do latifúndio, tal qual afirma o autor: “O Brasil é vasto no papel, mas suas terras férteis, especialmente no Nordeste, exauriram-se rápido com a monocultura, que era regra nos engenhos.” (MOSER, 2017, p. 63).

O diálogo permanente entre a vida, a obra e os aspectos sociais reflete a imagem de Clarice, como uma espécie de espelho. Um exemplo disso é a imagem do nordeste na vida e na obra de Clarice: “O nordeste onde Clarice cresceu e onde os contrastes sociais do Brasil eram mais agudos, era um dos cenários favoritos.” (MOSER, 2017, p. 132).

O nordeste é um dos espelhos que apresenta a trajetória de Clarice e de algumas de suas personagens, como é o caso de Macabéa, a nordestina de Alagoas que vai para o Rio de Janeiro à procura de ocupar um lugar na sociedade excluída. Clarice encontrou esse espaço ao se tornar uma das maiores escritoras da literatura brasileira, já Macabéa, foi sucumbida por ele.

As atividades manufatureiras (latifúndio) ocorridas no cenário brasileiro e a abolição da escravatura, em 1888 provocaram revoluções nas classes rurais e a saída de muitos nordestinos para as grandes metrópoles do país.

Esse atraso social marcado, sobretudo, pelo analfabetismo dos trabalhadores rurais intensifica a ida da família Lispector ao Recife, em 1925, e mais tarde, para a turística cidade Rio de Janeiro, em 1935. Sobre o Rio de Janeiro, Moser afirma que:

[...] estava no auge de sua reputação internacional. Se anteriormente os navios que viajavam a Buenos Aires anunciavam que não faziam escalas no Brasil - a mente estrangeira, quando pensava no país, imaginava um lugar infestado de macacos, febre amarela e cólera -, o Rio tinha se transformado num dos destinos mais chiques do planeta. Cruzeiros afluíam para a baía de Guanabara, descarregando seus abastados passageiros nos novos hotéis que imitavam os brancos bolos de noiva originais da Riviera francesa [...] (MOSER, 2017, p. 111).

Retornando ao Recife, cidade em que Clarice viveu parte de sua infância e adolescência, Moser (2017) descreve o processo de conquista territorial ocorrido pelos holandeses como agente transformador social da região: “[...] transformaram o pacato e estagnado Recife na mais rica e multiforme cidade da América do Sul. Era habitado por africanos e índios, holandeses e portugueses, alemães, italianos, espanhóis, ingleses e poloneses.” (MOSER, 2017, p. 71).

Quando Clarice e sua família chegam ao Rio de Janeiro, região sudeste do Brasil, depara-se com um ambiente totalmente urbanizado, regido pela Política do café-com-leite<sup>3</sup> e por uma economia agrícola. Isso sustenta a tese de que a miséria não era uma exclusividade do nordeste brasileiro: “Os nordestinos muitas vezes achavam que trocaram a miséria de um lugar pela miséria do outro.” (MOSER, 2017, p. 113).

Em 1937, Clarice entra no curso preparatório para a Faculdade de Direito da Universidade do Brasil movida, segundo Moser (2017), pela “ânsia de justiça”. Em 1938, conhece Maury Gurgel Valente, com quem se casará mais tarde, em 1943.

A ânsia por justiça estava inscrita em seus ossos. Ela tinha visto a horrível morte da mãe, e seu brilhante pai, incapaz de estudar, reduzido ao comércio ambulante de tecido. Cresceu pobre no Recife, mas sempre teve consciência de que sua família, apesar das dificuldades, estava melhor de vida do que muitas outras. (MOSER, 2017, p. 120).

---

<sup>3</sup> A política do café-com-leite foi um acordo firmado entre as oligarquias estaduais e o governo federal durante a República Velha, para que o Presidente da República fosse escolhido entre os políticos de São Paulo e Minas Gerais, importantes produtores de café e leite respectivamente.

Sobre o casamento, Moser (2017) ressalta a religião como aspecto de proibição, que Clarice ignora: “Na época, era extremamente raro no Brasil, quase inaudito que uma moça judia se casasse com alguém de fora da religião. [...] o casamento era uma declaração da independência de Clarice em relação à comunidade que a criou.” (MOSER, 2017, p. 153).

Retomando a (não)linearidade de sua biografia, Moser (2017) encerra o capítulo 13 com o olhar surpreso da crítica literária sobre o primeiro romance de Clarice, *Perto do Coração selvagem*, publicado em 1943. O ensaio de Sérgio Milliet acentua a singularidade e a estranheza do texto de Clarice Lispector.

Clarice estava em Belém (acompanhando seu marido Maury Gurgel Valente) quando enviou uma carta a Sérgio Milliet e dali iria para a Europa onde viveria dezesseis anos em Nápoles (Itália).

Clarice e Maury Gurgel Valente chegaram a Belém do Pará em 20 de janeiro de 1944. A cidade úmida, lânguida, situada na foz do grande rio, é um lugar sensual. A cada tarde, com regularidade de um relógio, e nunca por mais de uma hora, um aguaceiro encharca a cidade, limpando o ar do forte cheiro de peixe que emana de seu enorme mercado à beira do rio. Belém é isolada do resto do Brasil em termos geográficos e culturais, e sua população é mais marcada pelo índio do que pelo africano, (MOSER, 2017, p. 169).

Em julho de 1943, Clarice e Maury viajam para a Europa, onde moram por dezesseis anos. Antes, porém, param em Parnamirim (RN), onde está instalada a base norte-americana. Maury Gurgel Valente segue viagem, mas Clarice permanece em Natal por cerca de doze dias. “A experiência de viver no exterior seria tão difícil quanto compensadora, mas primeiro ela precisava chegar lá. Em 30 de julho, embarcou em Natal.” (MOSER, 2017, p. 176).

Até chegar à Europa, passa pelos Estados Unidos e África. Por fim, desembarca em Lisboa em 2 de agosto de 1944, onde permanece uma semana e meia. Em seguida parte para o Marrocos e depois para Argel. “[...] partiu para o Marrocos, levando correspondência para Vasco Leitão da Cunha, representante do Brasil junto ao Governo Provisório da República Francesa, sediado em Argel.” (MOSER, 2017, p. 178). Clarice fica em Argel durante doze dias e nesse período conhece alguns judeus que escaparam dos ataques nazistas ocorridos em Paris e fugiram para a Argélia.

Após breve estadia em Argel, Clarice segue viagem para Nápoles (Itália). O consulado brasileiro em Nápoles antes mesmo da Segunda Guerra Mundial abriu as portas para o Brasil,

sobretudo, na procura de mão de obra de pessoas que pudessem trabalhar nas fazendas de café nos lugares dos negros que foram libertos pela a abolição da escravatura<sup>4</sup>, em 1888.

A empobrecida Itália, com seu grande excedente de trabalhadores agrícolas, era uma solução ideal. Os italianos, à diferença dos judeus ou dos japoneses, também satisfaziam os requisitos dos teóricos raciais: por serem brancos, católicos, latinos, podiam ser absorvidos sem esforço. Centenas de milhares chegaram, especialmente no Sul, dando origem a nada menos que 15% da atual população brasileira. (MOSER, 2017, p. 180).

Segundo Moser (2017), é a carreira diplomática que marca o início do casamento de Clarice e Maury Gurgel Valente e sobre a qual Clarice apresenta pouco interesse. O cenário da Itália é de abandono, miséria, prostituição, contrabando e assaltos; para muitos, consequências da Guerra.

Mas segundo relatos de Clarice, em cartas à irmã, Elisa Lispector, algumas dessas situações eram fatores culturais: “A prostituição, por exemplo, sempre foi aqui um grande meio de vida” (MOSER, 2017, p. 182). Clarice retorna ao Rio de Janeiro em outubro de 1944 e ganha o Prêmio Graça Aranha de melhor romance com *Perto do Coração Selvagem* (1943).

De acordo com Moser (2017), a partida para Nápoles compreende o fim da guerra. Clarice conhece novos escritores e posa para o pintor De Chirico. A distância dos amigos e da família faz Clarice sentir de perto a solidão e a depressão:

Não há dúvidas que odiava estar longe do Brasil e de que temia o exílio [...]. Claro que sentia falta das irmãs e dos amigos. Mas uma explicação de mais simples para sua infelicidade nessa época era que a excitação da vida nova - casamento, sucesso, viagem, bem como ter se sentido útil no hospital - tinha refluído. Havia agora espaço para o ressurgimento de uma depressão que já a atormentara antes do casamento. (MOSER, 2017, p.204).

Um dado informacional significativo na biografia de Moser (2017) é o recorrente percurso entre Itália e Brasil na trajetória de Clarice. Segundo o biógrafo, em janeiro de 1946, a escritora volta ao Brasil, permanece durante quase dois meses e ver o lançamento de seu segundo livro *O lustre*. No cenário brasileiro, já não se vive mais sobre o governo ditatorial de Getúlio Vargas. Uma luta foi travada por muitos cidadãos para combater o fascismo na Itália e no Brasil.

O novo presidente do Brasil é Eurico Gaspar Dutra que manteve o aspecto conservador instaurado por Vargas. “A eleição de Dutra não significou uma ruptura com o

---

<sup>4</sup>A abolição da escravatura foi um dos acontecimentos mais marcantes da história do Brasil e determinou o fim da escravização dos negros no Brasil. A abolição do trabalho escravo ocorreu por meio da Lei Áurea, aprovada no dia 13 de maio de 1888 com a assinatura da regente do Brasil, a Princesa Isabel.

velho regime, nem teve esse intuito. De todo modo, o fim da guerra e o retorno à democracia trouxeram ao Brasil o ar puro que ele tanto carecia.” (MOSER, 2017, p. 205).

O retorno à Europa tem um novo endereço: Berna (Suíça). O lugar que, para Clarice, será como uma espécie de “silêncio artístico”; Clarice sentirá enorme dificuldade de escrever. “As cidades de brinquedo, os relógios cuco, os chocolates e a neutralidade não poderiam oferecer um contraste maior com o caos, a juventude e a energia do Rio de Janeiro. A Suíça era um pouco menos do que Clarice podia suportar [...]” (MOSER, 2017, p. 210).

A inquietação de Clarice perpassa sobre a crítica feita ao seu segundo livro *O lustre* (1945). “Agora o que a surpreendia era que mesmo os críticos que haviam elogiado seu primeiro livro estavam ignorando o segundo.” (MOSER, 2017, p. 212). Moser aponta que esse estado inquieto provocado pelo lugar onde Clarice estava avançou até o momento em que começa a escrever *A cidade sitiada* (1949). Logo, depreende-se o quanto o espaço social e geográfico interfere na composição literária da autora, o que sustenta a relação entre vida e obra.

Em 1949, Clarice, Maury e Pedro, seu primeiro filho, retornam ao Brasil. O desembarque acontece em Recife, cidade onde Clarice viveu parte de sua infância. “Ela, Maury e Pedro tinham apenas umas poucas horas no Recife antes de embarcar de novo no navio que seguiria viagem até o Rio, onde ela não pisava desde 1946.” (MOSER, 2017, p. 235).

Moser (2017) relata que a chegada de Clarice ao Rio de Janeiro provoca-lhe um novo ânimo. Nesse período Maury estava servindo no Palácio do Itamaraty e Clarice publica seu terceiro livro *A cidade sitiada* (1949).

Mas um novo itinerário começará para Clarice. Maury Gurgel Valente é informado sobre seu novo endereço: Torquay (Inglaterra), onde iniciaria uma série de negociações sobre o Acordo Geral de Tarifas e Comércio. A estadia em Torquay duraria apenas seis meses.

Clarice, Maury e Pedro voltam ao Brasil em março de 1951, cujo momento marca o retorno de Getúlio Vargas ao poder, reeleito com 48,7% dos votos, e a fragmentação do sistema político brasileiro.

A passagem pelo Brasil foi curta. Maury Gurgel Valente seria enviado a Washington como segundo-secretário da Embaixada. “Ela, Maury e Pedro viajaram a Nova York na primeira classe de um navio inglês. [...]. Chegaram a Washington em setembro de 1952. (MOSER, 2017, p. 253).

Em julho de 1954, voltam novamente ao Brasil para passar as férias. O país vivia um cenário político de altos e baixos com Getúlio Vargas ainda no poder. Mas, de acordo com as

informações de Moser (2017), Clarice e sua família vivenciam, três semanas depois de chegarem ao Rio de Janeiro, um episódio desencadeador da “morte” de Getúlio: o assassinato de Carlos Lacerda, inimigo do presidente.

Pouco tempo depois, Clarice retorna a Washington: “Clarice foi puxada de volta para a tranquilidade burguesa da Washington de Eisenhower, aonde chegou em 15 de setembro.” (MOSER, 2017, p. 263).

As inúmeras viagens feitas por Clarice Lispector também fazem parte do seu processo de escrita. Em praticamente todos os lugares por onde esteve Clarice produziu suas obras, com a exceção de Berna, em que ficou cerca de três anos sem escrever.

A vida em Washington era mais movimentada do que numa pequena embaixada numa cidadezinha suíça onde, sem amigos, nem filhos, a adolescente bravia e vivaz murchou para se tornar uma adulta solitária e triste. Em Washington Clarice tinha uma porção de gente à sua volta, fez novas amizades e recebeu várias visitas [...]. (MOSER, 2017, p. 268).

Os bons dias vividos em Washington, conforme relata Moser (2017), são interrompidos pela separação entre Clarice e Maury: “Em certo sentido, as razões específicas por trás da separação de Clarice e Maury são, portanto, supérfluas. Fazia alguns anos que as coisas não andavam bem.” (MOSER, 2017, p. 292).

Clarice retorna definitivamente ao Brasil, em julho de 1959, com seus filhos: Pedro e Paulo. O cenário brasileiro é de pós Era Vargas, o país, segundo Moser (2017), vivia uma “efervescência cultural”.

Se para os europeus, a década de 1950 foram os anos duros da reconstrução após a guerra, e se, para os americanos, eles tiveram o aroma do conformismo suburbano, para os brasileiros os dez anos que se seguiram ao suicídio de Vargas são lembrados como idade de ouro, uma era sem precedentes, e jamais repetida, de confiança nacional. (MOSER, 2017, p. 297).

Conforme as informações presentes na biografia de Benjamim Moser, a volta definitiva de Clarice ao Brasil é marcada por intensa produção literária e jornalística (esta última, por necessidade financeira para manter-se juntamente com os filhos).

Mas nem todas as portas se abrem para ela muito em função das obras que escrevia; um exemplo disso é o livro *A maçã no escuro*, que será recusado por algumas editoras brasileiras.

Segundo informações contidas na biografia de Moser (2017), na modernidade do Rio de Janeiro, Clarice vive os últimos anos de sua vida no apartamento que fica no Leme:

“Agora, às dez e meia da manhã de 9 de dezembro de 1977, ela morreria segurando a mão de Olga.”(MOSER, 2017, p. 467).

Na biografia de Benjamim Moser, a primeira categoria intercala-se às outras numa espécie de simultaneidade, ou seja, não há sobreposição de uma categoria sobre a outra e isso é provocado pela (não)linearidade, característica das informações inseridas no texto às relações intrínsecas que existem entre elas.

## **b) Nomes clariceanos**

A segunda categoria apresentada na biografia de Benjamim Moser corresponde aos nomes de Clarice Lispector. A primeira referência de nome que se tem é o de origem. Em meio ao teor da guerra que assolava a Ucrânia, nasce Chaya, na pequena aldeia chamada Tchetchélnik.

Em 1920, só na cidadezinha de Tchetchélnik, quinhentas moradias de camponeses foram saqueadas. O comércio foi destruído, os campos ficaram sem cultivo, grassaram epidemias. A fome reinava. Seis anos antes, Tchetchélnik tinha 8867 habitantes. Em janeiro de 1921, a população se reduzira a menos da metade. Nessas circunstâncias, em temperaturas que atingiam trinta graus abaixo de zero, Chaya Pinkhasovna Lispector nasceu. (MOSER, 2017, p.50).

É do hebraico o nome Chaya e o seu significado é “vida”, o que corrobora para a futura escolha do nome Clarice, no Brasil. Ainda sobre a relação entre a futura escritora e sua cidade natal, Tchetchélnik, o autor afirma que: “[...] seu nome era praticamente tudo o que a pequena Chaya possuía.”. (MOSER, 2017, p. 51).

Conforme assinala Moser (2017), o cenário de atraso e violência é o estopim para a saída da família Lispector da Ucrânia e a busca pelo nome (identidade) será exercício habitual no processo de escrita de Clarice. “Eles deixaram a Ucrânia no inverno de 1921.” (MOSER, 2017, p. 57).

A vinda para o Brasil não foi ao acaso, havia muitos judeus espalhados pelas grandes metrópoles brasileiras, especialmente no sudeste. Mas coube ao trajeto ser diferente. Em 1922, a família Lispector desembarca na cidade nordestina Maceió, capital de Alagoas, que, de acordo com o autor, “[...] não tinha um punhado de famílias judias.” (MOSER, 2017, p. 62). A mudança se dá também nos nomes:

Em Maceió adotou nomes brasileiros. Pinkhas virou Pedro, Mania virou Marieta, Leah virou Elisa e Chaya virou Clarice. Somente Tania, cujo nome era comum no



novo país, manteve o seu. Clarice, ainda não completara um ano e meio, não teria nenhuma lembrança de Chaya nem dos horrores da Ucrânia. (MOSER, 2017, p.63).

Os novos nomes da família Lispector representam um aspecto de “pertencimento” que Clarice reafirma ao longo de sua trajetória só ter alcançado no Brasil. O contexto social da cidade de Maceió também é de carência, porém sem os assombros da guerra. A produção latifundiária da monocultura levará a família Lispector a mudar-se em poucos anos para o Recife.

O relato de Moser (2017) percorre os vários caminhos seguidos por Clarice. Após a infância vivida no Recife, Clarice e sua família (seu pai, Pedro e as irmãs, Tania e Elisa) mudam-se para a região sudeste do Brasil: “Quando Clarice Lispector tinha quinze anos, um ano depois de descobrir a possibilidade de escrever, seu pai fez sua última mudança. O destino agora era o Rio de Janeiro.”(MOSER, 2017, p. 111).

O nome de Clarice ganhará novo contorno. Após a morte do Pedro Lispector, Clarice fica apenas com a companhia das irmãs, mas o fato é que haveria um destino diferente para cada uma.

Em 1941, Clarice, que era estudante do curso de direito e já naturalizada brasileira, conhece Maury Gurgel Valente e casa-se com ele, em 1943, contra a vontade de sua família. Clarice agora assinaria o nome de Clarice Lispector Gurgel Valente.

Os pais de Maury estavam lá, mas a família Wainstok, que morava então em Niterói, só soube do casamento quando Elisa e Tania atravessaram a baía de Guanabara para levar a informação. As testemunhas não eram parentes, mas os chefes do noivo e da noiva [...] (MOSER, 2017, p. 153).

Em sua biografia, Moser (2017) relata outros nomes usados por Clarice, sobretudo após o fim de seu casamento com Maury Gurgel Valente, quando retorna ao Brasil com os filhos Pedro e Paulo.

São nomes de caráter artístico, criados pela própria Clarice para omitir sua identidade no contexto jornalístico. “A convite do jornal *Correio da Manhã*, a autora mística de *A maçã no escuro* deu lugar a uma tagarela e petulante colunista chamada Helen Palmer, que dava conselhos às leitoras com uma piscadela e um sorriso.” (MOSER, 2017, p. 301).

De acordo com Moser (2017), além de Helen Palmer, outros dois nomes surgem como criação de Clarice: Teresa Quadros e Ilka Soares, atriz brasileira famosa da década de 1950, de quem Clarice se apropria do nome. “Clarice conseguiu criar uma nova voz para a coluna de Ilka, “só para mulheres”: confidente, acessível, e o tempo todo “você”.”(MOSER,

2017, p. 303). Os variados nomes de Clarice, de certo modo, refletem uma identidade plural descrita em suas obras.

### c) Línguas faladas

Sobre a terceira categoria não há informações muito claras inseridas na biografia de Benjamim Moser. O que existe são dados que por meio da sutileza do autor remetem-se às línguas faladas por Clarice.

A primeira referência de língua apontada por Moser (2017) recai sobre a maneira de falar de Clarice, o que lhe deu a característica “real” de estrangeira e isso colocava em dúvida a sua nacionalidade.

Embora tenha chegado ao país na primeira infância, Clarice Lispector sempre pareceu estrangeira a muitos brasileiros, não por causa de seu nascimento na Europa ou dos muitos anos que passou no exterior, mas por seu modo de falar. Ela cerceava, e seus ásperos, guturais, davam-lhe um sotaque estranho. (MOSER, 2017, p.19-20).

Esse “cercear” do “r” dava à Clarice um sotaque francês. Segundo Moser (2017), Clarice explicava que não era francesa. Esse seu modo de falar era um defeito de dicção: “[...] simplesmente tenho língua presa. Uma vez esclarecida minha brasilidade [...]” (MOSER, 2017, p. 20).

O estrangeirismo de Clarice, aliás, será notado em outros aspectos como no sobrenome e na sua escrita: “Os depoimentos frequentemente mencionam sua estranheza. Havia aquela fala estranha, aquele estranho sobrenome, tão incomum no Brasil.” (MOSER, 2017, p. 22).

De acordo a sequência da leitura de Moser (2017), evidencia-se que em Clarice sempre existiu uma sensação de pertencimento, sobretudo em relação ao Brasil. “Nada menos que um terço da orelha de uma biografia é dedicado a insistir que ela era brasileira.” (MOSER, 2017, p. 23). Ao mesmo tempo também é constante a insistência de Clarice em desconsiderar sua origem. “Em público, ela se referiu a suas origens familiares não mais do que um punhado de vezes. Quando o fez, foi de maneira falsa e vaga.” (MOSER, 2017, p. 23).

A segunda referência às línguas faladas por Clarice refere-se a que aprende na escola (já no Recife). Clarice estudou no Colégio Hebreu-Ídiche-Brasileiro que ensinava o hebraico e o ídiche e as demais disciplinas.

A terceira e última língua falada por Clarice e registrada por Moser é (2017) o inglês que ela aprende durante os anos em que mora em Washington. “Ela estudava inglês como aprendia a dirigir: com indiferença.” (MOSER, 2017, p. 264).

#### **d) Datas de nascimento**

A quarta categoria, bem como a terceira, não é aplicável em muitas passagens da biografia de Benjamim Moser (2017). Há apenas uma única referência à data de nascimento de Clarice Lispector que se encontra no terceiro capítulo do livro intitulado “O Pogrom básico”, período correspondente à fase aguda da guerra civil na Ucrânia.

Moser (2017) relata as condições climáticas do dia que Clarice nasceu. “Nessas circunstâncias, em temperaturas que atingiam trinta graus abaixo de zero, Chaya Pinkhasovna Lispector nasceu de mãe sífilítica, em 10 de dezembro de 1920.” (MOSER, 2017, p. 50).

Essa falta de referência sobre o nascimento de Clarice na biografia de Benjamim Moser (2017) pode ser justificada por duas razões: a precisão da data que o autor e a falta de interesse da própria Clarice sobre seu local de origem.

A informação sobre o nascimento pode ser afirmada por meio da data em que a família Lispector conseguiu a liberação para viajar ao Brasil: “A família obteve um passaporte russo em 27 de janeiro de 1922, válido para viagem ao Brasil.”. (MOSER, 2017, p. 60). Logo, esse dado confirma que quando Clarice chega ao Brasil tem um ano e três meses de idade, consolidando o ano de 1920 como o seu nascimento.

A segunda razão para a única referência à data de nascimento de Clarice Lispector pontuada a partir da leitura de Moser (2017) é de caráter subjetivo, parte da indiferença com que a escritora tratava o seu local de origem. Clarice e sua família jamais voltaram à Ucrânia.

O mais perto que Clarice chegaria de seu local de nascimento foi Varsóvia, onde seu marido seria embaixador brasileiro nos anos de 1960. Àquela altura ela era uma escritora famosa, e o governo soviético, ávido como sempre por exibir suas credenciais culturais, ofereceu-lhe a oportunidade de visitar seu lugar de nascimento. Ela recusou. (MOSER, 2017, p. 56).

Embora de maneira simplificada, as informações contidas em “*Clarice, uma biografia*” (2017) registradas nessa categoria direcionam os relatos sociais que envolvem a trajetória de Clarice Lispector. Da data de nascimento até o dia de sua morte, Moser (2017) assinala eventos históricos e sociais relacionados à vida de Clarice Lispector.

No Brasil, por exemplo, o ano referente ao nascimento de Clarice ainda não se tinham universidades. “No ano em que Clarice nasceu (1920), o Brasil não tinha sequer uma universidade.” (MOSER, 2017, p. 122). A primeira universidade brasileira criada sob a tríade (Ensino, Pesquisa e Extensão) foi a Universidade de São Paulo (USP), em 1934.

Por fim, de acordo com a análise das duas razões pontuadas, é possível inferir que a data de nascimento de Clarice implica para a família Lispector a saída da Ucrânia em detrimento da guerra civil e as transformações sociais vividas por cada um deles. Para Clarice, a data de nascimento representa a aparição de uma figura literária no cenário brasileiro e mundial e o esquecimento do seu lugar de origem.

### **e) Produções literárias**

A quinta categoria descrita por Moser (2017) insere-se na esfera das produções literárias de Clarice Lispector. Apesar de não ser um texto linear, a primeira referência à obra clariceana é sobre o romance inaugural de sua literatura *Perto do coração selvagem*, publicado em 1943. Nesta obra, que, para a literatura, rompe os paradigmas do texto tradicional. A partir de Joana, personagem principal, Clarice traz à tona um dos temas mais recorrentes: o casamento e o comportamento humano.

Joana é um animal, mais “natural” do que humana. Ao longo do livro Clarice a compara a uma víbora, um cão, um gato selvagem, um cavalo e um pássaro. A incapacidade de Joana em reconhecer ou compreender os códigos do comportamento humano abala as pessoas. (MOSER, 2017, p.158).

Moser (2017) encontra na personagem Joana, características da própria Clarice: “[...] as mesmas circunstâncias familiares, a mesma personalidade obstinada, a mesma resistência às convenções.” (MOSER, 2017, p. 79). E um dos aspectos descrito neste livro é o comportamento humano tão apreciado por Clarice e descrito na maioria de suas personagens.

Benjamim Moser associa a temática da investigação humana, do enfrentamento às circunstâncias vivenciadas por Clarice ainda na infância. “Dadas às circunstâncias brutais da primeira infância de Clarice, seria difícil que ela pudesse chegar a uma conclusão diferente desta: a vida não é humana e não tem “valor humano algum”.” (MOSER, 2017, p. 81).

A segunda referência à produção de Clarice é o livro de contos *Onde estivestes de noite* (1974). Neste livro, Moser (2017) destaca o hábito de Clarice em criar nomes, algo que

ela faz com frequência na sua infância. A busca pela identidade humana é assinalada como um dos processos que percorrem a vida e a obra da escritora.

A terceira referência é pontual, trata-se do primeiro conto publicado por Clarice, em 1940, *Triunfo*. Nele, Clarice apropria-se de seu domínio verbal para questionar qual o papel da literatura a partir de situações banais, outro aspecto marcante em sua obra. “Não consigo escrever. Com estas palavras arranho uma chaga. Minha mediocridade está tão...” (LISPECTOR, 2016, p. 30).

Outro conto citado por Moser (2017) é *A fuga* (1940) que trata de mais um tema constante na obra de Clarice Lispector: o casamento como sinônimo de anulação da liberdade do ser. “Há doze anos era casada e três horas de liberdade restituíram-na quase inteira a si mesma.” (LISPECTOR, 2016, p. 88-89).

A quinta referência feita por Moser (2017) à produção literária de Clarice é sobre o segundo livro *O lustre* (1946), visto pela crítica como uma obra estranha e difícil. Por sua coerência existente, apresenta-se em forma de revelação (epifania) em meio aos segmentos longos.

Conforme pontua Moser (2017), em *O lustre* (1946) não há preocupação em descrever situações, criar diálogos, o que predomina é o monólogo interior (traço característico da escrita de Clarice). Os personagens não apresentam características exteriores. “Para a Virgínia, de *O lustre* (1946), a única realidade era interior; o mundo exterior era indistinto e incompreensível, e no final das contas a trapaceava.” (MOSER, 2017, p. 221).

Ao sequenciar os romances de acordo com as datas de publicação, Moser (2017) estabelece uma análise linear que não é predominante em sua biografia. Diante de suas percepções acerca da prosa clariceana, o autor assinala que há uma cronologia ordenada encadeando, nesse momento, a produção literária da autora.

A sexta referência à obra de Clarice é o terceiro romance intitulado *A cidade sitiada* (1949). Para Moser (2017), Lucrécia, a personagem principal do romance, é o oposto de Clarice (algo incomum em suas narrativas, já que na maioria delas as personagens carregam traços históricos e características semelhantes aos de Clarice).

Ainda, segundo o autor, *A cidade sitiada* (1949) é um livro no qual Clarice tenta sair de sua “introspecção” (traço característico de sua escrita). Lucrécia é diferente de Clarice no que tange à superficialidade “das coisas” e, portanto, sem profundidade interior e a cidade é este lugar de revelações. “Muito do que para Clarice era desgraça e exílio significava realização e para Lucrécia.” (MOSER, 2017, p. 222).

A sétima obra analisada por Benjamim Moser é o livro *A maçã no escuro*, publicado em 1961. O romance traz Martim como protagonista masculino e o tema abordado é a loucura, que serve como ferramenta para o conhecimento.

O enredo gira em torno do “suposto” crime cometido por Martim: a morte de sua mulher e que no decorrer da história será mostrado que nunca ocorreu. “A culpa” pelo crime é o elo de aproximação entre Martim e Clarice; (Martim, em relação à sua mulher, e Clarice, em relação à sua mãe). “A obsessão de Clarice Lispector pelo crime em geral se originava da culpa atada à sua existência [...]. Também Martim é perseguido porque existe.” (MOSER, 2017, p. 273).

A oitava obra citada por Moser (2017) é referente à primeira coletânea de contos de Clarice *Laços de família* (1960). O livro foi feito no mesmo período em que escreve *A maçã no escuro* (1960).

Segundo as informações contidas em “*Clarice, uma biografia*” (2017), esta coletânea foi considerada pela crítica como uma das melhores reuniões de contos da literatura brasileira. “Foi no início dos anos 1960 que uma escritora obscura e de reputação difícil se tornou uma instituição nacional, “Clarice” imediatamente reconhecível só pelo primeiro nome.”(MOSER, 2017, p. 306).

A nona obra de Clarice Lispector referenciada por Moser (2017) é reconhecida como “[...] um dos grandes romances do século XX.” (MOSER, 2017, p. 322). Trata-se de *A paixão segundo G.H.* (1964), livro que, segundo Clarice, não é literatura, se lido na superfície textual.

De acordo com Moser (2017), o livro, escrito em primeira pessoa, apresenta enredo breve e uma busca pessoal profunda, mas que deve ser realizada aos poucos. Traz em si uma narrativa que desmancha a imagem da mulher como sendo um processo de desconstrução e atrevimento.

Ao iniciar seu monólogo, G.H., uma abastada moradora de uma cobertura no Rio, tenta descrever a vida que havia terminado tão inesperadamente no dia anterior. O dia começou de modo bastante convencional. A empregada tinha perdido demissão e G.H. resolveu arrumar o quarto da mulher. (MOSER, 2017, p. 324).

Mediante a leitura da biografia de Moser (2017), compreende-se que é por meio da “arrumação” do quarto da empregada que ocorre em G.H. o processo de consciência. Ao se deparar com uma “barata” a crise se instaura por G.H. perceber que sua existência é tão anônima, insignificante e animalesca quanto à da barata.

Moser (2017) notifica que, no mesmo ano de publicação de *A paixão segundo G.H.*, também ocorre a de *A legião estrangeira*, segunda coletânea de contos de Clarice. O livro é uma reunião de contos e fragmentos publicados antes, e outros novos.

A décima primeira referência feita por Moser (2017) corresponde às duas produções infantis de Clarice: *O mistério do coelho pensante* (1967) e *A mulher que matou os peixes* (1968). O primeiro foi a pedido de seu primeiro filho Paulo; o segundo é uma obra de confissão, na qual a própria Clarice admite que ela é “essa mulher” que matou os peixes.

A décima segunda referência é sobre o livro *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres* (1969). Sobre este romance, Moser (2017) pontua algumas informações pertinentes: o livro não é escrito em primeira pessoa como *A paixão segundo G.H.*, mas possui o mesmo caráter autobiográfico, Lóri, personagem principal, e Clarice têm caminhos parecidos:

Lóri é uma professora sem filhos, que vive sozinha, mas à parte disso ela e Clarice têm muita coisa em comum. A exemplo de Clarice, Lóri passou longos períodos no exterior particularmente em Paris e Berna. Seu rosto é comparado ao da Esfinge: “Decifra-me ou te devoro”. Sua maquiagem é um pouco exagerada. Ela sofre de uma angústia social paralisante [...]. Ela toma remédios para dormir, consulta cartomantes, sua mãe está morta. (MOSER, 2017, p. 368).

Além do aspecto autobiográfico, a narrativa de *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres* (1969) apresenta recursos vanguardistas e não convencionais na pontuação do texto e no uso das letras maiúsculas e minúsculas: “[...] começa com uma chamativa vírgula e termina com dois pontos.” (MOSER, 2017, p. 368). E, por fim, o enredo registra a história de amor entre Lóri e Ulisses e a luta pelo fim do isolamento do mesmo modo que as lutas políticas ocorridas em 1968.

Moser (2017) sinaliza, também, informações acerca do livro *Felicidade clandestina* (1971), terceira coletânea de contos composta por 25 histórias que remete a uma preocupação com a temática da infância.

Algumas delas reescritas anteriormente, com a exceção de três contos: *Felicidade clandestina* (conto que dá título ao livro), *Restos de carnaval* e *Cem anos de perdão*. Como outras obras, *Felicidade clandestina* apresenta aspectos autobiográficos, como relata o trecho a seguir do conto *Restos de carnaval*:

Não, não deste último carnaval. Mas não sei por que este me transportou para a minha infância e para as quartas-feiras de cinzas nas ruas mortas onde esvoaçavam despojos de serpentina e confete. Uma ou outra beata com um véu cobrindo a cabeça ia à igreja, atravessando a rua tão extremamente vazia que se segue ao carnaval. (LISPECTOR, 1998, p. 25).

A décima quarta obra citada por Moser (2017) é *Água viva* (1973). Conforme assinala o biógrafo, o livro traz algumas reflexões pertinentes como a escrita individual que tem um alcance universal; o processo de “enxugamento” realizado por Clarice e o caráter híbrido do livro, impossibilitando determinar o gênero.

A ausência de uma estrutura convencional romanesca é um exemplo de liberdade textual pretendido por Clarice: “Liberto dos limites da trama ou da narração, *Água viva* é todo ápice.” (MOSER, 2017, p. 391).

A décima quinta referência à produção literária de Clarice Lispector feita por Benjamim Moser diz respeito à reunião das três obras publicadas no ano de 1974: *A vida íntima de Laura*, *Onde estiveste de noite* e *A via crucis do corpo*.

*A vida íntima de Laura* (1974), segundo as informações citadas na biografia de Moser (2017), é considerada a melhor literatura infantil de Clarice. Sem a complexidade de outras obras da autora, o livro narra a história de Laura, uma galinha que é casada com o galo “presunçoso” Luís. O processo de humanização da galinha por meio do nome é a temática da obra.

*Onde estivestes de noite* (1974), de acordo com Moser (2017), apresenta duas temáticas novas na literatura de Clarice: a melancolia e o desamparo de envelhecer. Do mesmo modo que *Água viva* (1973), a quarta coletânea de contos é curta, apresenta apenas 17 narrativas com forte carga emocional. No trecho retirado do conto *Silêncio*, é possível notar o aspecto melancólico da obra:

É tão vasto o silêncio da noite na montanha. É tão despovoado. Tenta-se em vão trabalhar para não ouvi-lo, pensar depressa para disfarçá-lo. Ou inventar um programa, frágil ponto que mal nos liga ao subitamente improvável dia de amanhã. Como ultrapassar essa paz que nos espreita. (LISPECTOR, 2016, p.512).

*A via crucis do corpo* (1974), conforme pontua Benjamim Moser, é um misto de narração de histórias e prostituição. A sexualidade é abordada de maneira explícita, o que faz pela primeira vez, Clarice ser considerada uma escritora pornográfica. Como em tantas outras obras de Clarice, a ficção se funde com o cotidiano das personagens tal qual o trecho a seguir, retirado do conto *O corpo*:

Na noite em que viu *O último tango em Paris* foram os três para a cama: Xavier, Carmem e Beatriz. Todo o mundo sabia que Xavier era bígamo: vivia com duas mulheres. Cada noite era com uma. Às vezes duas vezes por noite. A que sobrava ficava assistindo. Uma não tinha ciúme da outra. (LISPECTOR, 2016, p. 537).



A décima sexta referência de Moser (2017) à produção literária de Clarice Lispector é acerca de duas obras póstumas: *Quase de verdade*, literatura infantil escrito em 1970 e *Um sopro de vida* (Pulsações) romance que Clarice começou a escrever em 1974 e foi estruturado por Olga Borelli, amiga de Clarice.

*Quase de verdade* (1978) é, segundo Moser (2017), “uma sátira de ficção social” produzido por artistas ligados à censura e a ditadura militar. A história do livro é narrada por Ulisses, um cachorro que vive suas aventuras no quintal do vizinho com “galinhas oprimidas”. A dona de Ulisses é Clarice. Moser (2017) ressalta que: “O livro tem um final mágico e feliz, como todos os livros de Clarice para crianças.” (MOSER, 2017, p.410).

*Um sopro de vida* (Pulsações), também publicado em 1978 por Olga Borelli, aborda a pintura como tema. O ofício da pintura, conforme assinala Moser, começa a fazer parte da vida de Clarice por volta de 1975: “[...] ela estava levando a sério a atividade de pintar.” (MOSER, 2017, p. 430).

A obra relata o “diálogo com a vida” entre Clarice e Ângela Pralini, personagem principal, que também é uma pintora. Conforme afirma Moser (2017), *Um sopro de vida* (Pulsações) (1978) “[...] é o tipo de paradoxo misterioso” (MOSER, 2017, p. 432), no qual Clarice sempre esteve presente. “[...] é um retrato de Clarice criando-a.” (MOSER, 2017, p. 235).

A décima sétima e última referência feita por Benjamim Moser às obras de Clarice Lispector diz respeito ao romance *A hora da estrela* (1977), publicado em vida por Clarice. O livro narra a história de Macabéa, nordestina de Alagoas que vai para o Rio de Janeiro. Moser (2017) aponta as muitas semelhanças entre Clarice e Macabéa: a pobreza, o percurso seguido, o gosto pela Rádio relógio e o hábito de ir à cartomante.

Ela é uma moça pobre de Alagoas, o estado onde os Lispector se estabeleceram ao chegar ao Brasil, e que migrou, como os Lispector e tantos milhões de outros para a metrópole do Rio de Janeiro. Seu estranho nome, Macabéa, vem de uma promessa feita por sua mãe a uma santa amplamente venerada no Nordeste do Brasil, Nossa Senhora da Boa Morte. (MOSER, 2017, p.455).

Sobre a morte de Macabéa corresponde em, *A Hora da Estrela* (1977), à sua hora de destaque, mas em toda a narrativa, a personagem é amassada por figuras interesseiras e egoístas que ignoram a sua existência: o namorado Olímpico, a amiga Glória.

Então ao dar o passo da descida da calçada para atravessar a rua, o Destino (explosão) sussurrou veloz e guloso: é agora, é já, chegou a minha vez! E enorme como um transatlântico o Mercedes amarelo pegou-a - e neste mesmo instante em

algum único lugar do mundo um cavalo como resposta empinou-se em gargalhada de relincho. (LISPECTOR, 1998, p. 79).

A categoria “Produções literárias” sobreposta na biografia de Benjamim Moser (2017) apresenta dois aspectos pertinentes para a construção sociológica do texto. O primeiro deles é que os fatores sociais estão embutidos em cada obra literária de Clarice Lispector; o segundo é que a linearidade contida na biografia permanece sustentada em boa parte da biografia.

#### **f) Experiências profissionais**

A sexta categoria aplicada à biografia de Moser (2017) refere às profissões de Clarice Lispector. A primeira profissão exercida por Clarice foi a de jornalista e iniciou logo após a morte de seu pai. Porém, uma profissão foi decidida ainda quando Clarice tinha apenas treze anos de idade: “Em 1933, Clarice Lispector decidiu se tornar escritora.” (MOSER, 2017, p. 107).

Numa época onde mulheres não tinham muitos espaços nos meios profissionais, especialmente na área do jornalismo, Clarice foi uma das exceções. “Naquela época, poucas brasileiras, com exceção da ocasional colunista, poucas escreviam para jornais.” (MOSER, 2017, p. 126).

Por intermédio de Lourival Fontes, dirigente do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP)<sup>5</sup> durante o governo de Getúlio Vargas, Clarice começa a trabalhar na Agência Nacional. Segundo as informações de Moser (2017): “A princípio ela deveria trabalhar como tradutora, mas já havia tradutores suficientes, então foi designada para trabalhar como editora e repórter, a única mulher com esses cargos.” (MOSER, 2017, p. 128).

Além de jornalista, repórter e tradutora, Clarice realizava também entrevistas com generais e autoridades do Brasil. Ao mesmo tempo em que exercia as atividades jornalísticas, Clarice escreve seus primeiros contos: “Em 25 de maio de 1940, publicou seu primeiro conto conhecido, “Triunfo”, na revista Pan.” (MOSER, 2017, p. 123).

Como repórter, Clarice publicou vários escritos e trabalhou em revistas literárias onde publicou contos e um poema autoral. Segundo as informações relatadas por Moser (2017), Clarice aproveita a oportunidade de trabalhar em diversas revistas e publica seus primeiros textos:

---

<sup>5</sup>O DIP foi criado por decreto presidencial em dezembro de 1939, com o objetivo de difundir a ideologia do Estado Novo junto às camadas populares.

[...] tinha se transferido para o jornal *A Noite*, que já fora uma das glórias do jornalismo brasileiro. A redação dividia um andar com *Vamos Ler*, revista popular onde publicara seus primeiros contos. Era menos um novo emprego do que uma extensão de seu trabalho anterior [...]. (MOSER, 2017, p. 161).

Quando se casa com Maury Gurgel Valente, Clarice passa a exercer mais duas profissões: a diplomacia, por ser esposa de um diplomata e a de enfermeira durante a Segunda Guerra Mundial. Segundo as informações de Moser (2017), o serviço diplomático era uma espécie de “casulo”, Clarice não gostava desse ofício, mas era uma obrigação exercê-lo. A enfermagem foi uma forma de ajudar e se sentir útil nos dias de guerra.

As enfermeiras precisavam de toda a ajuda que pudessem obter, e ficaram contentes em contar com o reforço da Sra. Clarice Gurgel Valente, que, apesar de seus desdenhosos comentários sobre a “humanidade sofredora”, mostrou-se uma infatigável humanitária. (MOSER, 2017, p. 185).

Em meados da década de 1950, Clarice começa a trabalhar para a revista *Senhor*, onde seus contos eram anunciados e mais tarde acaba mantendo uma coluna fixa em 1961. A partir dos relatos do biógrafo, é possível inferir que a *Senhor* tinha influência na imprensa brasileira, mas muito criteriosa na escolha dos textos e de seus escritores.

Os rigorosos critérios da revista quanto à excelência artística se estendiam a questões visuais: pintores famosos ilustravam a capa, e até mesmo os anúncios que não correspondessem ao seu padrão eram rejeitados. Clarice Lispector, no entanto, era uma das favoritas. A cada três edições, ela aparecia em uma. (MOSER, 2017, p. 289).

Outra profissão exercida por Clarice é a de cronista. Segundo Moser (2017), a escritora inicia a produção de crônicas no *Jornal do Brasil (JB)*, em 1967, período em que o gênero estava no auge: “Clarice temia não estar à altura da tarefa e confessou várias vezes ao longo dos seis anos e meio de colaboração com o *JB*, que se sentia um pouco intimidada pelo gênero.” (MOSER, 2017, p. 351).

Parte do sentimento de assombro de Clarice em trabalhar nas revistas e jornais é a condição “rara” de ser mulher, num universo predominantemente masculino. “Apenas três ou quatro mulheres trabalhavam como colunistas literárias.” (MOSER, 2017, p. 352).

Clarice desfruta do espaço conquistado e segue trabalhando nos jornais durante muitos anos de sua vida, principalmente após o fim do casamento com Maury Gurgel Valente: “Desde 1968 os jornais tinham sido sua principal fonte de renda, e, embora ainda recebesse

sua pensão de Maury, não podia substituir com facilidade o dinheiro que cessou de entrar.” (MOSER, 2017, p. 413).

As informações contidas na biografia de Moser (2017) revelam outras profissões realizadas por Clarice: a de tradutora e a de adaptadora de clássicos infantis. Para cumprir o pagamento de suas contas, começa a traduzir obras do inglês e do francês para a editora Arte Nova. “Para outra editora, adaptou clássicos para crianças, incluindo os contos de Edgar Allan Poe e *O retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde.” (MOSER, 2017, p. 414).

A última atividade realizada por Clarice, de acordo com Moser (2017), não é exatamente vista como profissão, é antes de tudo uma distração que substitui o cansaço pela escrita que surge no fim de sua carreira devido aos problemas de saúde. “Ela estava cansada de escrever, mas era igualmente incapaz de dar um basta à inquieta ânsia criativa que ao longo da vida a empurrara de um experimento a outro.” (MOSER, 2017, p. 430).

A pintura começa a fazer parte de sua literatura, em algumas obras aparece a figura de uma pintora como é o caso da narradora em *Água viva* (1973), ou a própria arte de pintar como temática em *Um sopro de vida (Pulsações)*, publicado em 1978 após seu falecimento. Para Benjamin Moser: “A pintura tinha preparado Clarice para sua nova experiência na escrita.” (MOSER, 2017, p. 434).

### **g) Fontes consultadas**

A sétima e última categoria corresponde às fontes consultadas por Benjamim Moser para construir “*Clarice, uma biografia*” (2017). O escritor organiza sua biografia em capítulos e para cada um deles usa uma variedade de fontes de informação referente à Clarice Lispector. Algumas das fontes consultadas aparecem diversas vezes em capítulos diferentes, o que também sustenta o aspecto (não)linear da biografia, visto que são fontes que Moser (2017) cita várias vezes.

Uma das fontes recorrentes na biografia de Benjamim Moser diz respeito às *cartas* trocadas entre Clarice e amigos e suas irmãs (Tania e Elisa). As cartas contêm os registros das muitas viagens feitas por Clarice e sinalizam a saudade que sempre sentia do Brasil. Registram-se também o processo de escrita, as impressões dos muitos lugares por onde andou e a troca de informações sobre a recepção crítica de suas primeiras obras.

Além das cartas, os dados informacionais do Instituto Moreira Salles (IMS) e da Fundação Casa de Rui Barbosa também aparecem várias vezes em *Clarice, uma biografia*

(2017). A seção “Os Cadernos de literatura brasileira” e as anotações da própria Clarice compõem o relato biográfico feito por Benjamin Moser.

Outros dois tipos de fontes são utilizados por Moser (2017): os artigos publicados por estudiosos da crítica literária brasileira e mundial, e da própria Clarice e os depoimentos de diversos autores e de Clarice. Juntos com as demais fontes de informação formam o conteúdo de *Clarice, uma biografia* (2017). Essa reunião de informações contextualiza a trajetória social e literária de Clarice Lispector.

Além dos dados informacionais citados acima, outro bastante presente na biografia de Moser (2017), são os fragmentos de obras da própria Clarice. É por meio desses fragmentos que o autor associa as análises feitas por críticos sobre a produção literária de Clarice.

Mais duas fontes de informação aparecem na construção da biografia de Benjamin Moser: as entrevistas e as biografias. As entrevistas utilizadas pelo biógrafo são de diversos autores, ora de relação próxima com Clarice ora de estudiosos pela vida e a obra da escritora. Além dessas entrevistas, as que a própria Clarice concedeu também fazem parte da produção biográfica de Benjamin Moser. É o caso da entrevista feita pelo jornalista Júlio Lerner em 1977.

As biografias consultadas são muitas, a maioria delas de pessoas que se dedicaram ao estudo da vida e da obra de Clarice Lispector como Nádia Battella Gotlib, em *Clarice: uma vida que se conta* (edição de 1995) e Teresa Cristina Montero Ferreira, em *Eu sou uma pergunta, uma biografia de Clarice Lispector* (1999).

Moser (2017) também usa os recortes de jornais, diários e revistas, e as matérias produzidas por inúmeras editoras, nas quais Clarice trabalhou e publicou suas obras. Parte dos jornais e revistas foi responsável pela divulgação da obra clariceana e também espaço para a crítica literária expressar impressões quanto à escrita de Clarice Lispector.

Outra fonte de informação utilizada por Moser (2017) é a fotografia. Trata-se de um conjunto de imagens que registram momentos familiares, documentos de identificação e naturalização, viagens internacionais (Suíça, Itália, Inglaterra, Estados Unidos, etc.), encontros com amigos, a relação de amizade com Ulisses, seu cão e o processo de escrita.

A reunião de diversas fontes indica que a busca feita por Benjamin Moser foi minuciosa no intuito de organizar uma biografia que relacionasse ao mesmo tempo a vida e a obra de Clarice Lispector à História do Brasil e do mundo. Moser (2017) não relata apenas fatos sobre Clarice, mas, sobretudo, vincula os fatos históricos à sua trajetória e à sua produção literária.

Assim sendo, as categorias aplicadas evidenciam que a produção biográfica de Benjamim Moser (2017) compreende um conjunto de informações que vão além de vida e obra. Trata-se de uma biografia que contextualiza sociologicamente a personalidade de Clarice Lispector aos diversos momentos da História, seja a nível nacional ou mundial

## 6 AS PROXIMIDADES E DISTÂNCIAS EXISTENTES ENTRE “CLARICE: UMA VIDA QUE SE CONTA” E “CLARICE, UMA BIOGRAFIA”

“A biografia se apresenta como exposição da realização, segundo uma teleologia que faz do escritor um indivíduo dotado, desde o berço, de todas as qualidades exigidas para se tornar um criador excepcional. A informação biográfica se transforma, pois, em lição de moral [...]” (DOSSE, 2009, p. 85).

A partir das análises feitas sobre as duas biografias estudadas, é possível pontuar proximidades e distâncias entre elas. É preciso salientar que o intuito não é de estabelecer comparações, e sim de sinalizar os aspectos que unem e separam “*Clarice: uma vida que se conta*” (2013) e “*Clarice, uma biografia*” (2017). A biografia “*Clarice: uma vida que se conta*” (2013), de Nádya Battella Gotlib, é uma obra em permanente contato com a literatura de Clarice, os trechos inseridos da literatura de Clarice intercalam-se à narrativa de sua vida.

A biógrafa apropria-se do roteiro clariceano para estabelecer o vínculo entre a vida e a obra da autora. Em “*Clarice: uma vida que se conta*” (2013), Nádya Battella Gotlib apresenta a sua biografia como fonte para a compreensão do texto literário de Clarice, que tece a partir de suas personagens sua própria história.

Já em “*Clarice, uma biografia*” (2017), Benjamim Moser faz um retrato social dos diversos lugares por onde Clarice passou, além dos aspectos contextuais distintos, como a Guerra, a perseguição contra os Judeus na Ucrânia e outros países do mundo, da fuga dos Judeus (inclusive da família de Clarice) e da imagem do Rio de Janeiro (como a cidade turística por excelência).

Por meio de Clarice, são expostas as nuances da fragilidade humana. Logo, em Gotlib (2013) tem-se a biografia e a obra de Clarice em uníssono; já em Moser (2017), tem-se a biografia e a obra de Clarice descrita por meio de um olhar sociológico.

Se a biografia de Nádya Battella Gotlib desfaz distâncias entre o biográfico e o literário, o escritor americano Benjamim Moser, primeiro biógrafo internacional de Clarice Lispector, produz uma obra biográfica que caminha na direção contrária ao apresentar uma narrativa em que é o aspecto sociológico que circunscreve a vida e a obra da escritora.

Essas duas perspectivas estão sustentadas pelo caráter dicotômico sinalizado por Vianna e Marques Júnior (2008) de que a biografia interpõe a ideia de narração, descrição (aspectos literários), registros ou história de vida (aspectos históricos).

Isso fortalece a concepção de heterogeneidade e hibridização inscrita na biografia, conferindo-lhe valores distintos de fonte histórica e científica ou artística e literária. É o efeito antagônico da biografia que a torna capaz de ser Ciência e Arte ao mesmo tempo.

Em “*Clarice: uma vida que se conta*” (2013), Nádya Battella Gotlib constrói uma biografia sustentada pelo viés literário, tradicional, que segue uma linha cronológica dos fatos, tal qual afirma Priore (2009) ao considerar a biografia uma “narrativa” de acontecimentos encadeados. Gotlib (2013) narra a trajetória de Clarice Lispector sob a perspectiva literária, ou seja, como uma espécie de pano de fundo, a literatura de Clarice serve para transportar a vida para a obra.

Segundo Gotlib (2020), esse encontro entre biografia e literatura se deu em *Clarice: uma vida que se conta*, por uma “necessidade” particular sua, ao perceber que tinha acesso a obra de Clarice, mas não a uma biografia. Gotlib (2020), no entanto, ressalta que seu interesse foi mostrar a relação autônoma que há entre a biografia e a literatura de Clarice Lispector, e não uma dependência.

Essa autonomia, de acordo com a própria autora, justifica-se na ficcionalidade da literatura. Embora seja possível notar em alguns textos de Clarice, uma linha tênue entre ficção e realidade, é fundamental estabelecer certas distâncias. Para Gotlib (2020) sua biografia compõe um texto que caminha paralelamente por duas linhas “independentes”, mas que dialogam entre si: a vida (biográfica) e a obra (literária), de Clarice. Conforme Gotlib (2020), cabe ao leitor decidir que linha vai seguir

Em contrapartida, “*Clarice, uma biografia*” (2017), Benjamim Moser conduz sua biografia pelo viés sociológico. Moser (2017) tece a trajetória de Clarice Lispector em concomitância com acontecimentos históricos e sociais. Logo, essa forma de construção consolida a concepção que Del Priore (2009) apresenta sobre a biografia: de que um indivíduo reflete a vida de outros indivíduos.

Segundo o próprio Moser (2020), essa inter-relação entre a vida, a obra e o contexto social ocorre em sua produção biográfica de forma natural e ressalta que é importante conhecer o aspecto social em que está inserida Clarice e o quanto ele pode influenciar a sua trajetória.

Ou seja, Moser (2017) evidencia que os fatos sociais que permeiam a vida e a obra de Clarice estendem-se socialmente, como por exemplo: A guerra civil na Ucrânia que provocou a saída de muitos ucranianos (inclusive a família de Clarice) do país. *Clarice, uma biografia* fundamenta-se no traço coletivo por meio da figura de Clarice, ressaltando a ideia de que as pessoas não vivem sozinhas; elas se relacionam e que foi apresentada por Del Priore (2009).



A aplicação das categorias que foram criadas nesta pesquisa evidencia alguns aspectos pertinentes no processo de construção das produções biográficas analisadas. O primeiro aspecto a ser citado é a ordem de aplicação das sete categorias. A seguir, o Quadro 1 com a distribuição de categorias por biografias.

**Quadro 1** - Distribuição das categorias para cada biografia

<b>BIOGRAFIAS</b>	<b>CATEGORIAS</b>
<b><i>CLARICE: UMA VIDA QUE SE CONTA</i></b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>a) Datas de nascimento;</li> <li>b) Nomes clariceanos;</li> <li>c) Vivências geográficas;</li> <li>d) Línguas faladas;</li> <li>e) Experiências profissionais;</li> <li>f) Produções literárias;</li> <li>g) Fontes consultadas.</li> </ul>
<b><i>CLARICE, UMA BIOGRAFIA</i></b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>a) Vivências geográficas;</li> <li>b) Nomes clariceanos;</li> <li>c) Línguas faladas;</li> <li>d) Datas de nascimento;</li> <li>e) Produções literárias;</li> <li>f) Experiências profissionais;</li> <li>g) Fontes consultadas.</li> </ul>

Fonte: Elaborado pela autora.

A aplicação distinta das categorias nas duas biografias ressalta um aspecto apresentado no decorrer desta pesquisa: a linearidade, que predomina na produção biográfica de Nádía Battella Gotlib e é ausente em boa parte da obra de Benjamim Moser.

O texto (não)linear, em “*Clarice, uma biografia*” (2017), resulta da ausência cronológica dos fatos vividos por Clarice. Por isso, acentua-se a desordem das categorias. De acordo com Moser (2020), essa (não)linearidade acontece propositalmente, sem a preocupação com a cronologia dos fatos, visto que a biografia é uma construção narrativa; o que sustenta também a relação entre biografia e literatura.

Já em “*Clarice: uma vida que se conta*” (2013), a linearidade aponta que a cronologia seguida por Nádía Battella Gotlib respeita a trajetória da vida e obra da escritora. Ainda segundo Gotlib (2020), essa construção cronológica linear facilita a compreensão dos fatos.

Mas mesmo dentro desse trajeto linear é possível contar a vida e a obra de Clarice provocando diálogos entre o passado, o presente e o futuro. Para Gotlib (2020), esse movimento de vai e vem dentro da biografia girando em torno da linearidade estabelece relações e o bom entendimento da vida e da obra da escritora.

A categoria “**Datas de nascimento**”, por exemplo, apresentada como primeira em “*Clarice: uma vida que se conta*” (2013) e quarta em “*Clarice, uma biografia*” (2017), demonstra a questão da linearidade como um fator de presença e ausência respectivamente.

Outro aspecto distinto entre as biografias ainda referente a esta categoria é a apresentação de diferentes datas acerca do nascimento de Clarice, apresentada na primeira biografia em detrimento da única data apresentada pela segunda. A seguir, o Quadro 2 indicando as possibilidades de diferentes datas a respeito do nascimento de Clarice Lispector.

**Quadro 2-** Apresentação de datas referentes ao nascimento de Clarice Lispector

<b>CATEGORIA</b>	<b>CLARICE: UMA VIDA QUE SE CONTA</b>	<b>CLARICE, UMA BIOGRAFIA</b>
<b>Datas de nascimento</b>	- 10 de dezembro de 1920. - 10 de outubro de 1920. - 1921, 1926, 1927 (essas foram criadas pela própria Clarice).	- 10 de dezembro de 1920.

Fonte: Elaborado pela autora.

A respeito da categoria “**Línguas faladas**”, as diferenças apontadas pelas biografias recaem sobre o quantitativo de línguas aprendidas por Clarice. Em “*Clarice: uma vida que se conta*” (2013) cita-se seis línguas, já em “*Clarice, uma biografia*” (2017), apenas quatro.

No entanto, o traço em comum recai sobre as linhas apresentadas por Nádya Battella Gotlib e Benjamim Moser: as línguas que marcam a vida de Clarice e as que aprende a falar. Logo, em ambas as biografias, as línguas faladas por Clarice ressaltam o seu processo de fala e aprendizagem. A seguir, o Quadro 3 apresentando as línguas faladas por Clarice.

**Quadro 3 -** As línguas faladas por Clarice remetem-se ao processo de fala e de aprendizagem

<b>CATEGORIA</b>	<b>CLARICE: UMA VIDA QUE SE CONTA</b>	<b>CLARICE, UMA BIOGRAFIA</b>
<b>Línguas faladas</b>	- A língua portuguesa (a que remete ao país que a recebeu, isto é, a materna); - A língua russa (remete à origem de sua história); - O francês; - O inglês; - O espanhol; - A língua presa (ao seu estrangeirismo).	- A língua presa (marcada pelo cercear dor, remete ao estrangeirismo); - O hebraico (aprendida na escola); - O inglês (aprendida na escola); - O ídiche (aprendida na escola).

Fonte: Elaborado pela própria autora.

O ponto em comum entre as duas biografias, nessa categoria, decorre do “estrangeirismo” de Clarice Lispector apontado pelos dois biógrafos. Em “*Clarice: uma vida que se conta*” (2013), esse estrangeirismo justifica-se mediante a escrita intrigante de Clarice. Por outro lado, em “*Clarice, uma biografia*” (2017) o estrangeirismo legitima o estranhamento social da sua fala (quando falava, Clarice parecia francesa).

Outra categoria que aponta distinções entre as biografias é a “**Vivências geográficas**”, seja pela ordem em que é aplicada nas biografias (e neste ponto justifica-se a presença e a ausência de linearidade), seja pelo processo construtivo das biografias.

“*Clarice: uma vida que se conta*” (2013) é mais literária, já “*Clarice, uma biografia*” (2017) é mais sociológica. Essa diferença fica nítida quando Gotlib (2013) intercala a vida e a obra literária de Clarice e Moser (2017) associa vida e obra a fatos históricos e sociais.

Logo, não é o lugar o traço diferente, e sim a construção biográfica que é feita pelos dois autores a partir deste lugar. Os Quadros 4 e 5 a seguir apontam os caminhos percorridos por Clarice sob o viés literário e sociológico respectivamente.

**Quadro 4** -O traço literário em detrimento dos caminhos percorridos por Clarice

CATEGORIA	CLARICE: UMA VIDA QUE SE CONTA
Vivências geográficas	<ul style="list-style-type: none"> <li>- 1920: O nascimento de Clarice ocorre na aldeia de Tchetchélnik, no dia 10 de dezembro, quando a família estava indo em direção à América.</li> <li>- 1922: A família Lispector chega ao Brasil, no porto de Maceió (AL).</li> <li>- 1925: Clarice e sua família mudam-se para o Recife (PE). Nesse trajeto começa suas experiências com a leitura e a escrita.</li> <li>- 1935: Após a morte de sua mãe, Clarice, seu pai e suas irmãs vão para o Rio de Janeiro. Ingressa no curso superior de Direito. A partir daí intensifica sua escrita literária.</li> <li>- 1943: Clarice se casa com Maury Gurgel Valente e se naturaliza brasileira. Além disso, publica o seu primeiro romance <i>Perto do coração selvagem</i>. No fim deste mesmo ano, viajam para Belém do Pará e logo depois partem para a Europa.</li> <li>- 1944: Após passar por diversos lugares, Clarice e Maury Gurgel chegam à cidade de Nápoles (Itália), onde vivem durante dois anos.</li> <li>-1945: Na Itália, Clarice conhece diversas cidades (Roma, Veneza, Florença) e também Córdoba (Espanha). Clarice publica seu segundo livro <i>O lustre</i>.</li> <li>-1946: Clarice volta ao Brasil e divulga <i>O lustre</i>. Maury Gurgel Valente é transferido para a Suíça. Nesse mesmo ano, Clarice e Maury mudam-se para Berna onde moram por três anos (até 1949). Clarice sente dificuldades em se adaptar a Berna.</li> <li>-1947: Passa as férias em Paris na companhia de amigos.</li> <li>-1949: Clarice, Maury e Pedro (primeiro filho) voltam da Suíça para morar no Brasil. Clarice</li> </ul>

	<p>publica <i>A cidade sitiada</i>, seu terceiro romance.</p> <p>- 1950: Clarice vai para Torquay onde passa seis meses.</p> <p>- 1951: Clarice retorna ao Brasil onde mora por seis meses.</p> <p>- 1952: Embarca para Washington (EUA); publica seu primeiro livro de contos <i>Alguns contos</i>, que mais tarde será intitulado <i>Laços de família</i> e escreve <i>A maçã no escuro</i>; faz pequenas viagens pra Boston e Nova York. Clarice mora nos Estados Unidos até 1959 e tem seu segundo filho, Paulo.</p> <p>- 1954: Clarice volta ao Brasil com os filhos e fica por três meses até retornar a Washington.</p> <p>- 1956: Clarice passa férias no Brasil e depois volta aos Estados Unidos.</p> <p>- 1959: Viaja para Holanda com a filha de Getúlio Vargas, Alzira do Amaral Peixoto. Neste mesmo ano, separa-se de Maury Gurgel Valente e volta ao Brasil com os filhos.</p> <p>- 1959-1977: Clarice mora no Rio de Janeiro, no bairro do Leme.</p> <p>- 1962: Clarice vai à Polônia com os filhos visitar seu ex-marido.</p> <p>- 1963: Clarice faz conferência nos Estados Unidos, na Universidade de Austin (Texas). Escreve o romance <i>A paixão segundo G.H.</i></p> <p>- 1968: Clarice viaja até Belo Horizonte, onde conversa com estudantes e concede entrevistas.</p> <p>-1975: Clarice participa de um congresso de Bruxaria na Colômbia.</p> <p>-1976: Clarice participa de uma exposição em Buenos Aires e faz sua última viagem ao Recife.</p> <p>- 1977: Clarice morre no dia 9 de dezembro e é enterrada no Cemitério Comunal Israelita no bairro do Caju (RJ).</p>
--	---

Fonte: Elaborado pela autora baseado na cronologia abreviada construída por Nádya Battella Gotlib.

De acordo com o Quadro 4, o aspecto literário que envolve a produção biográfica de Gotlib (2013) fundamenta-se na cronologia dos fatos vividos por Clarice e no quanto a geografia dos lugares interfere no processo de escrita da escritora.

Todavia, o aspecto sociológico apresentado por Moser (2017) sustenta-se na relação da vida e da obra de Clarice intercalado à história dos lugares por onde Clarice andou. A seguir, o Quadro 5 apresenta o aspecto sociológico de Moser (2017).

**Quadro 5** -O traço sociológico em detrimento dos caminhos percorridos por Clarice

<b>CATEGORIA</b>	<b>CLARICE, UMA BIOGRAFIA</b>
	<p>- 1920: O nascimento de Clarice Lispector se dá durante a viagem para a América. A fuga é movida pela Revolução Russa (1917), a guerra civil na Ucrânia e a perseguição contra os judeus.</p> <p>- 1922: Clarice e sua família chegam ao Brasil e desembarcam em Maceió (região nordeste). O nordeste é descrito como uma região rural e pré-industrial, marcada pela pobreza e o atraso social, pela manufatura e o latifúndio.</p> <p>- 1925: A família Lispector muda-se para o Recife. O cenário é de um lugar colonizado por</p>

<p><b>Vivências geográficas</b></p>	<p>diversos povos (holandeses, espanhóis, alemães, portugueses, italianos, poloneses, africanos, entre outros. Pernambuco possuía uma grande comunidade judaica e oferecia maiores oportunidades profissionais.</p> <p>- 1935: Clarice e sua família (sem a presença da mãe que faleceu) vão para o Rio de Janeiro. A região sudeste se distinguia do nordeste pelo aspecto urbanizado. Além disso, é marcada pela produção agrícola e a política do café-com-leite. O Rio era uma cidade turística e vivia o auge da sua visibilidade internacional. O Brasil vive o início da Era Vargas.</p> <p>- 1943: Clarice obtém a naturalização assinada pelo presidente Getúlio Vargas. Casa-se com Maury Gurgel Valente, cônsul da embaixada brasileira. Maury Gurgel é designado para trabalhar no exterior. Clarice publica <i>Perto do coração selvagem</i>.</p> <p>-1944: Antes de irem para a Europa, Clarice e Maury Gurgel (vice-cônsul) vão para Belém do Pará. Belém é uma cidade afastada geográfica e culturalmente e possui uma população marcada pelo índio e o negro. Maury Gurgel Valente é designado como vice-cônsul em Nápoles (Itália). Antes de chegar a Europa, Clarice e Maury param em Parnamirim (RN) e são recebidos pela base norte-americana. Passa por diversos lugares: Estados Unidos, África, Lisboa, Marrocos, Argel, Taranto até chegar a Nápoles.</p> <p>- 1945: Já em Nápoles, Clarice viaja pelas demais cidades italianas: Florença, Veneza e Roma. Conhece também Córdoba (Espanha). Clarice trabalha como enfermeira dando assistência aos feridos da guerra. Nápoles é uma cidade suja, desordenada e tem uma população que vive do contrabando, do mercado negro, da prostituição, de assaltos e roubos.</p> <p>- 1946: Clarice volta ao Brasil para a publicação do seu segundo romance <i>O lustre</i>. O país que Clarice reencontra é bem diferente. O Brasil vivia o pós 2ª Guerra Mundial e o fim da primeira fase do governo Vargas e o novo presidente é Eurico Gaspar Dutra. Neste mesmo ano é publicada no Diário Oficial a remoção de Maury Gurgel Valente para Berna (Suíça). Clarice retorna à Itália para a mudança e logo em seguida vai para Berna. A cidade suíça é calma, neutra, silenciosa o que provoca em Clarice um estado de solidão.</p> <p>- 1947: Clarice passa férias em Paris. Retorna a Berna. Escreve seu terceiro romance <i>A cidade sitiada</i>.</p> <p>- 1949: Clarice e Maury retornam ao Rio de Janeiro. Maury é removido para a Secretaria do Estado. Clarice chega com Pedro, seu primeiro filho. No retorno ao Brasil, passam por Recife para rever familiares. O livro <i>A cidade sitiada</i> é publicado. Clarice, Maury e Pedro moram no bairro do Flamengo. Ainda neste ano Maury Gurgel recebe a notícia de que será enviado para Torquay (Inglaterra) para concretizar o Acordo geral de Tarifas e Comércio. Ficam em Torquay durante seis meses.</p> <p>- 1950: Clarice, Maury e Pedro fazem uma viagem a passeio até Londres.</p> <p>- 1951: Retornam ao Brasil. O país vive a reeleição de Getúlio Vargas. Clarice escreve vários contos.</p> <p>- 1952: Clarice está grávida de seu 2º filho, Paulo, que nascerá em Washington, próxima residência da família Linspector. Maury assume o posto de segundo-secretário da Embaixada.</p> <p>- 1954: Clarice, os filhos (Pedro e Paulo) e Maury voltam ao Brasil para passar férias. O país</p>
-------------------------------------	---

	<p>vive conflitos políticos. Getúlio Vargas falece nesse ano. Clarice escreve seu 4º romance <i>A maçã no escuro</i> e alguns contos. Retorna aos Estados Unidos neste mesmo ano.</p> <p>- 1956: Novamente passa férias no Brasil com os filhos.</p> <p>- 1957: Retorna aos Estados Unidos. A volta ao país marca a separação de Clarice e Maury Gurgel.</p> <p>- 1959: Clarice faz uma viagem à Holanda acompanhando a embaixatriz brasileira, Alzira do Amaral Peixoto. Regressa aos EUA e logo em seguida volta definitivamente para o Brasil com os filhos. Clarice separa-se de Maury Gurgel Valente. No Rio de Janeiro, mora em um apartamento no bairro do Leme até 1977 (ano de sua morte).</p> <p>- 1963: Clarice vai a Austin ministrar uma conferência no XI Congresso Bienal do Instituto Internacional de Literatura Ibero-Americana, realizado na Universidade do Texas.</p> <p>- 1976: Clarice participa da Segunda Exposición Feria Internacional del Autor al Lector na Argentina. Viaja com a companhia de Olga Borelli (escritora e amiga de Clarice). Ainda neste ano, viaja ao Recife.</p> <p>- 1977: Clarice faz sua última viagem à Europa. Falece no dia 8 de dezembro deste ano.</p>
--	---

Fonte: Elaborado pela autora baseado nas informações do Instituto Moreira Salles.

Aliás, o aspecto literário e sociológico criados, respectivamente, por Gotlib (2013) e Moser (2017) é sinalizado, por exemplo, nos anos de 1943 e 1946. Em 1943, Clarice se casa com Maury Gurgel Valente, escreve *Perto do coração selvagem*, primeiro romance que tem Joana como personagem principal: uma mulher órfã de pai e mãe como Clarice.

Em 1946, Clarice faz mais uma viagem entre Itália e Brasil; a publicação de *O lustre*, segundo romance e cuja protagonista Virgínia desenvolve a temática do monólogo interior. O Brasil vive o término da primeira fase do governo de Getúlio Vargas e o início da presidência de Eurico Gaspar Dutra.

A categoria “**Experiências profissionais**” também apresenta distinções entre as duas biografias. A primeira distinção recai sobre a profissão de pintora. A “pintura”, em “*Clarice: uma vida que se conta*” (2013) é apresentada como um ofício, já em “*Clarice, uma biografia*” (2017), como um hobby.

Segundo Moser (2017), a pintura é uma temática de sua obra; para Gotlib (2013), é um ofício. Outro ponto distinto nessa categoria recai sobre as profissões de entrevistadora, colaboradora, prendas do lar e (não) profissional, que são citadas apenas por Gotlib (2013). O Quadro 6 apresenta as diversas profissões de Clarice.

**Quadro 6** - A diferentes profissões de Clarice Lispector

<i>CATEGORIA</i>	<i>CLARICE: UMA VIDA QUE SE CONTA</i>	<i>CLARICE, UMA BIOGRAFIA</i>
<b>Experiências profissionais</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Escritora;</li> <li>- Jornalista;</li> <li>- Repórter;</li> <li>- Colaboradora;</li> <li>- Entrevistadora;</li> <li>- Colunista;</li> <li>- Cronista;</li> <li>- Contista;</li> <li>- Pintora;</li> <li>- Prendas do lar;</li> <li>- (Não) profissional.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Escritora;</li> <li>- Jornalista;</li> <li>- Colunista;</li> <li>- Tradutora,</li> <li>- Editora;</li> <li>- Repórter;</li> <li>- Contista;</li> <li>- Adaptadora de clássicos infantis;</li> <li>- Diplomata;</li> <li>- Enfermeira.</li> </ul>

Fonte: Elaborado pela autora.

Além das atividades profissionais citadas semelhantemente por Gotlib (2013), Moser (2017) aponta outras profissões exercidas por Clarice Lispector: tradutora, editora, adaptadora, diplomata, enfermeira (a diplomacia e a enfermagem, aliás, foram profissões ligadas ao estado civil de Clarice, às quais, Clarice exerceu enquanto esteve casada com Maury Gurgel Valente).

As próximas categorias assinalam os aspectos comuns entre as biografias analisadas. É importante salientar que, mesmo em meio às proximidades existentes entre as fontes biográficas, há pontos que podem diferenciá-las.

Uma dessas situações ocorre na aplicação da categoria “**Nomes clariceanos**”. “*Clarice: uma vida que se conta*”, escrita por Gotlib (2013) e “*Clarice, uma biografia*” por Moser (2017) citam seis nomes diferentes utilizados por Clarice Lispector ressaltando entre eles os três pseudônimos.

Apesar de serem semelhantes, há, na categoria “**Nomes clariceanos**”, uma significativa diferença quanto à escrita do nome de registro em russo de Clarice Lispector, como é possível perceber a partir do Quadro 7, cuja sinalização refere-se aos nomes utilizados por Clarice.

**Quadro 7** - Os diferentes nomes utilizados por Clarice Lispector

<i>CATEGORIA</i>	<i>CLARICE: UMA VIDA QUE SE CONTA</i>	<i>CLARICE, UMA BIOGRAFIA</i>
<b>Nomes clariceanos</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>Haia</i> (em russo), traduzido como Clara</li> <li>- Clarice Lispector</li> <li>- Clarice Lispector Gurgel Valente</li> <li>- Tereza Quadros (pseudônimo)</li> <li>- Helen Palmer (pseudônimo)</li> <li>- Ilka Soares (pseudônimo)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>Chaya</i>(em russo)</li> <li>- Clarice Lispector</li> <li>- Clarice Lispector Gurgel Valente</li> <li>- Helen Palmer (pseudônimo)</li> <li>- Teresa Quadros (pseudônimo)</li> <li>- Ilka Soares (pseudônimo)</li> </ul>

Fonte: Elaborado pela autora.

A segunda categoria a apontar proximidades entre as duas biografias é “**Produções literárias**”. As obras citadas pelos dois autores seguem a linearidade com que foram produzidas (para referenciá-las, os dois biógrafos usam as datas de publicação).

Embora a biografia de Nádya Battella Gotlib faça primeiramente referência a contos publicados depois dos primeiros romances (recurso utilizado para analisar traços da construção literária de Clarice), a biógrafa segue a linearidade da produção romanesca da escritora. A seguir, o Quadro 8 apresenta a produção literária de Clarice a partir da cronologia de publicação.

Para Gotlib (2020), estabelecer um percurso linear em “*Clarice: uma vida que se conta*” (2013) permite observar diversos perfis de Clarice e cada um está presente numa determinada obra ainda que, o texto seja fictício ou jornalístico. Segundo Gotlib (2020), trata-se de uma só Clarice com marcas específicas de personalidade e essa junção reitera a aproximação entre a biografia e a literatura e o sucesso da obra clariceana.



**Quadro 8-A** produção literária clariceana sob o aspecto da linearidade

<b>CATEGORIA</b>	<b>CLARICE: UMA VIDA QUE SE CONTA</b>	<b>CLARICE, UMA BIOGRAFIA</b>
<b>Produções literárias</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>A mulher que matou os peixes</i> (livro infantil publicado em 1968);</li> <li>- <i>Laços de família</i> (primeira coletânea de contos publicada em 1960);</li> <li>- <i>Triunfo</i> (primeiro conto publicado em 1940);</li> <li>- <i>Perto do coração selvagem</i> (primeiro romance publicado em 1943);</li> <li>- <i>O lustre</i> (1946);</li> <li>- <i>A cidade sitiada</i> (1949);</li> <li>- <i>A maçã no escuro</i> (1961);</li> <li>- <i>A legião estrangeira</i> (segunda coletânea de contos, publicada em 1964);</li> <li>- <i>A paixão segundo G.H</i> (1964);</li> <li>- <i>Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres</i> (1969);</li> <li>- <i>Felicidade clandestina</i> (1960);</li> <li>- <i>Água viva</i> (1973);</li> <li>- <i>A vida íntima de Laura</i> (terceira obra infantil publicada em 1974);</li> <li>- <i>A via crucis do corpo</i> (1974);</li> <li>- <i>Onde estiveste de noite</i> (1974);</li> <li>- <i>A hora da estrela</i> (1977);</li> <li>- <i>Um sopro de vida (Pulsações)</i> (1978);</li> <li>- <i>Quase de verdade</i> (1978);</li> <li>- <i>Para não esquecer (crônicas)</i>;</li> <li>- <i>A bela e a fera</i>;</li> <li>- <i>A descoberta do mundo</i>;</li> <li>- <i>Como nasceram as estrelas: doze lendas brasileiras</i>.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>Perto do coração selvagem</i> (1943);</li> <li>- <i>Onde estiveste de noite</i> (1974);</li> <li>- <i>Triunfo</i> (1940);</li> <li>- <i>A fuga</i> (1940);</li> <li>- <i>O lustre</i> (1946);</li> <li>- <i>A cidade sitiada</i> (1949);</li> <li>- <i>A maçã no escuro</i> (1961);</li> <li>- <i>Laços de família</i> (1960);</li> <li>- <i>A paixão segundo G.H.</i> (1964);</li> <li>- <i>A legião estrangeira</i> (1964);</li> <li>- <i>O mistério do coelho pensante</i> (1967);</li> <li>- <i>A mulher que matou os peixes</i> (1968);</li> <li>- <i>Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres</i> (1969);</li> <li>- <i>Felicidade clandestina</i> (1971);</li> <li>- <i>Água viva</i> (1973);</li> <li>- <i>A vida íntima de Laura</i> (1974);</li> <li>- <i>Onde estivestes de noite</i> (1974);</li> <li>- <i>A via crucis do corpo</i> (1974);</li> <li>- <i>Quase de verdade</i> (publicado postumamente);</li> <li>- <i>Um sopro de vida (Pulsações)</i> (publicado postumamente);</li> <li>- <i>A hora da estrela</i> (1977).</li> </ul>

Fonte: Elaborado pela autora.

A última categoria “**Fontes consultadas**” aplicada às biografias analisadas também registra informações semelhantes sobre o processo de construção biográfica. Tanto a biografia de Gotlib (2013) quanto à de Moser (2017) apropriam-se de fontes em comum o

que sustenta o aspecto de proximidade entre elas. Os Quadros 9 e 10 registram essas fontes consultadas.

**Quadro 9 - A construção da fonte biográfica de Nádía Battella Gotlib (2013)**

CATEGORIA	<i>CLARICE: UMA VIDA QUE SE CONTA</i>
<b>Fontes consultadas</b>	<p>✓ <b>Arquivos particulares:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Acervos de: Autran Dourado; Armindo Trevisan; Elichau Chut; Elisa Lispector; Érico Veríssimo; Fernando Paranhos; João Rodrigues Lopes; José Mário Rodrigues; Murilo Rubião; Nádía Battella Gotlib; Nicole Algranti; Olga Borelli; Paulo Gurgel Valente; Rafael Cardoso; Samuel Lispector; Tania Kaufmann; Zila Troper.</li> <li>- Arquivos de: Clarice Lispector; Lúcio Cardoso; Manuel Bandeira;</li> <li>- Coleção de Plínio Doyle;</li> <li>- Correspondências: de Valéria Franco Jacintho à Clarice; de Clarice a Lúcio Cardoso; de Clarice às irmãs (Elisa e Tania).</li> <li>- Depoimentos de: Affonso Romano Sant’Anna; Anita Levy e Israel Averbuch; Antonio Callado; Carlos Guimarães; Fernando Ribeiro Pereira; Henrique Rabin; Isaac Chut; Mafalda Veríssimo; Olga Borelli; Pedro Paulo de Senna Madureira; Samuel Lispector e Rosa Lispector; Suzana Horowitz; Tania Cass; Tania kaufmann; Vera Choze.</li> <li>- Documentos: Gravações; Músicas; Filmes; Programas de televisão.</li> <li>- Entrevistas concedidas pela própria Clarice: ao Museu da Imagem e do Som; a Júlio Lerner; à Maryvonne Lapouge.</li> <li>- Fotografias;</li> <li>- Fragmentos de obras de Clarice: Contos; Crônicas; Romances.</li> <li>- Inventário de Clarice Lispector;</li> <li>- Reportagens realizadas pela própria Clarice.</li> </ul> <p>✓ <b>Arquivos institucionais:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Arquivos do (a): Colégio Andrews; Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro; Ginásio Pernambucano; Companhia Editora Nacional; Arquivo Nacional; Arquivo Público do Estado do Recife.</li> <li>- Coleções de: Madalena Schwarts e Plínio Doyle;</li> <li>- Fundações: Fundação Biblioteca Nacional; Fundação Casa de Rui Barbosa; Fundação Joaquim Nabuco; Fundação Padre Anchieta.</li> <li>- Instituto Moreira e Salles.</li> </ul>

Fonte: Elaborado pela autora, baseado nas referências e nas notas do livro.

Por estabelecer uma relação de proximidade, os Quadros 9 e 10, referentes à categoria “**Fontes consultadas**”, foram construídos a partir da seguinte classificação: arquivos

particulares e arquivos institucionais. Os arquivos particulares constituem-se fontes de cunho familiar, já os arquivos institucionais relacionam-se às fontes retiradas de instituições sociais.

**Quadro 10** - A construção da fonte biográfica de Benjamim Moser (2017)

<b>CATEGORIA</b>	<b>CLARICE, UMA BIOGRAFIA</b>
<b>Fontes Consultadas</b>	<p>✓ <b>Arquivos particulares:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Cartas trocadas entre Clarice e amigos e as irmãs, Elisa Lispector e Tania Kaufmann: cartas a Lúcio Cardoso; à Natércia Freire; de Maury Gurgel Valente, de Blauma Wainer; à Zuza e Mozart Gurgel Valente; à Hellena Valladares e Fernando Sabino; a Pierre de Lescure; de Erico Veríssimo; à Marly de Oliveira; de Anna Maria da Silva Telles Watson; Andréa Azulay; a Alexandrino Severino.</li> <li>- Depoimentos de autores, jornalistas e de Clarice;</li> <li>- Fragmentos de obras de Clarice: Contos; Crônicas; Romances.</li> <li>- Fotografias de Clarice e familiares, de amigos e documentos pessoais</li> <li>- Entrevistas de: Alberto Dines; Bertha Lispector; Caio de Abreu; Cecília Wainstrok Lipka; Claire Varin; Clarissa Veríssimo Jaffe; Edla Van Steen; Eliane Gurgel Valente; Elza Cansanção Medeiros; Eva Lieblich Fernandes; Gilda Murray; Hélio Pelegrino (concedida pela própria Clarice); Humberto Wernerck; Isabel Gurgel Valente; Ivan Lessa; Joel Silveira; Júlio Lerner (concedida pela própria Clarice); Luis Carlos Lacerda; Leo Gilson Ribeiro (concedida pela própria Clarice); Marco Antonio de Carvalho e Ana Luisa Chafir; Marina Colasanti; Museu da Imagem e do Som (concedida pela própria Clarice); Nachman Fulbel; Nádia Battella Gotlib; Nahum Sirotzky; Olga Borelli; Renard Perez (concedida pela própria Clarice); Rosa Cass; Samuel Lispector; Sara Escorel de Moraes; Tania Kaufmann; Yolanda Costa e Silva;</li> <li>- Biografias de: Teresa Cristina Montero Ferreira, “Clarice, eu sou uma pergunta”; Nádia Battella Gotlib, “Clarice: uma vida que se conta”.</li> <li>- Diário de Olga Borelli, “Clarice Lispector, esboço para um possível retrato”.</li> </ul> <p>✓ <b>Arquivos institucionais:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Artigos publicados pela própria Clarice;</li> <li>- Artigos publicados em revistas e jornais por críticos literários;</li> <li>- Fundação Casa de Rui Barbosa (<i>Seção Cadernos de literatura brasileira</i>);</li> <li>- Instituto Moreira Salles (IMS)</li> <li>- Reportagens de jornais, diários e revistas em que Clarice trabalhou.</li> </ul>

Fonte: Elaborado pela autora, baseado nas notas bibliográficas do livro.

A reunião das fontes consultadas para a elaboração das duas biografias fundamenta o pensamento apresentado por Cunha (2001), citado no subcapítulo 2.1 desta pesquisa, de que a

biografia é um tipo de fonte que relata a vida de alguém, e nessa perspectiva necessita do diálogo com outras fontes de informação.

Essa concepção dialógica é sustentada por Moser (2020) ao compreender a biografia como uma “costura” de várias informações que auxilia a construção da narrativa da personagem “Clarice”. Além disso, o autor reforça que o processo de busca informacional ocorre de maneira natural, ou seja, não é mecânico.

Para Gotlib (2020), a biografia é uma fonte de informação que vai além do estudo da obra de um determinado autor. É, sobretudo, uma fonte de acesso à cultura, ao lugar, à sociedade, aos procedimentos metodológicos e a dados sobre a história em que ele está inserido.

Ainda de acordo com Gotlib (2020), a procura informacional para a construção de “*Clarice: uma vida que se conta*” (2013) ocorreu mediante a leitura analítica, crítica e interpretativa de “quase” todos os textos disponíveis sobre Clarice. Além disso, a consulta aos documentos da Fundação Casa de Rui Barbosa, aos arquivos institucionais e pessoais como as bibliotecas, hemerotecas, imagens e depoimentos foram de suma importância para a elaboração dessa biografia.

Assim, as fontes consultadas por Gotlib (2013) e Moser (2017) condicionam a biografia como fonte que se relaciona com a história e a literatura caracterizando-se como um gênero histórico-literário, conforme a afirmação de Campello e Caldeira (2008) sinalizada no subcapítulo 2.2.

E essa característica sustenta a linha literária de “*Clarice: uma vida que se conta*” (2013) e a sociológica de “*Clarice, uma biografia*” (2017). O traço histórico-literário da biografia é assinalado na categoria “**Vivências geográficas**”.

Mediante a apresentação das fontes consultadas no Quadro 9, notifica-se que essas fontes acrescentam-se as que foram citadas no subcapítulo 2.2. São fontes específicas utilizadas pelos dois biógrafos de acordo com a característica de cada biografia.

Logo, diante do que foi exposto, as fontes de informação que foram utilizadas para composição biográfica de Gotlib (2013) e Moser (2017) sustentam a concepção de gênero literário e historiográfico apresentada por Silva (2009), no subcapítulo 2.3.

As fontes revelam também o diálogo permanente da vida e da obra de Clarice Lispector; esse diálogo é registrado nas categorias “**Produções literárias**” e “**Experiências profissionais**”. Ambas as categorias compõem a tessitura das duas biografias. A primeira é registrada pelos fragmentos de obras da própria Clarice, já a segunda denota o lado profissional da escritora em face da construção de suas personagens.

De mais a mais, as fontes apresentam de modo objetivo as proximidades e distinções entre as biografias e justificam a direção tomada por cada um dos biógrafos. Isso não significa dizer que uma biografia é superior à outra, mas sim que a abordagem biográfica pode ser diferente.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões feitas ao longo desta pesquisa garantem uma certeza: o universo das fontes de informação é diversificado e resulta conceitos e tipologias distintas, em depender de sua finalidade. Mas é preciso reafirmar que a amplitude das fontes de informação não é por acaso, ela vem ocorrendo a partir da evolução do tempo, da tecnologia e, sobretudo, do surgimento da internet.

Os diferentes formatos e suportes de se apresentar e disseminar informação têm possibilitado a busca incessante e o fácil acesso à informação. Logo, essa abertura para o fomento informacional pressupõe o alcance maior de usuários diferentes entre si e estabelece que o cuidado em satisfazer necessidades tão distintas não é um exercício simples.

A informação é o objeto de interesse do usuário e, para tanto, é preciso estar acessível. Disso depende-se que, o universo das fontes informacionais vem contribuindo para promover e facilitar o alcance da informação significativamente.

Essa promoção sinaliza a delicada tarefa de realizar o processo de democratização da informação e faz surgir questionamentos pertinentes acerca da capacidade do usuário em identificar quais fontes informacionais respondem às suas necessidades.

É bem verdade que o advento da internet tem sido um instrumento de propagação informacional, porém há de se considerar que ainda é real a desigualdade social entre as pessoas e que esta é capaz de delimitar, entre outras questões, o acesso informacional.

O que não se pode negar é que a popularização informacional desencadeou novos caminhos, por vezes, excessivos e, por isso, surge a urgência de classificar essas informações a partir de critérios estabelecidos. Configuram-se, portanto, as tipologias informacionais descritas como fontes primárias, secundárias e terciárias. Essa delimitação categórica, por sua vez, é estimulada pelas características distintas e pelo objetivo de cada tipo de fonte.

Diante desse cenário de tipologias de fontes, a biografia, que é objeto de análise deste estudo, oportuniza a reunião de inúmeras fontes dentro de si que dialogam e se complementam entre si. Por ser a biografia um tipo de fonte que no seu aspecto tradicional narra a vida de uma pessoa, ela põe em xeque a inter-relação entre fontes diferentes.

A biografia, sendo uma fonte secundária, utiliza outras fontes de informação para sua tessitura porque sustenta a concepção de que seu processo construtivo é dialógico e compartilhado, ou seja, não é isolado. A biografia fundamenta-se justamente no ideal de reunir informações decorrentes de outras tipologias acentuando o seu aspecto agregador.

Em se tratando de fontes biográficas há uma transcendência no tocante ao seu papel. Logo, determina-se o rompimento das distâncias que possam existir entre as tipologias informacionais, ou seja, as biografias ressaltam sua própria necessidade de integrar à sua natureza outras fontes.

A biografia caminha no entremeio da história e da literatura para efetuar seu objetivo, que é o de contar a vida de alguém, mas não limita apenas a isso. Desse modo, permite a reunião de outras fontes de informação provando que não se forma isoladamente. Sua composição é fruto de um conjunto de dados distintos entre si quanto à sua tipologia informacional.

Essa proximidade, no entanto, indica o dilema vivido pela biografia: o seu relato é real ou ficcional? Sua natureza provém da ciência ou da arte? Sua dupla personalidade produz um aspecto complexo, híbrido, duvidoso que só pode ser revelado a partir de sua finalidade. A biografia funciona como um recurso informacional de dados particulares de uma pessoa e de momentos históricos de um povo ou sociedade e nisso reside sua heterogeneidade.

Isso significa dizer que a biografia se apropria da história, logo tem características históricas. Ao mesmo tempo em que se apropria da literatura ao usar o gênero narrativo como recurso para apresentar os fatos, acontecimentos. Desse modo evidencia-se um distanciamento que não anula a relação mútua da biografia com o universo histórico e o literário.

Clarice é, simultaneamente, pessoa comum inserida num determinado contexto histórico e social e é também um elemento ficcional que, dentro de uma narrativa, funciona como uma personagem em volta de um espaço e de um tempo real e ficcional ao mesmo tempo e o biógrafo é uma espécie de narrador.

Clarice carrega em si e na sua forma de fazer literatura uma natureza biográfica. As narrativas esboçam a criação de personagens que são espelhos de si mesma e isso não ocorre aleatoriamente. Clarice provoca o encontro entre a realidade (a sua trajetória de vida) e a ficção (a trajetória de personagens que se parecem com ela). Joana, Lóri, Ana, Macabéa são algumas das “Clarices”, pois vivem experiências semelhantes que as aproximam.

Clarice Lispector torna uniforme a concepção de indivíduo e coletivo que circunscreve a fonte biográfica. Sua imagem compreende o entendimento de um contexto social, de uma época, estabelecendo que a biografia, enquanto fonte de informação, tem um papel social: o de informar o leitor.

Logo, fica evidente que é possível, sim, provocar o estreitamento da fonte biográfica com a literatura, a história e outras áreas humanas. As duas biografias analisadas demonstram a capacidade de inter-relacionar a biografia a outras fontes de informação.

Em “*Clarice: uma vida que se conta*” (2013), escrita por Nádía Battella Gotlib, o texto biográfico compõe-se de um conjunto de fontes que fundamentam o encontro entre a vida e a obra de Clarice num olhar mais individualizado.

Já em “*Clarice, uma biografia*” (2017) de Benjamim Moser, o texto biográfico se forma a partir de um conteúdo que une a vida e a obra de Clarice aos aspectos históricos e sociais. É nesse ponto que a biografia representa a coletividade por meio da figura de Clarice. É preciso ressaltar também que, ambas as biografias, carregam o traço psicológico tão presente na vida e na obra de Clarice Lispector, estabelecendo o ponto em comum entre elas.

Ao investigar os conteúdos informacionais das duas biografias citadas, foi possível pontuar algumas questões pertinentes. A primeira é que esses conteúdos referem-se à vida e à obra de Clarice Lispector e que podem ser classificados a partir de categorias.

Em “*Clarice: uma vida que se conta*” (2013), essa relação entre vida e obra é traçada por um viés literário. Em “*Clarice, uma biografia*” (2017), o viés traçado é sociológico, ou seja, o olhar que circunscreve a vida e a obra também reflete o aspecto social.

A segunda questão é que o universo das fontes biográficas sobre Clarice Lispector ainda é pequeno, tendo em vista que apenas sete obras foram encontradas. Entretanto, deve-se ressaltar que este quantitativo não é definitivo.

A terceira questão parte do pressuposto que foi possível, por meio da análise de conteúdo aplicada às biografias, identificar de quais outras fontes de informação foram construídas. E, por fim, a quarta questão permitiu perceber as relações construídas por intermédio dos critérios estabelecidos e possibilitou o diálogo entre a biografia e a literatura.

Essas questões permitiram evidenciar que a biografia de Nádía Battella Gotlib difere a do Benjamim Moser, embora apresentem algumas semelhanças quanto à escolha das fontes de informação.

Elas são diferentes no aspecto que apresentam. “*Clarice: uma vida que se conta*” (2013) é mais literária e linear quanto à cronologia dos fatos relacionados à vida e à obra de Clarice Lispector. “*Clarice, uma biografia*” (2017), é mais sociológica, e não (linear), ou seja, não se prende à ordem cronológica.

O traço literário de “*Clarice: uma vida que se conta*” (2013) indica a aproximação existente entre biografia e literatura, já o traço sociológico de “*Clarice, uma biografia*”



(2017) sinaliza que a vida e a obra de Clarice Lispector são contextualizadas a partir dos momentos sociais e históricos.

Além disso, apresentam conteúdo informacional que, em determinados momentos, são diferentes entre si, como os dados das seguintes categorias: **“Datas de nascimento”**, **“Experiências Profissionais”** e as **“Fontes consultadas”**. Quanto às semelhanças, estas, são mais nítidas nas categorias: **“Vivências geográficas”**, **“Línguas faladas”**, **“Nomes Clariceanos”** e as **“Produções literárias”**.

Esse aspecto de proximidades e distâncias entre as biografias não extingue a relação entre a fonte biográfica e o texto literário; muito pelo contrário, o fato de apresentarem semelhanças e diferenças apenas aponta percepções diferentes de cada biógrafo, o que sustenta a ideia de interferência interpretativa durante o processo de construção biográfica.

A biografia, enquanto fonte de informação, pode se apropriar de outras fontes para tecer o seu conteúdo e não necessariamente precisa se limitar à natureza tradicional da biografia, que é o relato da vida e da obra de uma pessoa. A biografia pode provocar diferentes diálogos com outras áreas, como a literatura e a história.

No que tange à Biblioteconomia, por exemplo, esta pesquisa oferece reflexões significativas sobre o estudo das fontes de informação, de modo mais específico, as biográficas.

A partir da análise das biografias sobre Clarice Lispector, é perceptível o trabalho minucioso dos biógrafos no processo de busca das fontes de informação para composição de suas obras. Observa-se também que os critérios de escolha dessas fontes não são aleatórios; eles são direcionados por profissionais, como os bibliotecários, que atuam no processo de busca e seleção informacional.

Ao estudar as fontes de informação biográficas, é possível perceber o quanto este universo é diversificado e como proporciona novas reflexões, novos estudos. As fontes informacionais estão diretamente ligadas ao usuário, ou seja, aquele que busca a informação.

Logo, a atuação do profissional bibliotecário é determinante para propiciar ao usuário o acesso à informação desejada. Isso demanda, preparo mediante o processo de seleção das fontes de informação e o atendimento satisfatório ao usuário.

Para tanto, é preciso pensar de forma mais atenta o modo como se desenvolve o processo de mediação da informação. Mais ainda, devido à relação entre fonte biográfica e o texto literário é possível estabelecer estudos sobre a mediação da informação, voltando-se para a questão da leitura literária.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Nelma Camêlo de; FACHIN, Juliana. Evolução das fontes de informação. **Biblos**: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, v. 29, n. 1, p. 81-96. 2015. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/5463>. Acesso em: 13 abr. 2020.
- AVELAR, Alexandre de Sá. A biografia como escrita da História: possibilidades, limites e tensões. **Dimensões**, v.24, p.157-172. 2010. Disponível em:<http://periodicos.ufes.br/dimensoes/article/view/2528>. Acesso em: 13 abr. 2020.
- BAGGIO, Cláudia Carmem; COSTA, Heloísa; BLATTMANN, Úrsula. Seleção de tipos de fontes de informação. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, v. 6, n. 2, p. 32-47. 2016. Disponível em: <https://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/50946>. Acesso em: 14 abr. 2020.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BORELLI, Olga. **Clarice Lispector**: esboço para um possível retrato. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.
- BORGES, Vavy Pacheco *et al.* Grandezas e misérias da biografia. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2011. Cap. 6, p.203-235.
- BORGES, Vavy Pacheco. O “eu” e o “outro” na relação biográfica: algumas reflexões. In: NAXARA, Márcia; MARSON, Izabel; BREPOHL, Marion (org.). **Figurações do outro**. Uberlândia: EDUFU, 2009. p. 225-238,
- BORN, Claudia. Gênero, trajetória de vida e biografia: desafios metodológicos e resultados empíricos. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 3, n. 5, p. 240-265, jan./jun. 2001. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/sociologias/article/viewFile/5736/3326>. Acesso em: 13 abril. 2020.
- CAMPELLO, Bernadete Santos; CENDÓN, Beatriz. Valadares; KREMER, Jeannette. Marguerite (org.). **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.
- CAMPELLO, Bernadete Santos. CALDEIRA, Paulo da Terra. (org.). **Introdução às fontes de informação**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. 7. ed. Companhia Editora Nacional: São Paulo, 1985.
- CANDIDO, Antonio. Perto do coração selvagem. In: NESTROVSKI, Nestor (org.). **Figuras do Brasil**: 80 autores em 80 anos de Folha. São Paulo: **Publifolha**, 2001. p. 74-78. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0112200109.html>. Acesso em: 13 abr. 2020.
- CAREGNATO, Rita Catalina Aquino; MULTI, Regina. Pesquisa qualitativa: Análise de discurso versus Análise de conteúdo. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, v. 15, n. 4, p.

679-684. 2006. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0104-07072006000400017&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0104-07072006000400017&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 13 abr. 2020.

CASTELLO, José (org.). **Clarice na cabeceira**: romances. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

CUNHA, Murilo Bastos da. **Para saber mais**: fontes de informação em ciência e tecnologia. Brasília, DF: Briquet de Lemos/ Livros, 2001.

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. **Dicionário de biblioteconomia e arquivologia**. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 2008.

DEL PRIORE, Mary Del. Biografia: quando o indivíduo encontra a história. **Topoi**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 19, p. 7-16, jul./dez. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/topoi/v10n19/2237-101X-topoi-10-19-00007.pdf>. Acesso em: 13 abr. 2020.

DOSSE, François. **O desafio biográfico**: Escrever uma vida. Tradução Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

FRANCO, Maria Laura Publisi Barbosa. **Análise de conteúdo**. 3.ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2008.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades: uma revisão histórica dos principais autores e obras que refletem esta metodologia de pesquisa em Ciências Sociais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, mar./abr. 1995. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rae/v35n2/a08v35n2.pdf>. Acesso em: 13 abr. 2020.

GOMES, Marcos Aurélio; DUMONT, Lígia Maria Moreira. Possíveis relações entre o uso de fontes de informação e a competência em informação. **Transinformação**, Campinas, v. 27, n. 2, p. 133-143, maio/ago. 2015. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-37862015000200133&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-37862015000200133&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 13 abr. 2020.

GOTLIB, Nádya Battella. **Clarice**: uma vida que se conta. 7. ed. rev. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

GOTLIB, Nádya Battella Gotlib. **A obra biográfica “Clarice: uma vida que se conta”**. [Questionário *online* concedido] a Sanielly Ianar Alves de Lima. Maceió, 15 maio 2020. Disponível em: [https://docs.google.com/forms/d/1bmIC2MXsNZcRHUxV0hniZ7QxPL\\_WjRW533MFIGw\\_Y9E/edit#responses](https://docs.google.com/forms/d/1bmIC2MXsNZcRHUxV0hniZ7QxPL_WjRW533MFIGw_Y9E/edit#responses). Acesso em: 24 maio 2020.

GROGAN, Denis. **Science and technology**: an introduction to the literature. London: Clive Bingley, 1970.

GUERRA, Isabel Carvalho. **Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo**: sentidos e formas de uso. 1. ed. Cascais: Princípia, 2006.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LE COADIC, Yves-François. **A ciência de informação**. Brasília: Briquet de Lemos, 1996.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução Bernardo Leitão *et al.* Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

LIMA, Maria Elenice Costa; MORAES, Vera Lúcia Albuquerque de. O enigma da escritura: Clarice Lispector mestre ou refém de sua escrita? **Pontos de interrogação**, Alagoinhas, v. 2, n. 1, p. 191-202, jan./jun. 2012. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/pontosdeint/article/view/1540/1002>. Acesso em: 14 abr. 2020.

LISPECTOR, Clarice. **A mulher que matou os peixes**. Rio de Janeiro: Sabiá, 1968.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998a.

LISPECTOR, Clarice. **Felicidade clandestina**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998b.

LISPECTOR, Clarice. **Laços de família**. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

LISPECTOR, Clarice. **Todos os contos**. Organização de Benjamim Moser. Rio de Janeiro: Rocco, 2016.

MENDES, Rosana Maria; MISKULIN, Rosana Giareta Sguerra. A análise de conteúdo como uma metodologia. **Cadernos de Pesquisa**, v. 47, n. 65, p. 30-44, jul./set. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v47n165/1980-5314-cp-47-165-01044.pdf>. Acesso em: 13 abr.2020.

MOISÉS, Massaud. **Análise literária**. 17. reimp. São Paulo: Cultrix, 1989.

MORIGI, Valdir José; BONOTTO, Martha Eddy K. King. A narrativa musical, memória e fonte de informação afetiva. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 143-161, jan./jun. 2004. Disponível em: <https://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/11414>. Acesso em: 28 abr. 2020.

MOSER, Benjamim. **Clarice, uma biografia**. Tradução de José Geraldo Couto. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

MOSER, Benjamim. A obra biográfica “Clarice, uma biografia”. [Questionário *online* concedido] a Sanielly Ianar Alves de Lima. Maceió, 15 maio 2020. Disponível em: [https://docs.google.com/forms/d/1wThtXps3a9fn4kkhoLmW1\\_7Jvks7UE\\_HDQKNBgVLdkk/edit](https://docs.google.com/forms/d/1wThtXps3a9fn4kkhoLmW1_7Jvks7UE_HDQKNBgVLdkk/edit). Acesso em: 15 mai. 2020.

MOTTA, Marly Silva da. O relato biográfico como fonte para a história. **Vidya**, Santa Maria, RS, n. 34, p. 101-122, jul./dez. 2000. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/6727?show=full>. Acesso em: 13 abr. 2020.

NOBRE, Itamar de Moraes; GICO, Vânia de Vasconcelos. Imagem fotográfica, cultura e sociedade. **Discursos fotográficos**, Londrina, v. 7, n. 10, p. 107-126, jan./jun. 2011.

Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/view/8376>. Acesso em: 13 abr. 2020.

OLIVEIRA, Ely Francina T. de; FERREIRA, Karen Eloise. Fontes de Informação online em arquivologia: uma avaliação métrica. **Biblos**, Rio Grande, v. 23, n. 2, p. 69-76. 2009. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/biblos/search/authors/view?firstName=Ely&middleName=Francina%20T.%20de&lastName=Oliveira&affiliation=&country=>. Acesso em: 14 abr. 2020.

ROMANI, Carlo. Uma reflexão sobre biografia e subjetividade na História. **Fênix: Revista de História e Estudos Culturais**, v. 13, ano XIII, n. 1, jan./jun. 2016. Disponível em: [http://www.revistafenix.pro.br/PDF37/artigo\\_18\\_secao\\_livre\\_Carlo\\_Romani\\_fenix\\_jan\\_jun\\_2016.pdf](http://www.revistafenix.pro.br/PDF37/artigo_18_secao_livre_Carlo_Romani_fenix_jan_jun_2016.pdf). Acesso em: 13 abr. 2020.

SÁ, Olga de. **A escritura de Clarice Lispector**. Petrópolis: Vozes; Lorena: Faculdades Integradas Teresa D'Ávila, 1979.

SCHMIDT, Benito Bisso. Biografia e regimes de historicidade. **MÊTIS: história & cultura**, v. 2, n. 3, p. 57-72, jan./jun. 2003. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/1041/707>. Acesso em: 13 abr. 2020.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Wilton Carlos Lima da. Biografias: Construção e reconstrução da memória. **Fronteiras**, Dourados, MS, v. 11, n. 20, p. 151-166, jul./dez. 2009. Disponível em: <http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/FRONTEIRAS/issue/archive>. Acesso em: 13 abr. 2020.

SILVEIRA, Murilo Artur Araújo da; BAZI, Rogério Eduardo Rodrigues. As referências nos estudos de citação: algumas questões para discussão. **DataGramaZero: Revista de Ciência da Informação**, v. 10, n. 4, p. 1-11. 2010. Disponível em: [https://www.brapci.inf.br/\\_repositorio/2010/01/pdf\\_b5ff85e7c9\\_0007879.pdf](https://www.brapci.inf.br/_repositorio/2010/01/pdf_b5ff85e7c9_0007879.pdf). Acesso em: 14 abr. 2020.

SOLANO, Alexandre. Francisco. A biografia desafiada: os contornos de uma vida por François Dosse. **Fênix: Revista de História e Estudos Culturais**, v. 7, ano VII, n. 02, p. 1-10. 2010. Disponível em: <http://www.revistafenix.pro.br/>. Acesso em: 13 abr. 2020.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VALENTIM, Marta Lígia Pomim *et al.* Pesquisa em inteligência organizacional: utilizando a análise de conteúdo para a coleta e análise de dados. **Transinformação**, Campinas, v. 17, n. 3, p. 253-270, set./dez. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tinf/v17n3/04.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2020.

VANZ, Samile Andréa de Souza; CAREGNATO, Sônia Elisa. Estudos de citação: uma ferramenta para entender a comunicação científica. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 295-307, jul./dez. 2003. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/75/35>. Acesso em: 14 abr. 2020.

VIANNA, Márcia Milton; MARQUES JÚNIOR, Alaôr Messias. Fontes biográficas. *In*: CAMPELLO, Bernadete Santos; CALDEIRA, Paulo da Terra. (org.). **Introdução às fontes de informação**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert. O aspecto social da ficção de Clarice Lispector: uma perspectiva de abordagem. **Antares**, v. 9, n. 18, p. 22-33, jul./dez. 2017. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/Antares/article/view/5892/3135>. Acesso em: 14 abr. 2020.

# APÊNDICES

## APÊNDICE A – A OBRA BIOGRÁFICA *CLARICE: UMA VIDA QUE SE CONTA*

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
INSTITUTO CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES  
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA**

**Maceió, Brasil, maio de 2020.**

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Você está sendo convidado(a) a responder este questionário que faz parte do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) cujo título é: “Clarice por entrelinhas: um olhar sobre suas fontes biográficas”, e está sendo desenvolvida por Sanielly Ianar Alves de Lima, graduanda do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Alagoas, sob a orientação da Profa. Dra. Roberia de Lourdes de Vasconcelos Andrade.

O questionário tem como objetivo geral “Investigar os conteúdos informacionais contidos nas biografias produzidas acerca de Clarice Lispector”. O principal benefício desse questionário é compreender o processo de escrita e a busca de informações para elaboração da biografia.

Solicitamos a sua colaboração no sentido de responder o questionário para que o objetivo do trabalho seja alcançado, como também, sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área e publicar em revista científica nacional e/ou internacional. Esta pesquisa não oferece riscos ao participante.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária, logo, não é obrigatório o fornecimento das informações. Portanto, reservamos o seu direito de solicitar a sua retirada da pesquisa a qualquer momento.

Quaisquer dúvidas no preenchimento do questionário, favor nos consultar. Estamos a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa do questionário.

Agradecemos a sua colaboração.

**Sanielly Ianar Alves de Lima** – Graduanda em Biblioteconomia pela UFAL.

**Profa. Dra. Roberia de Lourdes de Vasconcelos Andrade** – Orientadora da pesquisa, professora do curso de Biblioteconomia da UFAL.

Diante dos esclarecimentos acima descritos, você se propõe a responder este questionário e permite a publicação dos resultados obtidos?

- ( ) Diante dos esclarecimentos acima descritos, declaro que fui devidamente esclarecido (a) e dou o meu consentimento para responder o questionário e para a publicação dos resultados.  
( ) Diante dos esclarecimentos acima descritos, declaro que não quero responder o questionário.

#### **Contato com a pesquisadora responsável:**

sanys.22ianar@gmail.com; sanys-ianar\_lima@hotmail.com



## Sobre Clarice Lispector

1. Por que dentre os inúmeros escritores da literatura brasileira você escolheu Clarice Lispector como objeto de estudo para sua biografia?

*Porque, desde que comecei a estudar a obra de Clarice, verifiquei que não havia nenhuma biografia de Clarice Lispector publicada e que oferecesse resultados a partir não só de análise crítica e interpretativa de sua obra, mas de fatos biográficos de relevância, referentes a cada uma das fases de sua vida. Por isso fiz não só pesquisa em arquivos pessoais e institucionais, mas fiz também pesquisa de campo, no sentido de que incluí, no meu repertório de investigação, atividades fora do gabinete acadêmico, como por exemplo: entrevistas com várias pessoas que com ela tiveram algum tipo de relacionamento - familiares, contemporâneos, amigos, críticos, jornalistas, escritores, entre outros; viagens para os lugares onde Clarice morou e também para alguns por onde ela passou.*

2. De que forma a literatura de Clarice influenciou sua vida pessoal e profissional?

*Do ponto de vista profissional, pela excelência do seu nível artístico. É uma obra diversificada, que foi desenvolvida em diversos gêneros literários e jornalísticos, e que atende a vários tipos de público, com diferentes níveis de escolaridade e de idade: especialistas ou não; crianças, jovens, adultos e idosos. Dediquei então parte da minha vida, desde início dos anos 1980, para esse estudo. E tive a felicidade de formar equipe de especialistas sobre esse assunto, que resultou em publicação de vários trabalhos acadêmicos, artigos e livros. Do ponto de vista pessoal, tive o prazer de ler várias vezes cada texto de Clarice e ir descobrindo, a cada leitura, recursos até então não apreendidos por mim, o que é uma prova de que a literatura de Clarice é mesmo de ótima qualidade, pois há sempre novas perspectivas de leitura e de abordagem crítica.*

3. Como você observa a relação de Clarice com a Ucrânia e o Brasil?

*Tem ascendência ucraniana judaica. Mas não seguiu a religião judaica. Portanto, portou-se diferentemente da sua irmã mais velha, Elisa Lispector, que não só seguiu a religião judaica como se manifestou, em textos, regularmente, como escritora diretamente ligada à questão da cultura judaica, mediante publicação na imprensa de resenhas de livros e mesmo de romances e contos que tinham como tema essa questão da religião e da cultura. Clarice manifesta pontos dessa tradição, mas sem que essa questão seja central na sua obra. Aparece ora em um ou outro tema bíblico, ora em nome de personagem, como Macabéa, de A hora da estrela, em alusão aos macabeus. Mas não de forma sistemática, como é o caso dessa questão na obra de sua irmã Elisa. Aliás, uma das características de Clarice Lispector é a de escapar de qualquer forma sistemática de pensamento.*

## Sobre a "fonte" biografia

4. Como se deu a busca de informação para o processo construtivo de sua biografia?

*Primeiramente, nos anos 1980, mediante leitura analítica, crítica e interpretativa de quase todos os seus textos disponíveis. Digo quase todos porque, naquela altura, sua obra ainda não tinha sido totalmente publicada: parte das cartas e das páginas femininas ganharam publicação apenas no início deste nosso século. Foi muito importante dar cursos de Pós-Graduação sobre a escritora, atividade que iniciei por volta de 1983, na Universidade de São Paulo, onde atuei como professora de literatura portuguesa, depois brasileira, a partir de 1970. Paralelamente à leitura da obra, fui reunindo dados sobre sua vida, para entender melhor sua obra: onde estava quando escreveu esse ou aquele romance? Quais os seus amigos intelectuais enquanto passou a morar no Rio de Janeiro, para onde se mudou vinda de Recife, em 1935? Quais os colégios onde estudou? Já casada com diplomata, que artistas conheceu? Onde e quando? Como reagiu às críticas que seus livros receberam? Para desenvolver essa pesquisa foi fundamental consultar os milhares de documentos que foram sendo depositados na Fundação Casa de Rui Barbosa depois da morte de Clarice, que aconteceu em 1977, lotes que foram entregues aos poucos, ao longo dos anos 1980, pelos herdeiros. E consultei muitos outros arquivos institucionais e pessoais: bibliotecas, hemerotecas, arquivos de imagens - estas, iria utilizar mais tarde para elaboração do meu livro 'Clarice Fotobiografia', publicado em 2008. E consultei também outros tipos de documentos, como depoimentos de dezenas de pessoas.*

## 5. De que maneira você ver a "biografia" enquanto fonte de informação?

*A biografia é uma importante fonte de informação para quem estuda a literatura do autor ou mesmo para quem tem interesse em ter acesso a dados da cultura da época em que ele viveu, da fortuna crítica que daí se originou, ou seja, é uma fonte de informação não apenas propriamente ligada à produção de determinado escritor mas a um tipo de cultura de onde brota a obra do escritor. Permite o acesso a dados sobre história da produção e crítica da literatura, história das edições, da sociedade da época, dos procedimentos metodológicos, ou seja, de vários elementos que favoreçam a melhor compreensão de tais dados. E há muitos outros que auxiliam o simples leitor ou o profissional das letras e da cultura.*

## 6. Em "Clarice: uma vida que se conta", você estabelece um encontro entre a vida e a obra literária de Clarice, demonstrando que a biografia dialoga com a literatura. Como se deu esse encontro?

*Por necessidade. Como professora de literatura, tinha acesso à obra, mas não a uma biografia. Então comecei a procurar entrevistas que Clarice concedeu ao longo de sua vida, onde havia um ou outro dado de interesse. Um desses textos, importante do ponto de vista histórico, é o coletado por Renard Perez no seu livro 'Escritores Brasileiros Contemporâneos' / 2a série, em que ele reúne entrevista e trechos de obra de muitos autores. Nesse texto Clarice declara 1925 como sua data de nascimento, o que depois alterei, para 1920, mediante consulta a documentos oficiais e mais confiáveis... Procurei mostrar que há uma espécie de autonomia da obra em relação à literatura. Não se pode considerar aí uma relação de dependência. Ficção é ficção. Mesmo porque até em crônicas Clarice tende para a ficcionalização. Portanto, se há pontos em que textos de Clarice confirmam dados de ordem biográfica, há outros em que não se pode afirmar esse fato, já que os tais fatos de ficção não encontram confirmação no campo documental. É o caso do estupro da mãe de Clarice, por exemplo. Elisa afirma em texto de memória ('Retratos antigos', publicado em 2011 pela editora UFMG e por mim organizado) que ela sofreu violência por bolcheviques em pogrom na Ucrânia. Mas não afirma que houve estupro. Esse dado fornecido por Elisa é o único registro documental. Como então afirmar que efetivamente houve o estupro? A solução seria considerar esse evento como uma hipótese. Para escapar desse risco da relação mecânica entre história de vida e análise de obra, optei por duas linhas narrativas, que caminham paralelamente, deixando eventualmente a meu cargo e a cargo do leitor, as relações de aproximação entre uma e outra.*

### **Sobre "Clarice: uma vida que se conta"**

## 7. Sua biografia respeita a cronologia dos fatos vividos por Clarice. Essa característica é intencional, por quê?

*Considero que a exposição obedecendo a uma ordem cronológica linear central facilita a compreensão dos fatos. Mas não é só essa linha que rege minha exposição. Há diversos diálogos entre o então tempo presente de vida de Clarice com o seu passado, e também desse presente com dados futuros. Tais movimentos de vai e vem, em torno de uma linha central linear, permitem estabelecer relações úteis para o bom entendimento tanto de vida quanto de obra.*

## 8. Na apresentação do livro você afirma que o universo documental e o fictício se misturam. De que modo isso te ajudou a construir a biografia?

*Respeitando cada um deles e sinalizando possível mistura de ambos, quando não se podem estabelecer com certeza os limites de cada um. Posso afirmar que Clarice estudou no Ginásio Pernambucano e lá conheceu uma menina, Reveca, a quem pediu emprestado o livro e ela não emprestou. E só foi emprestar o livro quando a sua mãe, a mãe de Rebeca, interferiu. Esse é o tema de um célebre conto de Clarice intitulado "Felicidade Clandestina". Entrevistei a irmã de Reveca, que confirmou o fato. Mas eu pergunto: será que todos os detalhes dessa personagem no conto são mesmo fiéis? Será que a depoente irmã da personagem me confirmou detalhes que aconteceram ou que ela captou ao ler o conto? Quando se trata de ficção é preciso respeitar as direções de criatividade da autora e duvidar dos dados supostamente 'reais', mesmo quando se trata de crônica e de depoimento.*

9. No capítulo 1 do livro você relata depoimentos de pessoas que conviveram com Clarice. A partir desses depoimentos, quais são suas impressões a respeito dela?

*O que quis mostrar no capítulo introdutório é o caráter de 'enigma' que marca a personalidade de Clarice. Cada uma das pessoas que a viram, conheceram ou com ela conviveram, têm pontos de vista diferentes em relação a ela. E segundo palavras da própria Clarice, repetindo palavras de uma amiga, mesmo em fotografia, a alma da pessoa-Clarice você não capta. Ela escapa. Por isso escolhi como abertura do livro essa amostragem de visões de Clarice e a frase de Clarice que, de certa forma, explica o mistério em relação a sua própria figura: um mistério que perdura, apesar das tentativas nossas de decifração.*

10. No decorrer de "*Clarice: uma vida que se conta*", você utiliza diversos fragmentos de obras literárias de Clarice e constrói suas próprias análises. A Clarice que você ler se parece com a que você toma como objeto de estudo?

*Sim. E foi essa Clarice que eu li (no livro 'Clarice, uma vida que se conta') e que vi (no livro 'Clarice Fotobiografia') e que procurei mostrar aos leitores: várias Clarices. Mas há uma Clarice em cada texto seu, seja ficcional ou jornalístico; e uma só Clarice com marcas específicas de personalidade. Para citar uma dessas marcas, remonto ao seu papel preponderante no questionamento de 'sistemas' culturais pautados por padrões cristalizados de feição machista e escravagista e numa linguagem com alto teor de inovação. Portanto, na sua obra, criatividade caminha com questionamento crítico. Talvez seja essa mistura uma das causas responsáveis pelo seu merecido sucesso.*

11. Você gostaria de acrescentar algo que não foi perguntado neste questionário?

*O meu agradecimento a você pelo convite para participar dessa conversa.*

## APÊNDICE B – A OBRA BIOGRÁFICA *CLARICE, UMA BIOGRAFIA*

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
INSTITUTO CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES  
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

Maceió, Brasil, maio de 2020.

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) a responder este questionário que faz parte do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) cujo título é: “Clarice por entrelinhas: um olhar sobre suas fontes biográficas”, e está sendo desenvolvida por Sanielly Ianar Alves de Lima, graduanda do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Alagoas, sob a orientação da Profa. Dra. Roberia de Lourdes de Vasconcelos Andrade.

O questionário tem como objetivo geral “Investigar os conteúdos informacionais contidos nas biografias produzidas acerca de Clarice Lispector”. O principal benefício desse questionário é compreender o processo de escrita e a busca de informações para elaboração da biografia.

Solicitamos a sua colaboração no sentido de responder o questionário para que o objetivo do trabalho seja alcançado, como também, sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área e publicar em revista científica nacional e/ou internacional. Esta pesquisa não oferece riscos ao participante.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária, logo, não é obrigatório o fornecimento das informações. Portanto, reservamos o seu direito de solicitar a sua retirada da pesquisa a qualquer momento.

Quaisquer dúvidas no preenchimento do questionário, favor nos consultar. Estamos a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa do questionário.

Agradecemos a sua colaboração.

**Sanielly Ianar Alves de Lima** – Graduanda em Biblioteconomia pela UFAL.

**Profa. Dra. Roberia de Lourdes de Vasconcelos Andrade** – Orientadora da pesquisa, professora do curso de Biblioteconomia da UFAL.

Diante dos esclarecimentos acima descritos, você se propõe a responder este questionário e permite a publicação dos resultados obtidos?

- ( ) Diante dos esclarecimentos acima descritos, declaro que fui devidamente esclarecido (a) e dou o meu consentimento para responder o questionário e para a publicação dos resultados.  
( ) Diante dos esclarecimentos acima descritos, declaro que não quero responder o questionário.

**Contato com a pesquisadora responsável:**

sanys.22ianar@gmail.com; sanys-ianar\_lima@hotmail.com

## Sobre Clarice Lispector

1. Por que dentre os inúmeros escritores da literatura brasileira você escolheu Clarice Lispector como objeto de estudo para sua biografia?

*Não só da literatura brasileira, mas da literatura mundial a escolhi porque achei que realmente era uma obra belíssima, que merecia ser conhecida no mundo inteiro. E, também, porque pessoalmente, entre mim e a Clarice, foi um caso de amor.*

2. De que forma a literatura de Clarice influenciou sua vida pessoal e profissional?

*Nas duas, profundamente. De certa forma, minha carreira começou com o meu amor por Clarice.*

3. Como você observa a relação de Clarice com a Ucrânia e o Brasil?

*Ela saiu da Ucrânia muito menina, e se criou no Brasil inteiramente. Contudo, os brasileiros nunca pararam de insistir neste ponto, de ela ter nascido em outro país. E de fato ela tinha um passado muito diferente da maioria dos brasileiros, também por causa da perseguição que a família dela sofreu por serem judeus.*

## Sobre a "fonte" biografia

4. Como se deu a busca de informação para o processo construtivo de sua biografia?

*Entrevistas, pesquisas em arquivos e bibliotecas, enfim, da maneira normal. Mas muito importante foi IR e VER os lugares e pessoas que você está descrevendo. Sem isso, é muito difícil.*

5. De que maneira você ver a "biografia" enquanto fonte de informação?

*Este aspecto, para mim, é bem secundário. Informação você tem em cronologias, documentos. Uma biografia é uma costura de tudo aquilo para criar uma narrativa e, sobretudo, uma personagem.*

6. Você caminha por uma relação sociológica entre a vida, a obra e o contexto social em que ela está inserida. Como você construiu essa relação?

*De forma muito natural. Se você é de Pernambuco, por exemplo, como ela, é importante saber o que foi Pernambuco. Como era a sociedade, a política, as coisas que têm uma influência marcante na vida de cada um de nós.*

## Sobre "Clarice, uma biografia"

7. Sua biografia em determinados momentos apresenta um aspeto (não)linear, ou seja, há certa ausência ou falta de ordem cronológica. Essa foi sua intenção?

*Sim, claro. Uma biografia é uma construção, uma narrativa. Não importa contar o que ela fez na segunda-feira e depois na terça-feira. O que importa é ressaltar certos temas e dar-lhes o devido peso. Se o que ela fez na segunda-feira reflete algo que ela sofreu ou viveu três anos antes, isso é bem mais importante.*

8. O título original de sua biografia é "Why this world: a biography of Clarice Lispector", que traduzido significa "Por que este mundo: uma biografia de Clarice Lispector". Já a tradução brasileira, produzida por José Geraldo Couto, é intitulada "Clarice, uma biografia". Como você analisa essa diferença?

*Foi uma escolha da editora brasileira, a saudosa Cosac Naify. Cada país tem suas preferências, como é o caso com capas, etc.*

9. Você constrói sua biografia em capítulos que recebem títulos ligados à Literatura e à História. Isso foi proposital?

*Humm, acho que não. Nunca tinha pensado nisso. Só botei frases que achei engraçadas ou propositais.*

10. Na introdução de sua biografia você expõe impressões de alguns escritores sobre Clarice Lispector. Quais são suas impressões enquanto biógrafo de Clarice?

*Ah, as minhas impressões estão no livro inteiro, e nos quase vinte anos que tenho dedicado à tradução e divulgação da obra dela pelo mundo inteiro.*

11. Você gostaria de acrescentar algo que não foi perguntado neste questionário?

*Boa sorte com a sua pesquisa!*